



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

**Exploração de experiências de sistemas familiares inseridos na prática de
Karatê-Do Shotokan**

JÚLIA GOUVEIA DE MATTOS LEME

Brasília, DF

2022



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA

Exploração de experiências de sistemas familiares inseridos na prática de

Karatê-Do Shotokan

JÚLIA GOUVEIA DE MATTOS LEME

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPG-PsiCC) do Instituto de Psicologia (IP) da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura.

Orientadora: Doutora Isabela Machado da Silva

Coorientadora: Doutora Regina Lúcia Sucupira Pedroza.

Brasília, DF

2022

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, sob a orientação da Profa. Dra. Isabela Machado da Silva e coorientação da Profa. Dra. Regina Lúcia Sucupira Pedroza.

Banca avaliadora:

Professora Dra. Isabela Machado da Silva (Universidade de Brasília, UnB) - Presidente

Professora Dra. Sílvia Renata Magalhães Lordello Borba Santos (Universidade de Brasília) -
Membro Interno

Professor Dr. Victor Lage (Universidade de Brasília) - Membro Interno

Professora Dra. Thabata Castelo Branco Telles (Universidade de São Paulo, USP) - Membro
Externo

Professor Dr. Cristiano Roque Antunes Barreira (Universidade de São Paulo, USP) - Membro
Externo Suplente

“In my time I’ve been very fortunate to see many of my dreams come true!”

- Arthur C. Clarke

Agradecimentos

Por esse momento, agradeço primeiramente aos meus pais e irmã. Sem Paulo, Ilmara e Izabel, nunca em minha vida sonharia em chegar nos lugares onde cheguei. Ser observada em minhas conquistas e observar minha família nas conquistas deles me faz mais feliz, mais humana, mais terna e deles me aproxima. Obrigada pela oportunidade de experimentar a vida, de experimentar estar viva. Eu nasceria mil vezes novamente, se isso significasse poder conhecer vocês de novo.

Agradeço também aos meus amigos, que são as pessoas que habitam um lugar precioso no meu coração. Clara, Dalysa, Felipe Crivello, Felipe Mattiello, Julia, Luiza, Tiago, Priscila, Vinícius. Sem o abraço de vocês, sem o tempo de qualidade para olhar no olho com carinho e atenção plena, nesta vida me faltaria calor.

Agradeço ao Sensei Gabriel Alonzo, que me ensinou o Dojo Kun e em todos os dias de minha prática me lembrou da importância da filosofia do Karatê-Do. Sem o Karatê, minha vida não teria percorrido os rumos de felicidade, saúde e integração do corpo e da mente que venho experimentando. Agradeço também à Carol, minha querida amiga e educadora física que me ensinou a respeitar os meus limites e a buscar a minha melhor versão. Disciplina é liberdade.

Agradeço imensamente às minhas orientadoras, Professora Isabela Machado e Professora Regina Pedroza, por com afeto, paciência e cuidado me acolherem em minhas ideias e por me permitirem ser eu mesma em minhas empreitadas. Nunca tolhida, sempre orientada.

Agradeço também à UnB, primeiro lar da minha família, chão no qual engatinhei. Sem UnB, não existo da forma como me conheço. Muito obrigada também ao Instituto de Psicologia,

minha tão valiosa casa nos últimos oito anos, e ao Programa de Pós-Graduação (PPG-PsiCC) por cultivar o que a graduação plantou.

Um grande agradecimento também à CAPES, por mesmo frente aos desafios à ciência, fomentar a pesquisa e ajudar a tantos estudantes neste país a alcançarem seus objetivos. Sem o auxílio prestado, esta dissertação seria apenas um sonho.

Resumo

O presente trabalho, intitulado *Exploração de Experiências de Sistemas Familiares Inseridos na Prática de Karatê-Do Shotokan*, buscou compreender as mútuas repercussões entre as relações familiares e a prática do Karatê, a partir das contribuições da Teoria Familiar Estrutural Sistêmica. A primeira etapa da dissertação, denominada Estudo 1, constitui-se de uma revisão integrativa da literatura, com o objetivo de apresentar um levantamento da produção científica nacional e internacional a respeito da interseção entre famílias e esporte nas últimas duas décadas. A segunda etapa da dissertação, denominada Estudo 2, teve como objetivo buscar explorar, a partir de um estudo de caso coletivo, as experiências de familiares que praticam Karatê em conjunto e as repercussões percebidas nas relações familiares. Constatou-se que a pesquisa sobre as mútuas repercussões entre as relações familiares e a prática esportiva ainda é incipiente, tendo em vista a pequena quantidade de publicações disponíveis abordando a temática. Por fim, a partir do estudo de caso coletivo, foi possível identificar que os participantes percebem benefícios na prática do Karatê junto a membros da própria família, por enxergar o esporte como ferramenta de estreitamento de vínculos familiares. Conclui-se que as repercussões da vivência esportiva nas relações familiares são um assunto cujo potencial ainda pode ser muito mais explorado pela literatura. Há nesse campo um amplo potencial de pesquisa, representando uma proposta de enriquecimento das relações familiares por estimular que seus praticantes passem mais tempo juntos e compartilhem um interesse em comum.

Palavras-chave: relações familiares, famílias, esportes, teoria familiar sistêmica

Abstract

The present work, entitled *Exploring Experiences of Family Systems Inserted in the Practice of Karate-Do Shotokan*, sought to qualitatively expand the available scope of research within Structural Family Therapy. The dissertation's first stage, entitled Study 1, consisted of an integrative literature review, with the objective of obtaining more information about what was published in the national and international scientific databases about the intersection between families and sport in the last two decades. The dissertation's second stage, entitled Study 2, aimed to explore, from a collective study case, the experiences of family members who practice Karate together, along with the repercussions perceived in the dynamics of family interaction from the sport's shared practice. Through the integrative literature review, it was found that interest in the mutual repercussions of sports practice on family interactions is still incipient, given the small amount of available publications. Finally, from the collective study case, it was possible to notice that the participants perceive benefits in the practice of Karate along with members of their own family, as they see the sport as a tool for strengthening family ties. It is concluded that the repercussions of sports experience on family relationships is a subject whose potential can still be much more explored by the literature. This field has a wide research potential and represents a proposal to enrich family relationships by encouraging its practitioners to spend more time together and share a common interest.

Keywords: family relationships; families; sports; family interactions.

Sumário

Apresentação	12
Objetivo Geral e Objetivos Específicos	12
Justificativa Científica e Justificativa Social	13
Contextualização	14
Teoria Sistêmica	14
Teoria Familiar Sistêmica	15
Teoria Estrutural Sistêmica de Salvador Minuchin	15
Estudo 1. Repercussões entre a Prática Esportiva e as Relações Familiares: Revisão Integrativa de Literatura	18
Objetivos	18
Método	18
Resultados e Discussão	21
Repercussões da prática esportiva nas relações familiares	30
<i>Treinadores Esportivos e a Negociação Entre Trabalho e Família</i>	<i>30</i>
<i>Subsistema Fraterno</i>	<i>32</i>
<i>Esporte Para Jovens e As Repercussões Nas Relações Familiares</i>	<i>34</i>
<i>Lazer Familiar e Paternidade</i>	<i>36</i>
As Mútuas Influências Entre a Vivência Esportiva e As Relações Familiares	37
<i>Família Como Motivo de Escolha, Permanência e Desistência De Uma Modalidade Esportiva</i>	<i>37</i>
<i>Quando o Seu Pai é o Seu Treinador</i>	<i>39</i>
<i>O Papel Familiar Na Formação Do Atleta e o Papel Do Esporte e Da Família No Desenvolvimento de Valores Sociais</i>	<i>41</i>
Síntese do Estudo 1	43
Estudo 2: Estudo de Caso Coletivo	46
Exploração de experiências de sistemas familiares inseridos na prática de Karatê-Do Shotokan	46
Apresentação do Estudo	46
Objetivos	49
Método	49
Delineamento	49
Instrumentos	51
Cuidados Éticos	52

Análise de dados	53
Resultados e Discussão	54
Apresentação dos Subsistemas	54
<i>Subsistema 1 - Isidoro e Iago (Pai e Filho)</i>	<i>54</i>
Categoria 1 - A Filosofia do Karatê-Do Shotokan.	55
Categoria 2 - A Interação Familiar Diante de Alegrias e Desafios na Prática de Karatê.	57
Categoria 3 - O Karatê Como Proporcionador do Estreitamento do Vínculo.	60
Categoria 4 - O Embate Físico Enquanto Pai e Filho.	62
Categoria 5 - Quando Seu Filho Possui Uma Graduação de Faixa Maior do que a Sua.	64
Categoria 6 - Percepções do Pai Sobre Repercussões da Prática Esportiva do Filho no Subsistema Fraterno.	65
Categoria 7 - O Incentivo Familiar Para a Permanência na Arte Marcial.	66
Discussão Subsistema 1	67
<i>Subsistema 2 - Cléo e Luísa (Mãe e Filha)</i>	<i>70</i>
Categoria 1 - A Filosofia do Karatê-Do Shotokan.	71
Categoria 2 - A Interação Familiar Diante de Alegrias e Desafios na Prática de Karatê.	72
Categoria 3 - O Karatê Como Proporcionador do Estreitamento do Vínculo.	75
Categoria 4 - O Embate Físico Enquanto Mãe e Filha.	75
Categoria 5 - Quando Seu Filho Possui Uma Graduação de Faixa Maior do Que a Sua.	77
Discussão Subsistema 2.	79
<i>Subsistema 3 - Dafne e Rodolfo (Casal)</i>	<i>81</i>
Categoria 1 - O Karatê como Proporcionador do Estreitamento do Vínculo.	82
Categoria 2 - A Interação Conjugal Diante de Alegrias e Desafios na Prática de Karatê.	82
Categoria 3 - O Embate Físico Enquanto Casal.	84
Categoria 4 - O Incentivo Conjugal para o Permanecimento na Arte Marcial.	85
Discussão Subsistema 3	86
<i>Subsistema 4 - Pedro (Filho)</i>	<i>88</i>
Categoria 1 - O Karatê Como Proporcionador do Estreitamento do Vínculo.	89
Categoria 2 - A interação Familiar Diante de Alegrias e Desafios na Prática de Karatê.	90
Categoria 3 - O Embate Físico Enquanto Pai e Filho.	91
Categoria 4 - As Repercussões da Prática de Karatê Entre Pai e Filho no Sistema Familiar.	92
Categoria 5 - Quando Seu Pai e Você Possuem a Mesma Graduação de Faixa.	92
Categoria 6 - O Incentivo Familiar Para o Permanecimento na Arte Marcial.	93
Discussão Subsistema 4	94
Discussão Geral	95
Considerações Finais	99
	10

Referências	104
Anexos	111
Anexo 1: Parecer Consubstanciado do CEP	111
Anexo 2: Formulário de avaliação para os artigos pré-selecionados:	117
Anexo 3: Entrevista Familiar Estruturada	119
Anexo 4: Entrevista Semiestruturada - Exploração de Experiências em Participação Esportiva Junto a Familiares	123
Anexo 5: Termo de Autorização para Utilização de Imagem e Som de Voz para Fins de Pesquisa	126
Anexo 6: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	127
Anexo 7: Termo de Assentimento	129

Apresentação

O interesse por estudar famílias no contexto esportivo do Karatê-Do Shotokan surgiu após experiências pessoais com o esporte e a partir da observação de famílias diante de situações tensionadoras proporcionadas pela prática. Certa feita, após dois anos de prática, presenciei uma prática de embate esportivo em que o *sensei* do *dojo* pediu para que pai e filho (ambos veteranos na academia) se confrontassem fisicamente de maneira direta em uma modalidade chamada Shiai Kumite. Segundo Sandall (2010), o Shiai Kumite é uma prática competitiva de Karatê, com regras pré-estabelecidas e com o objetivo de realizar pontuações com golpes para se tornar o vencedor da rodada. Na situação descrita, após o pedido do professor, seguiu-se um aparente desconforto e hesitação da parte de ambos, bem como um provável estranhamento pela natureza da situação por parte de todos os presentes. O professor, então, de maneira a incentivar o prosseguimento do embate, proferiu em tom de brincadeira a seguinte frase para o filho: “ aqui é o único lugar onde é socialmente esperado que você bata no seu pai”. Essa foi a frase que encabeçou o presente projeto de dissertação de mestrado, demonstrando, em sua simplicidade, um universo de possibilidades de exploração de experiências familiares no contexto das artes marciais.

Como psicoterapeuta com a trajetória de formação voltada para a teoria sistêmica, uma abordagem que traz como foco de interesse as dinâmicas de organização de grupos sociais, tais como famílias e casais em suas infinitas possibilidades de organização e de experiências (Bruscagin, 2010), encaro com naturalidade o surgimento de meu interesse por investigar temas ainda incipientes na produção acadêmica relacionada. Ao longo da pesquisa, serão aprofundados temas como publicações já existentes envolvendo as repercussões da vivência esportiva nas relações familiares, bem como as experiências de famílias entrevistadas praticantes de Karatê-Do Shotokan.

Objetivo Geral e Objetivos Específicos

O objetivo geral da presente pesquisa é compreender as inter-relações da prática esportiva do Karatê com as relações familiares. A partir do objetivo geral, destacam-se também dois objetivos

específicos, divididos na presente dissertação como *Estudo 1* e *Estudo 2*. O *Estudo 1* buscou explorar a literatura científica publicada entre os anos 2000 e 2021 a respeito das repercussões entre a vivência esportiva e as relações familiares. Respectivamente, o *Estudo 2* foi realizado com o intuito de investigar a partir de método qualitativo de entrevistas semiestruturadas as experiências de indivíduos que engajaram-se em uma prática continuada de Karatê-Do Shotokan junto a membros da própria família.

Justificativa Científica e Justificativa Social

O estudo apresentado possui, como justificativa científica, a necessidade de ampliação do número de estudos psicológicos que permeiam focos diversificados de interesse dentro do leque teórico da perspectiva sistêmica. Os sistemas familiares, em suas respectivas complexidades, habitam contextos que ultrapassam as barreiras do ambiente doméstico e do consultório de terapia familiar. A interface psicologia-esporte, articulando a compreensão da subjetividade humana no exercício da prática esportiva, mostra-se ainda como um tema incipiente de interesse dentro do universo da teoria sistêmica. Possibilidade real e concreta de atuação do psicólogo, a análise das interações sociais familiares na perspectiva de quem participa da atividade esportiva é um estudo desejável e que permeia uma área de interesse da psicologia, existindo muito ainda a se produzir no âmbito do conhecimento esportivo vinculado ao viés psicológico (Rubio, 2007).

Em termos de justificativa social, o art. 217 da Constituição da República Federativa do Brasil (1988) classifica o esporte como direito social, e sua promoção, desenvolvimento e compreensão sistêmica devem constar como uma das preocupações da psicologia. Entender o ser humano no esporte ajuda o psicólogo a compreender melhor o papel fundamental das interações esportivas no desenvolvimento e fortalecimento de relações sociais entre seus praticantes, bem como a promoção de lazer e incentivo à saúde, educação e economia (CFP, 2018).

O incentivo a estudos que se referenciam não apenas ao universo do esporte de atletas homens de alto rendimento (Jacomin et al., 2013) ajuda a colocar em evidência outras realidades,

como a da família e a participação de seus sistemas transgeracionais. As famílias, em suas composições diversas e singulares, frequentemente englobam indivíduos diferentes do participante-modelo “homem atleta”, como idosos, mulheres, pais e filhos, que também possuem como direito social o protagonismo em estudos que vinculem sua interação ao campo das práticas marciais.

Contextualização

Teoria Sistêmica

A abordagem sistêmica constitui-se como abundante fonte teórica de ferramentas auxiliares na interpretação do contexto humano, no qual estamos inseridos como seres transformadores e passíveis de transformação. Estudos engajados no aporte teórico sistêmico possuem como alicerce o conceito de sistema, construído a partir das pesquisas iniciais da Teoria Geral de Sistemas, obra fruto dos estudos do biólogo austríaco Ludwig von Bertalanffy (2014). Para Bertalanffy, um sistema corresponde a um conjunto constituído por partes que interagem de forma interdependente, resultando na formação de um todo unitário. Os sistemas foram, ainda, classificados pelo biólogo quanto à sua natureza: o sistema fechado é autossuficiente em sua totalidade e fechado à interação com o ambiente externo, como as máquinas; o sistema aberto, foco de interesse do presente estudo, realiza trocas com o exterior, influenciando-o e sendo por ele influenciado e gerando mecanismos dinâmicos de autorregulação em prol de seu equilíbrio perante as mudanças (dinâmica denominada de homeostase). As ideias de Bertalanffy foram interpretadas de forma a contemplarem não apenas sistemas maquinários ou restritos à biologia, mas também os grupos sociais, considerados a partir de então sistemas vivos abertos em contínua interação com o ambiente (Bruscagin, 2010). Os grupos sociais, na perspectiva de Bitencourt e Bezerra (2011), são definidos como a reunião de duas ou mais pessoas, ligadas umas às outras pela interação e pela existência de objetivos comuns.

Teoria Familiar Sistêmica

O grupo social eleito para o estudo aqui apresentado é a unidade familiar. A família é entendida por um conjunto de pessoas que se relacionam por laços de parentesco e/ou laços de afetividade e é “definida como sistema na medida em que funciona como tal” (Bruscagin, 2010, p. 46). A família possui propriedades fundamentais para a definição do que é um sistema a partir da obra de Bertalanffy (2014), tais como estratégias de autorregulação e auto-organização em busca do equilíbrio em sua interação com o exterior e entre seus componentes internos. Sua interação perpassa normas, códigos e símbolos incorporados de forma ajustada à unidade familiar e desenvolvidos a partir de convivência que carrega bagagens transgeracionais, tornando cada sistema familiar único e diversificado em sua composição (Bruscagin, 2010). Quando o interesse pela complexidade familiar foi despertado, após a Segunda Guerra Mundial, foram diversas as contribuições para o atendimento familiar e para o atendimento da família enquanto sistema. Entende-se que a Teoria Familiar Sistêmica não possui uma fundadora ou fundador único, mas que sua construção teórica seguiu uma abordagem diversificada e com pinceladas da personalidade e da visão de cada um dos renomados terapeutas fundadores das escolas clássicas da teoria.

Teoria Estrutural Sistêmica de Salvador Minuchin

Dentre as diversas escolas sistêmicas existentes, a abordagem eleita como lente de avaliação no presente estudo foi a Abordagem Estrutural de Salvador Minuchin (1982), por auxiliar as dinâmicas de análise dos dados coletados ao compreender a família enquanto um sistema que opera em subsistemas definidos pela estrutura da relação (parental, fraterna, conjugal), gênero, idade e outros aspectos delimitantes.

Salvador Minuchin, em sua obra clássica *Families and Family Therapy* (1974), afirma que o indivíduo não pode ser visto de maneira isolada, mas sim como alguém que reage ao próprio contexto social e à forma como a família da qual faz parte está organizada, bem como também alguém que atua enquanto agente influenciador e catalisador de mudanças em seu contexto e

sistema familiar. Portanto, ao colocar-se uma família em foco para avaliação sob a perspectiva estrutural, é essencial buscar observar o papel dos indivíduos dentro da estrutura familiar, que orientará como os membros daquela família irão interagir entre si. A estrutura familiar confere ao sistema, segundo Minuchin, a característica de não se resumir apenas à individualidade de cada uma das pessoas ali presentes, mas sim de operar enquanto “uma totalidade organizada cujas partes funcionam de maneira que transcende suas características isoladas” (Minuchin et al., 2009, pp. 1).

Sob o aporte teórico da terapia familiar sistêmica estrutural (Minuchin, 1974), entende-se que cada sistema familiar será regido por sua própria estrutura, com hierarquias e pressupostos que pautam as interações familiares de maneira tão singular quanto as infinitas organizações familiares existentes (Wagner et al., 2011). Tais interações refletem padrões de funcionamento do sistema, ativados quando um membro interage com o outro dentro de um subsistema ou entre subsistemas.

Os subsistemas familiares são um importante conceito para o entendimento da terapia familiar estrutural. Segundo Minuchin (1974), os sistemas familiares são subdivididos internamente em sua estrutura, organizando-se em subsistemas. Tais subsistemas são entendidos como agrupamentos internos do sistema geral, delimitados por fronteiras que se organizam, dentre outros fatores, de acordo com gênero, papéis, regras e com base na geração familiar, e ditam as expectativas de comportamento e de interação entre os diversos membros da família. Cada indivíduo vivencia uma gama de subsistemas dentro de sua experiência familiar, estando sujeito a diferentes naturezas de hierarquia, cobrança e interação. Em citação direta, Minuchin afirma em sua obra *Families and Family Therapy* (1974, p.52), em tradução literal: “um homem pode ser um filho, um sobrinho, um irmão mais velho, um irmão mais novo, um marido, um pai, e assim por diante. Em diferentes subsistemas, ele adentra diferentes relações complementares. Pessoas se acomodam de maneira caleidoscópica para atingir a mutualidade que torna as relações humanas possíveis.”

Salvador Minuchin (1974) traz, juntamente com o conceito de subsistema, a noção de fronteiras que permeiam as interações familiares. As fronteiras são, por definição, demarcações invisíveis que perpassam todos os subsistemas familiares e a própria unidade familiar em interação

com o meio externo. Tais fronteiras (nítidas, rígidas ou difusas) delimitam o nível de permeabilidade de emoções e informações entre as partes envolvidas, protegendo e diferenciando os membros do sistema, decidindo quem participa em qual interação, ressaltando identidades individuais e delegando e reforçando papéis familiares. As características da fronteira são variáveis a depender do sistema familiar, e fronteiras difusas ou muito rígidas podem gerar interações disfuncionais entre os membros da família ou com o ambiente externo.

Ao compreendermos então a família como sistema aberto, em sua natureza dinâmica de trocas com o ambiente externo, torna-se natural o interesse científico pela unidade familiar e seus respectivos subsistemas na interação com diferentes contextos. Entende-se que o interesse da psicologia sistêmica pela unidade familiar não deve se restringir apenas ao ambiente doméstico ou do consultório clínico, uma vez que a família existe para além de ambos os contextos e ocupa múltiplos espaços que refletem sua complexidade e os interesses de seus membros.

Estudo 1. Repercussões entre a Prática Esportiva e as Relações Familiares: Revisão Integrativa de Literatura

Objetivos

O ambiente esportivo, devido aos desafios e superações a ele intrínsecos (Horta e Fernandes, 2018), suscita o interesse de pesquisa por seu dinamismo e diversidade. Torna-se, então, natural o desejo por explorar a partir do aporte sistêmico as vivências familiares associadas à prática esportiva. O objetivo do presente estudo, denominado Estudo 1, foi o de investigar quais foram as publicações científicas sobre a temática “repercussões entre a vivência esportiva compartilhada e as relações familiares”, no intervalo entre os anos de 2000 e 2021. Com esse objetivo de pesquisa, pretendeu-se conhecer mais a respeito do que já foi publicado na interseção entre vivências familiares e o contexto esportivo em bases de dados nacionais e internacionais.

Método

Para realizar a busca e exploração da temática das repercussões entre a vivência esportiva compartilhada e as relações familiares, optou-se pelo método de revisão integrativa de literatura. A revisão integrativa é uma prática de revisão de literatura baseada em evidências, que abrange a utilização de estudos experimentais e não-experimentais com o objetivo de sintetizar o conhecimento já existente e aprimorar a investigação do fenômeno em foco (Souza et al., 2010).

Na tentativa de realizar uma revisão integrativa fiel à descrição do método escolhido, os passos adotados seguem as orientações descritas no artigo de Souza et al. (2010). O 1º passo sinalizado pelas autoras é o de realizar a delimitação da pergunta de pesquisa. Tal delimitação possui o objetivo de nortear os estudos que serão incluídos na análise, quais as informações essenciais a serem coletadas em cada estudo e como será feita a sintetização dos resultados. A pergunta norteadora escolhida para a presente revisão foi a seguinte: quais foram os estudos

científicos publicados sobre a temática “repercussões da vivência esportiva nas relações familiares”, no intervalo entre 2000 e 2021?

A partir da definição do questionamento norteador de pesquisa, foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão para os estudos a serem avaliados: primeiramente, foram classificados como adequados os estudos publicados entre 2000 e 2021 com delineamentos qualitativos, quantitativos e multimétodos que, em seus resumos, abordaram a temática “famílias no esporte”, relatando de maneira diversa as experiências familiares vivenciadas no âmbito esportivo. Foram incluídos tanto estudos nacionais quanto estudos internacionais em inglês, espanhol e português, buscando-se avaliar a nível nacional e internacional o que veio sendo estudado sobre as repercussões da vivência esportiva compartilhada nas relações familiares nas últimas duas décadas. Artigos e estudos que não se encaixaram nos critérios de inclusão acima foram excluídos da análise.

Após a delimitação da pergunta de pesquisa e dos critérios de inclusão, o 2º passo da análise integrativa correspondeu às buscas em bases de dados, utilizando descritores definidos após a delimitação da pergunta de pesquisa (Souza et al., 2010). Foram buscados estudos publicados a partir dos descritores “family relations” AND “sports” em busca avançada na base de dados PsycInfo (APA), bem como “relações familiares” AND “esportes”, também em busca avançada, nas bases Oasis e BVSsalud. Além de incluir estudos experimentais e não-experimentais, a revisão integrativa de literatura, sendo uma metodologia ampla que permite a utilização de variadas modalidades de estudos, considera também como válida à análise tanto os artigos publicados quanto estudos categorizados como literatura cinzenta (teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso) (Teixeira et al., 2013). Levando em conta a pequena quantidade de artigos publicados envolvendo a intersecção entre relações familiares e esportes, considerou-se relevante para a presente dissertação também a inclusão de estudos categorizados enquanto literatura cinzenta, uma vez que nas bases de dados foram encontrados estudos de temática relevante no formato de teses e dissertações. Essa decisão foi, então, tomada com o objetivo de ampliar o escopo de análise de dados, abarcando com maior abrangência os temas estudados e não limitando-os à condição de

serem artigos publicados. Após a busca nas bases de dados, o resumo de todos os estudos recuperados foi lido pela pesquisadora e avaliado acerca de sua pertinência ao tema de estudo.

Após a 1ª etapa de seleção de estudos, executou-se uma 2ª etapa de avaliação. A 2ª etapa consistiu na leitura integral de todos os artigos que haviam sido anteriormente incluídos. Na 2ª etapa do estudo, foram adicionados novos critérios de inclusão. Ao longo da leitura integral dos artigos pré-selecionados, buscou-se por estudos que descrevessem a experiência de subsistemas familiares (Ríos -González, 2003) que compartilham ou compartilharam o ambiente esportivo e/ou que relataram repercussões da prática de atividade física nas dinâmicas de interação dos membros da família. Estudos que não se encaixaram no critério de inclusão adicional foram excluídos, e aqueles que atenderam à exigência de temática de abordar as repercussões da prática esportiva nas dinâmicas de interação familiar foram incluídos. Para este estudo, foi considerado “compartilhamento” do ambiente de prática esportiva quando os familiares praticavam em conjunto a mesma atividade ou quando se deslocavam para assistir aos jogos e apresentações de um ou mais membros da família. Os dados extraídos dos artigos selecionados foram submetidos à análise quantitativa e qualitativa.

O 3º passo de análise da revisão integrativa (Souza et al., 2010) corresponde à coleta dos dados provenientes dos estudos selecionados. Como instrumento de codificação dos dados relevantes em cada estudo, foi elaborado um questionário na plataforma Google Forms. O questionário continha ao todo 22 perguntas a respeito do conteúdo dos estudos, bem como duas perguntas finais para suas categorizações finais de inclusão ou exclusão. As perguntas podem ser consultadas em detalhes no Anexo 1 desta dissertação. Nesta etapa, foram considerados aptos aos critérios de inclusão os artigos que abordavam a influência da vivência esportiva das relações familiares.

O 4º passo da revisão integrativa corresponde à análise dos dados coletados (Souza et al., 2010). Aqui, é realizada análise criteriosa para investigação do rigor científico-metodológico empregado nas pesquisas, contemplando as diferentes abordagens existentes de pesquisa (estudos

randomizados em ambiente controlado, estudos com delineamento experimental, estudos qualitativos, dentre outros). São também investigadas as características de cada estudo, referentes ao tema escolhido, à amostra populacional estudada, às variáveis observadas, às conclusões do estudo e às intervenções sugeridas em cada um.

Em seguida, cumpriu-se o 5º passo necessário à revisão (Souza et al., 2010): a discussão dos resultados. Nessa etapa, relata-se o que foi avaliado após a análise dos dados obtidos e compara-se a conclusão do estudo à literatura disponível a respeito do tema. Aqui são também realizadas as considerações a respeito das limitações do estudo e feitas as sugestões para novas investigações, a fim de buscar o maior enriquecimento acadêmico acerca do conhecimento em questão.

O 6º passo da revisão integrativa (Souza et al., 2010), é constituído pela construção do presente artigo, com o intuito de apresentar crítica e sucintamente ao público os dados coletados.

Resultados e Discussão

A partir das buscas com os descritores supracitados, foram disponibilizados ao todo pelas plataformas um total de 226 resultados. Desse total, 171 pertenciam à plataforma PsycInfo; 16, à plataforma Oasis; e 39, à plataforma BVSsalud.

Um total de 192 estudos foi excluído na primeira etapa de busca a partir da leitura de seus respectivos resumos, por não atenderem aos seguintes critérios de inclusão: resumo indisponível; artigo em outra língua que não português, inglês ou espanhol; capítulo de livro; resenha de filme.

Ao todo, após a etapa que correspondeu à leitura completa de todos os 34 estudos restantes, 19 estudos atenderam ao último critério de inclusão, abordando como tema exclusivo (seis estudos) ou parcial (13 estudos) as repercussões da vivência esportiva nas relações familiares (Figura 1). Foram eles: 15 estudos da base de dados APA Psycinfo, um estudo da base de dados Oasis e três estudos da base de dados BVSsalud (Figura 2). Em contrapartida, os outros 15 estudos não atenderam aos critérios de inclusão por tratarem exclusivamente da influência das relações

familiares na vivência esportiva (como investigar as influências da família como motivo de escolha da prática esportiva ou como fator de permanência e/ou desistência do esporte, por exemplo).

Figura 1.

Qual o foco de estudo do artigo? (Influências da prática esportiva nas relações familiares, influência das relações familiares na prática esportiva ou ambos)

34 respostas

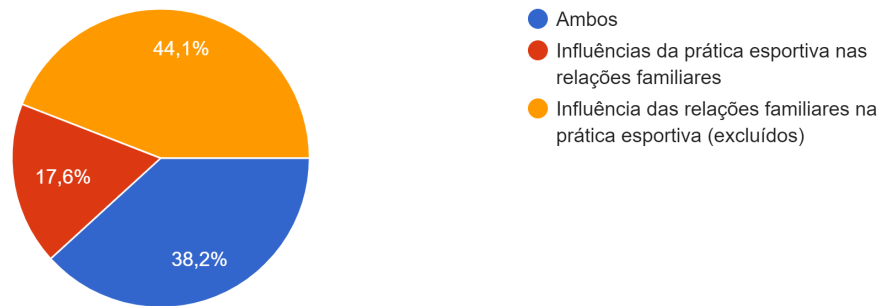
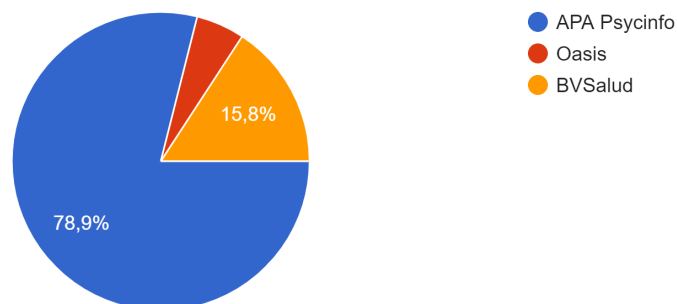


Figura 2.

Base de dados

19 respostas



Dos 19 artigos contemplados no critério final de inclusão, 10 foram publicados nos Estados Unidos, dois publicados no Canadá, três foram publicados no Brasil e os últimos quatro publicados na Austrália, Espanha, França e Reino Unido, respectivamente. (Figura 3). 17 artigos foram publicados em inglês, um em português e um em espanhol (Figura 4).

Figura 3.

País de publicação

19 respostas

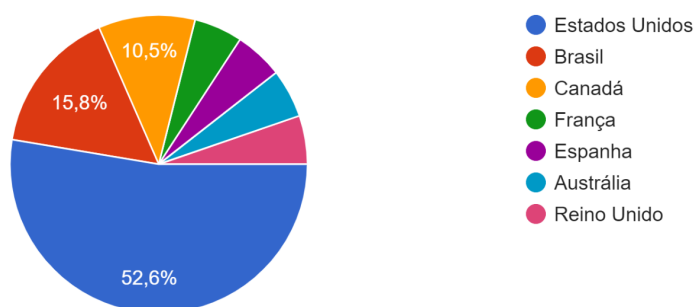
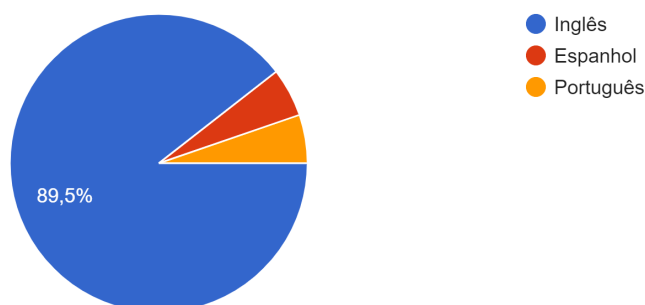


Figura 4.

Idioma do artigo

19 respostas



No que tange ao tipo de análise de dados, onze artigos seguiram a linha de análise qualitativa, seis artigos optaram pela análise multimétodos quantitativa e qualitativa e dois artigos seguiram a linha de análise quantitativa (Figura 5). O método mais utilizado para a coleta de dados dos estudos selecionados foi a entrevista como método único (seis artigos), seguida por entrevista semiestruturada e questionário juntos (quatro artigos), entrevista semiestruturada e diário juntos (dois artigos), pesquisa bibliográfica (dois artigos), entrevista, diário e observação juntos (um artigo), estudo de caso (um artigo), questionário e análise de conteúdo de grupos de discussão

juntos (um artigo), perspectiva de história oral (um artigo) e questionário como método único (um artigo) (Figura 6).

Figura 5.

Tipo de análise de dados
19 respostas

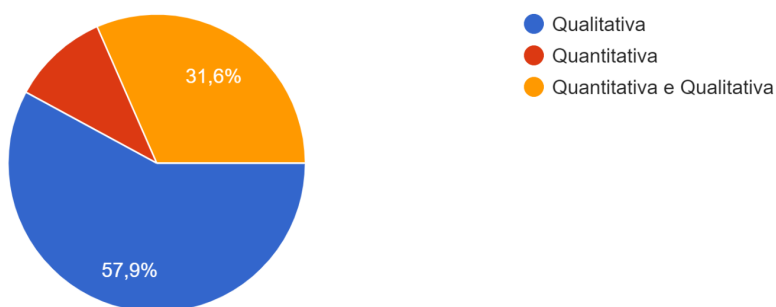
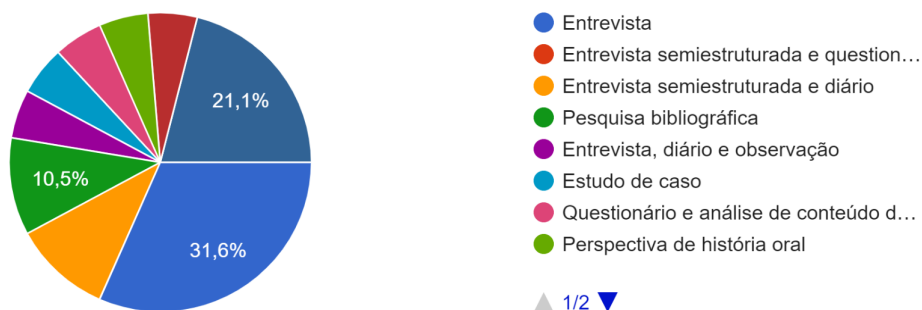


Figura 6.

Método para coleta de dados
19 respostas



● Questionário
● Entrevista estruturada e questionário

▲ 2/2 ▼

Adicionalmente, os estudos selecionados abordaram os seguintes subsistemas: (a) parental, constituído pelos pais e seus respectivos filhos (14 estudos); (b) fraterno, constituído pelos irmãos (dois estudos); (c) conjugal (constituído pela dinâmica relacional de casal) e parental (dois estudos); (d) parental e fraterno (um estudo) (Figura 7). Os participantes dos estudos reportaram compartilhar o ambiente de atividade física em oito dos artigos; em nove estudos; o compartilhamento foi considerado “variado”; e, em dois estudos, não foi relatado o compartilhamento de ambiente, seja praticando em conjunto com os familiares ou indo assistir a treinos ou jogos (Figura 8). Maiores informações acerca dos autores dos estudos, títulos dos estudos, ano de publicação, país em que os estudos foram desenvolvidos, instrumentos de coleta de dados e os tipos de análise realizadas serão referenciados na tabela abaixo (Figura 9).

Figura 7.

Subsistemas estudados
19 respostas

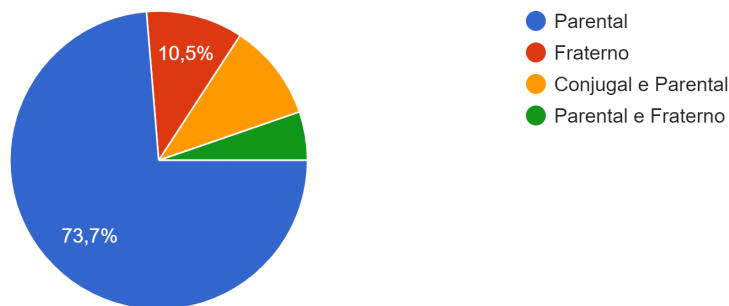


Figura 8.

Compartilham o ambiente de atividade física?

19 respostas

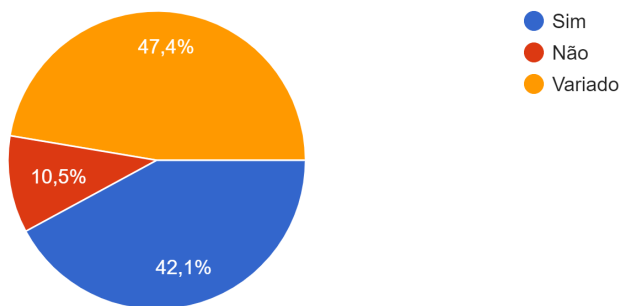


Figura 9.

Nome do artigo	Autores	País de publicação	Qual o tipo de análise de dados do artigo?	Qual o método de avaliação utilizado no artigo?
To Be, or Not to Be (Like My Sibling), That Is the Question: Examining Modeling and Differentiation Behaviors Among Siblings in Organized Youth Sport	Osai (2018)	Estados Unidos	Quanti-Quali	Entrevista semi-estruturada e questionário
“It’s Not Just Your Dad, It’s Not Just Your Coach...” The Dual-Relationship in Female Tennis	Schmid et al. (2015)	Estados Unidos	Quanti-Quali	Entrevista e Questionário

Players				
Early Socialization of Parents Through Organized Youth Sport	Dorsch et al. (2015)	Estados Unidos	Qualitativa	Entrevista, Diário e Observação
A Qualitative Investigation of the Sibling Sport Achievement Experience	Blazo et al. (2014)	Estados Unidos	Qualitativa	Entrevista
Understanding the impact of youth participation in organized sport on family functioning	Newhouse-Bailey (2012)	Estados Unidos	Qualitativa	Entrevista
Correlates of Children and Parents Being Physically Active Together	Lee et al. (2010)	Estados Unidos	Quantitativa	Questionário
Work-Family Conflict, Part I: Antecedents of Work-Family Conflict in National Collegiate Athletic Association Division I-A Certified Athletic Trainers	Mazerolle et al. (2008)	Estados Unidos	Quanti-Quali	Questionário e entrevista

The Good Father: Parental Expectations and Youth Sports	Coakley (2006)	Estados Unidos	Qualitativa	O artigo sugere ter realizado uma revisão de literatura, mas não especifica o método
Invisible players: a family systems model	Hellstedt (2005)	Estados Unidos	Qualitativa	Estudo de Caso e Revisão de Bibliografia
Family Dynamics and Adolescent Experiences in Soccer	Moon (2003)	Estados Unidos	Quanti-Quali	Questionário e Entrevista
Family involvement in the process of women's basketball sports development / envolvimento dos familiares no processo de formação esportiva no basquetebol feminino	Folle et al. (2018)	Brasil	Qualitativa	Entrevista
Parental support in sports development of Brazilian gymnasts participants in the Olympic Games (1980-2004)	Schiavon & Soares (2016)	Brasil	Qualitativa	Perspectiva de História Oral
Interferência Familiar na Prática	Moura (2010)	Brasil	Qualitativa	Entrevista

Esportiva dos Filhos: Análise de Histórias de Vida				
#HealthyDads: “Fit Fathering” Discourse and Digital Health Promotion in Dad Blogs	Scheibling & Marsiglio (2020)	Canadá	Qualitativa	Análise de conteúdo
Organized Youth Sport, Parenthood Ideologies and Gender Relations: Parents’ and Children’s Experiences and the Construction of “Team Family”.	Trussell (2009)	Canadá	Qualitativa	Entrevista Semi-Estruturada e diário
Is the game lost in advance? Being a high-performance coach and preserving family life	Joncheray et al. (2019)	França	Qualitativa	Entrevista
Talent Development: The Role of the Family	Harwood et al. (2012)	Reino Unido	Quantitativa	Pesquisa Bibliográfica
Pedagogía de la convivencia y educación no	Valdemoros et al. (2011)	Espanha	Quanti-Quali	Questionário e análise de conteúdo de grupos de discussão

formal: un estudio desde el ocio físico-deportivo, los valores y la familia				
Sport and Leisure as Contexts for Fathering in Australian Families	Harrington (2005)	Austrália	Qualitativa	Entrevista e Diário

Repercussões da prática esportiva nas relações familiares

Os seis artigos que abordaram exclusivamente as repercussões da prática esportiva nas relações familiares tratam de diferentes temáticas, que serão abordadas nas subseções a seguir.

Treinadores Esportivos e a Negociação Entre Trabalho e Família

Ao longo da revisão integrativa, dois dos estudos abordaram as experiências de treinadores esportivos de alta-performance e suas negociações acerca da divisão de tempo entre trabalho e família (Joncheray et al., 2019; Mazerolle et al., 2008). Ambos os artigos investigaram a difundida noção de que ser um treinador de alta performance é se engajar em uma profissão que demanda quantidades significativas de dedicação, uma vez que atuar na evolução de atletas olímpicos é algo que demanda tempo, paciência e adaptação aos prazos apertados e à competitividade. Os estudos, então, se propuseram a avaliar o impacto da profissão em treinadores em diferentes áreas da vida familiar, abarcando os subsistemas conjugal e parental.

Joncheray et al. (2019) conduziram entrevistas semiestruturadas com 41 treinadores franceses de elite (oito mulheres e 33 homens) envolvidos na preparação para os Jogos Olímpicos. A perspectiva de análise escolhida foi qualitativa, e o método selecionado foi a entrevista semi-estruturada; Após a análise das entrevistas, o estudo concluiu que todos os treinadores entrevistados estavam em “uma relação apaixonada com o trabalho” (Joncheray et al., 2019,

pp.456). Dentre eles, foram identificados três grupos distintos: (1) treinadores incapazes de preservar a qualidade da vida familiar; (2) treinadores que relatam precisar manter uma distância do trabalho em nome da preservação da vida familiar; (3) treinadores que podem ou não ter a vida familiar afetada pelo trabalho, e que fazem o possível para tentar preservar a vida familiar de outros treinadores que supervisionam, em uma tentativa de prevenir que esses profissionais não sigam a mesma trajetória de sobrecarga. Os treinadores entrevistados relataram também que a profissão jamais possui pausas, sendo um trabalho de sete dias na semana, que não leva em conta feriados e que pode causar para a família a sensação de que o profissional “desapareceu”. É também relatado no estudo a percepção de que é impossível ter uma carreira longa sem prejuízo ao tempo dedicado à vida conjugal e parental, e que a paixão pela profissão pode ser um agente vulnerabilizante, com prejuízos à relação do treinador com sua rede de apoio familiar. Os autores relataram acreditar que o modelo de entrevista semi-estruturada foi o ideal para a realização do estudo, uma vez que ofereceu uma exploração ampla de temas que circundavam práticas logísticas de trabalho e de organização da carreira, bem como de relatos identitários a respeito de si mesmos enquanto indivíduos, profissionais e integrantes de um sistema familiar.

O artigo de Mazerolle et al. (2008) traz como tema principal o denominado “conflito família-trabalho” (aqui denominado Work-Family Conflict ou WFC) dentre treinadores esportivos profissionais de alta performance nos Estados Unidos. O estudo define o conceito de conflito família-trabalho como o cenário em que as demandas advindas do trabalho (como longas horas de jornada, agenda inflexível, trabalhar nos finais de semana, viagens constantes e cansaço) acabam interferindo nas demandas da convivência familiar. Foi adotada como perspectiva de análise uma abordagem quanti-quali, tendo 587 treinadores (324 homens e 263 mulheres) respondido ao questionário e 12 treinadores (seis homens e seis mulheres) respondido a uma entrevista.

Os autores chegaram à conclusão de que, independentemente do gênero, da idade, do status familiar, do estado civil ou da idade dos filhos, os treinadores relataram ser afetados pelo conflito família-trabalho. Um total de 68% dos participantes do survey responderam concordar com a

afirmação “Eu frequentemente tenho que perder atividades familiares importantes por causa de meu trabalho”, enquanto 50% dos participantes concordaram com a afirmação “Existe um conflito entre meu trabalho e os compromissos e responsabilidades que possuo para com a minha família”. Nas entrevistas, participantes discutiram a respeito de como as obrigações relacionadas ao trabalho de treinador esportivo ocasionaram não apenas um conflito família-trabalho, mas um conflito vida-trabalho, estendendo as dificuldades para aspectos além da família (tais como vida social e lazer). Dificuldade em passar tempo com os filhos, com o marido ou esposa e em dividir as tarefas domésticas também foram preocupações relatadas pelos entrevistados. Dentre os participantes, 5 de 12 entrevistados relataram que, caso tivessem horários mais flexíveis de trabalho, conseguiriam manejar de forma mais eficiente o trabalho e os outros aspectos das próprias vidas.

Subsistema Fraternal

Em toda a revisão integrativa de literatura, dois artigos foram encontrados abordando a relação fraterna como temática principal de análise. Osai et al. (2020) abordaram as influências mútuas entre vivência esportiva e a relação fraterna e por isso será endereçado na seção *As mútuas influências entre a vivência esportiva e as relações familiares*.

O estudo de Blazo et al. (2014) tratou das repercussões exclusivas da vivência esportiva na relação fraterna e será discutido na presente seção. Seu principal objetivo foi explorar as experiências e perspectivas de irmãos mais novos que possuem irmãos mais velhos com histórico de conquistas esportivas. A partir de uma metodologia qualitativa de análise, foram entrevistados 10 participantes estadunidenses de 18 a 32 anos (6 mulheres e 4 homens) com pelo menos uma irmã ou irmão mais velho que participa ou participou em algum momento da vida como bolsista em divisões esportivas universitárias. Os entrevistados eram o 2º ou 3º irmão em ordem de nascimento (seis e quatro participantes, respectivamente), e a diferença de idade entre os irmãos mais novos e os irmãos mais velhos variou entre dois e oito anos. Os participantes responderam a uma entrevista com perguntas abertas sobre suas experiências acompanhando a carreira esportiva de seus irmãos.

No âmbito da influência familiar, participantes do estudo de Blazo et al. (2014) descreveram o apoio familiar quando os membros da família não podiam comparecer a eventos esportivos do irmão mais velho. Nesse caso, enviar mensagens, ligar para o atleta e participar ativamente de resultados publicados online/mídias sociais relacionadas ao esporte do filho mais velho foram modalidades relatadas de suporte familiar, oferecendo ao sistema familiar a possibilidade de sentir proximidade e coesão mesmo com a distância. Alguns irmãos mais novos também forneceram relatos de contrapartida, em que os irmãos mais velhos também forneciam apoio em outras áreas da vida (não apenas no esporte praticado pelos irmãos mais novos, mas também em áreas como escola e trabalho). Filhos mais novos também mencionaram especialmente o papel do pai como figura de apoio e conexão, relatando que percebiam os irmãos mais velhos (ou a si mesmos) mais conectados com os pais por terem um gosto em comum sobre o qual podiam conversar. Adicionalmente, participantes relataram como as viagens em família para levar o irmão mais velho a treinos/jogos/seletivas tinham também como repercussão a criação de mais tempo de interação familiar. Por último, irmãos mais novos relataram perceber como benefícios advindos da carreira esportiva dos irmãos o fato de que ganhavam roupas novas, ingressos para jogos e eventos, bem como a possibilidade de viajar para lugares diferentes e conhecer pessoas novas, aumentando a própria rede de contatos.

Em relação à influência social, participantes do estudo de Blazo et al. (2014) relataram não ser incomum que os irmãos fossem reconhecidos pelos outros por seu talento esportivo, e que eles mesmos fossem identificados socialmente como “irmão de fulano”, “mini-fulano” ou até tivessem seus nomes confundidos pelos nomes dos irmãos mais velhos. Ao longo da entrevista, participantes também frisaram a percepção de que as outras pessoas esperavam que eles seguissem os mesmos passos atléticos dos irmãos ou que os superassem em seus feitos, uma expectativa social geradora de pressão. Por outro lado, os participantes relataram o orgulho que sentiam da trajetória de seus irmãos, bem como de outras de suas características (determinação, ética de trabalho, entre outros). Foram relatados também os sentimentos de vínculo com os irmãos, descritos como uma amizade

entre amigos próximos mesmo que a irmã ou o irmão mais velho estivesse distante, passando períodos ou morando fora da cidade.

No que se refere ao desenvolvimento de suas identidades, os participantes descreveram suas próprias jornadas, superando comparações feitas pelos outros ou por si mesmos com os irmãos mais velhos acerca não apenas da carreira esportiva dos irmãos, mas de desempenhos escolares, aparência e outros aspectos. Foram relatadas nas entrevistas esforços ativos dos irmãos mais novos em se diferenciarem de forma funcional para o sistema familiar e suas relações, construindo a própria identidade sem que isso significasse um afastamento dos próprios irmãos, prejudicando o vínculo que possuíam (Blazo et al., 2014).

Por fim, participantes relataram sentir um “vazio” que demorava a passar quando irmãos e irmãs se deslocavam para fora da cidade para cumprir obrigações esportivas. Passar pela mudança drástica de não ver mais o irmão todos os dias bem como sentir que não fariam parte da nova etapa de vida dos irmãos foram temas que influenciaram a sensação de abandono. Em segundo lugar, os participantes comentaram que a atenção que os irmãos mais velhos recebiam por conta da trajetória de talentos no esporte despertava sentimentos de inveja e que existiam, por vezes, pensamentos de que os irmãos mais velhos seriam os favoritos dos pais, enquanto a eles não era dada a oportunidade de mostrar os próprios talentos. O artigo como um todo oferece um panorama único da experiência de ser irmão mais novo de alguém talentoso no esporte, bem como uma percepção interessante das dinâmicas familiares dos sistemas que contam com um atleta de alta performance.

Esporte Para Jovens e As Repercussões Nas Relações Familiares

O artigo de Dorsch e Smith (2015) trata da percepção de como o esporte repercute e molda as relações familiares, bem como práticas de parentalidade. Quatro famílias de casais heterossexuais foram selecionadas e as experiências dos pais ao longo dos primeiros 15 meses de participação esportiva dos filhos foram avaliadas longitudinalmente por meio de entrevistas semi-estruturadas, diários dos pais e observações diretas dos pais. A idade dos pais variou de 30 a 43 anos de idade, com crianças entre cinco e seis anos. Se voluntariaram também para a participação do estudo os

treinadores dos times dos quais as crianças faziam parte. Em seus relatos, pais narraram como o esporte pode ser um contexto de estreitamento de laços com os filhos pela identificação de um interesse em comum, por terem algo em conjunto para fazer e pela oportunidade para ensinar aos filhos lições de regulação emocional (espírito esportivo, espírito de equipe, saber ganhar e saber perder). Ao longo do tempo em que fizeram parte da pesquisa, pais também relataram investimento emocional na prática esportiva de suas crianças e preocupação em não se comportar de forma a pressionar demais os filhos a ter um bom desempenho. Ao invés disso, contaram tentar aproveitar outros aspectos da prática para além de resultados. Os participantes relataram, por vezes, não ter certeza de seu papel na vida esportiva dos filhos, confundindo-se com o papel de treinadores. Foi descrita também uma tentativa de regulação do próprio estado de humor, buscando “gritar menos e torcer mais” e se comportar menos como uma treinadora e mais como uma incentivadora (Dorsch & Smith, 2015).

Outra mãe comentou também a respeito da percepção de que a introdução da filha ao esporte catalisou também a relação entre irmãos, uma vez que vê como a filha tenta ensinar ao irmão mais novo o que aprende em sua participação no futebol (Dorsch & Smith, 2015). Além disso, essa mãe relatou como ver a filha em um ambiente de esporte coletivo ajudou a si mesma a dissociar a ideia de que a filha era apenas “dela”, mas também parte de um time e um indivíduo em relação com outras pessoas.

O pai de outra das crianças (Dorsch & Smith, 2015) comenta adicionalmente sobre o sentimento de falta de controle sobre a vivência esportiva da filha. Apesar disso, relata entender também a importância do apoio emocional também em momentos de dificuldade da filha ao longo de situações no esporte (choro ao se machucar, por exemplo). A mãe desta criança relata também sentir que à medida que a filha foi se interessando mais por futebol, as decisões familiares foram se pautando em seus desejos esportivos e um maior envolvimento da família na vida esportiva foi se estabelecendo progressivamente. Em outra família, um pai relatou que à medida que foi vendo o quanto o filho gostava das lições de tênis e ambos iam se sentindo mais confortável com o ambiente

esportivo, começou individualmente a também se interessar por esportes, buscando um estilo de vida mais saudável. Como uma avaliação geral, o artigo sugere que pais/mães e filhos em processo de engajamento em grupos esportivos para crianças entram em contato com processos de socialização que são moldados pelas características individuais dos pais e do contexto familiar e social. Além disso, os pais e mães relataram que o ambiente esportivo foi importante para que eles mesmos se desenvolvessem, tanto individualmente quanto em suas dinâmicas de parentalidade.

Lazer Familiar e Paternidade

Harrington (2006) buscou defender, a partir de um aporte teórico feminista, que as experiências de pais e mães com a parentalidade são diferentes. Participaram do estudo 28 famílias compostas por pais heterossexuais e seus filhos que responderam a entrevistas e preencheram diários sobre as atividades de lazer da família. Os dados coletados foram submetidos a análises qualitativas.

Foi relatado pelos homens que realizar atividade física em conjunto importava mais pelo fato de estar passando tempo com os filhos do que pela atividade em si (Harrington, 2006). Conhecer melhor os filhos, estar na companhia deles, se comunicar com eles e compartilhar pensamentos foram pontos positivos colocados pelos homens entrevistados, bem como a oportunidade de passar adiante valores familiares e de aproveitar a infância dos filhos. Os pais relataram também ver o esporte e o lazer compartilhados como uma oportunidade de fazer parte da vida dos filhos e dar a eles, por toda a vida, lembranças de momentos compartilhados, ampliando o vínculo de paternidade, participando de seu crescimento e contribuindo para o desenvolvimento de habilidades e interesses. Dentre todos os pais entrevistados, nenhuma atividade de lazer pareceu ter tanto apelo como o esporte. Isso parece demonstrar, segundo a autora, que os pais buscavam uma “zona de conforto”, estimulando a vivência esportiva dos filhos através do próprio *background* de interesse esportivo, algo que demonstra um viés de gênero uma vez que mães apresentaram maior diversidade de atividades de lazer (Harrington, 2006). Reconhece-se então, que o esporte como

forma de lazer é uma ferramenta utilizada pelos homens para que invistam na sensação de serem pais envolvidos com seus filhos.

As Mútuas Influências Entre a Vivência Esportiva e As Relações Familiares

Dentre a totalidade dos 19 estudos selecionados, os 13 a serem mencionados a seguir foram categorizados como artigos que abordam não apenas as repercussões da prática esportiva nas relações familiares mas também as influências das relações familiares na vivência esportiva da pessoa praticante do esporte. Tais repercussões bidirecionais foram divididas nas subseções temáticas a seguir.

Família Como Motivo de Escolha, Permanência e Desistência De Uma Modalidade Esportiva

Identificou-se o destaque fornecido a três aspectos da vivência esportiva relacionada à família: a importância do papel familiar (parental ou fraterno) perante a decisão do jovem sobre qual esporte seguirá e a decisão do jovem sobre permanecer ou abandonar a modalidade.

Abordando o subsistema fraterno, o estudo de Osai et al. (2020) buscou investigar a participação de irmãos mais velhos em esportes e a possível influência exercida na escolha esportiva de irmãos mais novos.

Foram considerados fatores envolvendo sexo e diferença de idade, e o estudo foi dividido em duas etapas: na primeira etapa (qualitativa), 12 unidades familiares dos Estados Unidos foram entrevistadas, todas constituídas pelos pais e dois irmãos, resultando em uma amostra de 48 participantes (Osai et al., 2020). As unidades familiares foram entrevistadas em conjunto e, em seguida, cada membro foi entrevistado separadamente. O esporte foi percebido como um contexto que estreita os laços fraternos, quando há a prática conjunta. Foi relatado também um incentivo por parte dos pais para que os filhos escolhessem as modalidades esportivas que mais tivessem vontade, influenciando possivelmente a diferenciação entre irmãos. Além disso, diferentes modelos e inspirações foram apresentados: não apenas irmãos mais velhos relataram perceberem a si mesmos

como modelos para os irmãos mais novos, mas também irmãos mais novos e pais foram descritos como modelos a serem seguidos por outros indivíduos da família. Logo, concluiu-se que a influência entre irmãos não vem apenas de cima para baixo, mas que os irmãos mais novos também são vistos como agentes influenciadores na participação esportiva.

Foi mencionada também pelos participantes a percepção de que os irmãos encorajam uns aos outros a permanecerem no esporte e a treinarem mais (Osai et al., 2020). A segunda etapa do estudo contou com uma metodologia quantitativa. Um total de 221 crianças estadunidenses (117 meninos e 104 meninas) entre 10 e 15 anos ativamente envolvidos em esportes juvenis organizados responderam a um questionário contendo diversas perguntas demográficas sobre a própria vivência esportiva e a de seus irmãos (Osai et al. 2020). Após análise estatística dos resultados, foi apontada nas respostas uma maior propensão à diferenciação entre irmãos, com irmãos mais novos tendendo a escolher modalidades esportivas distintas de seus irmãos mais velhos. Os comportamentos de diferenciação foram mais encontrados em díades de sexo misto (irmão e irmã) e com diferença de idade pronunciada. Os autores sugerem que irmãos de sexos diferentes tendem a gravitar ao redor de diferentes modalidades esportivas (esportes “para meninas ou meninos”) e que a grande diferença de idade pode impedir os irmãos de conseguirem estar no mesmo time; Os autores especularam também que a idade aproximada dê aos irmãos a possibilidade de estarem juntos no mesmo time.

Por outro lado, o estudo aponta que participantes com menor diferença de idade entre si tendem a participar da mesma modalidade esportiva, mesmo em díades de sexo misto. Já no estudo qualitativo nacional de Schiavon e Soares (2016), foram entrevistadas dez ginastas brasileiras, participantes ou classificadas para os Jogos Olímpicos entre os anos de 1980 e 2004. Ao avaliar as entrevistas, as autoras destacaram dentre os relatos das atletas a sensação de obrigação em participar do esporte devido a cobranças e expectativas familiares. Entretanto, algumas ginastas destacaram a importância do apoio familiar para o próprio desenvolvimento e trajetória na carreira esportiva. As autoras do artigo discutem a respeito da importância do papel dos pais e da família no incentivo ou

no prejuízo à carreira do jovem atleta, incentivando e oferecendo segurança ou desvirtuando o objetivo da prática esportiva ao pressionar de forma excessiva por desempenho. Foi também debatida a necessidade de que as famílias sejam orientadas a respeito de como acompanhar os filhos de forma saudável e funcional, de modo a não causar danos emocionais ou repercussões negativas na experiência do atleta (Schiavon & Soares, 2016).

Quando o Seu Pai é o Seu Treinador

Ainda abordando o artigo de Schiavon e Soares (2016), abre-se espaço para a discussão da experiência de se ter o próprio pai enquanto treinador. Uma das atletas entrevistadas descreveu a prática de treinar com o pai como algo muito difícil, uma vez que ele demandava muito dela e que não havia momento lúdico com ele, apenas as exigências. No entanto, a atleta não especifica se fora do ambiente de treino a relação passava por mudanças, migrando de maneira flexível da dinâmica treinador/atleta para a dinâmica pai/filha.

Em acréscimo a esse tema, fica também em evidência o artigo de Schmid et al. (2015). No estudo de abordagem quantitativa e qualitativa, entrevistaram-se sete atletas de divisões esportivas universitárias dos Estados Unidos. Todas as participantes tinham mais de 18 anos. Na primeira fase do estudo, identificou-se que 34% das atletas de tênis participantes foram treinadas pelos seus pais em algum momento no passado. Sete dessas responderam a uma entrevista aberta na segunda fase do estudo. Foi relatado pelas autoras que diversas participantes se mostraram emocionadas e chorosas em seus relatos (Schmid et al., 2015). Foram frequentemente relatados nas entrevistas os prejuízos e os benefícios percebidos a respeito de partilhar com os próprios pais um relacionamento de dupla função (ser não apenas pai e filha, mas também treinador e atleta). A esse respeito, as autoras deixaram claro que, no relato das atletas, as dificuldades de fato acabaram se sobressaindo. Para três das participantes, a experiência de ser treinada pelo pai no tênis foi considerada estressante, negativa e frustrante, com relatos de esgotamento emocional e de prejuízos à relação. Uma das questões destacadas referiu-se à confusão nas fronteiras relacionais, de forma que é difícil diferenciar quando se está relacionando-se com o pai ou com o treinador. As participantes também

relataram, às vezes, sentir que seus pais estendiam o papel de treinador para além do contexto esportivo, se comportando de forma autoritária em restaurantes, em passeios de carro e dentro do ambiente doméstico. O segundo ponto negativo descrito pelas filhas foi a quantidade de conflitos verbais, que aconteciam, segundo elas, justamente em decorrência da falta de limites, da quantidade de tempo que passavam junto com seus respectivos pais e da grande proximidade entre ambos. Questionar a autoridade e o comportamento dos pais enquanto treinadores e sentir dificuldade de aceitar críticas e feedbacks dos pais no treino ou em jogos sem sentir que tais pontuações eram ataques pessoais foram também alguns dos pontos mencionados como o estopim para conflitos. Mães que se envolviam nos conflitos, emaranhando-se na dinâmica, e irmãos que se sentiam deixados de lado pela atenção excessiva dos pais às filhas atletas foram situações também descritas pela participantes.

As atletas também pontuaram um aspecto importante a respeito da prática em si: uma vez que o tênis é uma modalidade esportiva que é treinada muitas das vezes apenas com a presença do treinador e da atleta, se tornava difícil estabelecer padrões a respeito do que seria uma dinâmica “saudável” de interação (Schmid et al., 2015). Tendo em vista a falta de parâmetro pela falta de observação de outras dinâmicas, estar restrito a essa “bolha” facilitava o comportamento abusivo e autoritário de pai para filha, e as atletas relataram que ter a oportunidade de estar próximo a outros atletas e suas dinâmicas com os respectivos treinadores foi algo que auxiliou na regulação de comportamento por parte dos pais treinadores.

Por outro lado, duas das participantes relataram perceber mais pontos positivos do que negativos, destacando que a relação dual permitiu a elas passar mais tempo com o pai e criar um vínculo especial com ele durante as práticas. Além disso, a possibilidade de receber atenção total e exclusiva do pai como treinador foi percebido pelas participantes como um elemento que trouxe melhora para suas habilidades no tênis.

Finalmente, o estudo pontua a frequência com que as necessidades esportivas dos pais foram alcançadas às custas das filhas, que foram muitas vezes prejudicadas e não tiveram seus pontos de

vista observados e compreendidos. As autoras pontuam a importância de que exista um acolhimento a famílias que exercem tal dinâmica de relação dual, enfatizando a importância da presença de um psicólogo esportivo que possa orientar a família sobre os riscos e benefícios de uma relação tão próxima, bem como estratégias de prevenção para que a relação siga funcional e com seus limites preservados.

O Papel Familiar Na Formação Do Atleta e o Papel Do Esporte e Da Família No Desenvolvimento de Valores Sociais

Quando se considera a carreira esportiva profissional, é de grande interesse compreender o que há por trás da construção de um atleta talentoso (Harwood et al., 2012). Levando novamente em consideração o artigo de Schiavon e Soares (2016), o envolvimento familiar e o suporte emocional e financeiro que as famílias podem oferecer a atletas foram pontos levantados por todas as atletas olímpicas entrevistadas, figurando como ponto essencial de suas trajetórias esportivas.

O estudo de Harwood et al. (2012), por sua vez, buscou evidenciar, a partir de uma revisão da literatura, a importância do papel familiar na formação de um atleta de elite. As autoras ressaltaram como o ambiente familiar é descrito como o refúgio encontrado pelos atletas após dias de altos e baixos na vivência esportiva. Além disso, os pais foram descritos enquanto significativas referências de apoio emocional e financeiro, permitindo que os atletas dessem continuidade a suas carreiras.

O mesmo pôde ser observado no estudo de Moon (2003). Jovens que praticavam esportes com frequência relataram em suas entrevistas receberem o apoio emocional e financeiro de suas famílias, com ampla comunicação a respeito dos temas esportivos e sobre expectativas de desempenho e sobre o futuro.

Além disso, a vivência esportiva mediada pela interação familiar foi apontada como contexto de formação de valores sociais (Harwood et al., 2012). Os pais, assim como em outros contextos que não apenas o esportivo, compartilham com seus filhos valores a respeito do que é o

esporte e do que é o espírito esportivo, bem como incentivam aspectos colaborativos e competitivos. Tal dinâmica de interação e estímulo ao desenvolvimento de valores sociais com base na vivência esportiva foi também relatada no artigo de Dorsch e Smith (2015). Segundo Valdemoros et al. (2001), caso os pais percebam que a prática esportiva irá ser benéfica aos filhos e mediadora da construção de valores sociais saudáveis, há uma predisposição de tais familiares ao incentivo à prática de forma mais consistente e direcionada.

No entanto, Trussel (2009) ressalta que a participação familiar na vida esportiva dos atletas pode não gerar apenas frutos positivos, a depender do nível de envolvimento emocional dos pais. Altos níveis de investimento emocional por parte dos pais na vida esportiva dos filhos (seja como observador externo ou tornando-se participante ativo dos treinos) foram associados a experiências negativas pelos atletas entrevistados em sua pesquisa qualitativa. Apesar disso, se sobressaiu a noção de uma “equipe familiar”, em que os valores de conexão familiar para conversar sobre o esporte e praticar a modalidade eram vistos como necessários e dignos de preservação.

No artigo de Folle et al. (2018), as ausências de familiares em partidas ou treinos (justificadas por tais familiares como falta de tempo ou demandas trabalhistas) foi relatada enquanto ponto de preocupação por parte dos treinadores, por entender-se, no meio esportivo em questão, que o incentivo das famílias às respectivas atletas pode atuar como importante impulsionador da prática. Nesse estudo, o envolvimento da família com o esporte foi considerado ideal quando apresentava frequência moderada, uma vez que tanto a ausência de participação como a participação excessiva podem ser consideradas prejudiciais (uma vez que esta pode gerar pressão exacerbada por desempenho nas atletas e proporcionar o atravessamento de limites pessoais e individuais; Folle et al., 2018).

O artigo de Coakley (2006) traz à tona também importante registro a respeito da construção de valores sociais a partir do esporte: tais valores não são construídos apenas dentro do sistema familiar, mas também expressados por meio de observadores externos. Pais (homens) que participam da vida esportiva dos filhos são muitas vezes considerados bons pais, envolvidos na vida

dos filhos e cumpridores de seu papel de gênero de parentalidade. Além disso, homens que possuem filhos e filhas bons nos esportes são por vezes considerados socialmente como pais bem-sucedidos e felizardos por terem filhos talentosos, uma vez que o sucesso no esporte é mais facilmente mensurável e pelo fato de que por atribuições tradicionais de gênero os homens se colocam como mais participativos na vida esportivas de seus filhos (Coakley, 2006).

Por fim, no que tange ao ambiente esportivo enquanto ambiente facilitador da construção de valores sociais, o artigo de Valdemoros et al. (2001) destaca que a prática de atividade física pode promover valores e contra-valores, a depender do pano de fundo de cada indivíduo participante. Logo, tão variáveis quanto número de personalidades e de sistemas familiares existentes, são os possíveis desdobramentos de uma experiência esportiva na formação do caráter individual. Os autores relataram também que há uma censura dos jovens atletas e dos treinadores quanto ao pouco apoio que algumas famílias parecem oferecer a seus jovens, uma vez que é observado pelos entrevistados que a falta de incentivo da família é um fator que facilita a desistência do jovem da prática.

Síntese do Estudo 1

Após a leitura dos 34 artigos selecionados na busca por estudos que tratassem a respeito da interação entre vivência esportiva e relações familiares, foram incluídos os 19 estudos que abordaram como tema exclusivo ou parcial as repercussões da vivência esportiva nas relações familiares. Os outros 15 artigos restantes não atenderam ao critério de inclusão, por tratarem de forma exclusiva das repercussões das interações familiares na vivência esportiva de atletas.

A maioria (78,9%) dos 19 estudos incluídos na fase final de análise foi encontrada na plataforma APA Psycinfo, ilustrando a grande representação internacional de pesquisas que abordam em conjunto as temáticas de família e esportes. A partir da análise dos países de publicação, é possível observar a pequena quantidade de estudos publicados nacionalmente. Dos 19 estudos selecionados a partir dos critérios de inclusão, apenas três foram publicados no Brasil

(15,8%), tendo 52,6% dos estudos sido publicados nos Estados Unidos. Nota-se também a reduzida quantidade de estudos publicados acerca da exploração de experiências do subsistema conjugal na prática esportiva (10,5%), totalizando dois estudos (nenhum publicado no Brasil). O subsistema de maior interesse como tema exclusivo de estudo foi o parental, constituindo 73,7% da porcentagem de interesse de pesquisa.

Desses 19 estudos incluídos na etapa final de avaliação, 57,9% contaram com uma metodologia de análise de dados qualitativa, tendo a avaliação multimétodos (quantitativa e qualitativa) ficado em segundo lugar com 31,6% de representação. Dentre as metodologias de análise de dados, 31,6% dos estudos foram realizados a partir de entrevistas (estruturadas ou semiestruturadas) e 21,1% foram realizados a partir de entrevistas estruturadas em conjunto com questionários.

Nota-se que a maioria dos estudos contemplados na fase final de análise buscou investigar de maneira conjunta a influência da prática esportiva nas relações familiares e a influência das relações familiares na prática esportiva. Tais estudos com foco dividido em ambas as vias temáticas de interesse totalizaram 38,2% da amostra de 34 estudos em análise (considerando-se os 19 estudos incluídos e os 15 estudos excluídos), enquanto estudos focados exclusivamente nas influências da prática esportiva nas relações familiares corresponderam a um total de 17,6% dos estudos analisados. A maior porcentagem, correspondente a 44,1%, representa os 15 estudos excluídos da análise por abordarem de maneira exclusiva as influências das relações familiares na prática esportiva. Essa maioria temática ilustra uma maior tendência de interesse de pesquisa relativo à exploração de como as interações familiares afetam a prática esportiva de atletas, sendo ainda incipiente o interesse de estudo pela outra direção da dinâmica. O presente estudo busca incentivar novos estudos relacionados às repercussões da prática esportiva nas relações familiares.

Estudo 2: Estudo de Caso Coletivo

Exploração de experiências de sistemas familiares inseridos na prática de Karatê-Do Shotokan

Apresentação do Estudo

A sessão empírica desta dissertação, denominada *Exploração de experiências de sistemas familiares inseridos na prática de Karatê-Do Shotokan*, traz como tema a família como sistema aberto em interação com o universo esportivo do Karatê-Do Shotokan, arte marcial japonesa. Chegando ao Brasil a partir das imigrações japonesas, a modalidade Shotokan, fundada por Gichin Funakoshi (1994), é vinculada a um estilo de vida sedimentado sobre alicerces paradigmáticos psicológicos e morais (Lage, 2007). Suas técnicas foram elaboradas através de décadas de estudos a respeito do aprimoramento de técnicas de defesa pessoal e de condicionamento físico (Confederação Brasileira de Karatê [CBK], 2013), e sua abordagem permeia não apenas o aperfeiçoamento físico do praticante mas também sua construção de caráter por meio da valorização do aprendizado pela disciplina e pelo treinamento árduo (Nakayama, 2014).

O embate físico no Karatê-Do Shotokan possui como propósito fundamental a imediata resolução do conflito e o restabelecimento da homeostase, bem como uma experiência que favoreça a observação do outro como indivíduo passível de dores e fraquezas, humanizando o olhar do praticante e fortalecendo, em sua construção pessoal, o senso de moralidade e comunidade (Barreira & Massimi, 2002). As origens japonesas da prática trazem profunda influência da manifestação religiosa e cultural do xintoísmo e do confucionismo, valorizando o esforço, a dedicação, a hierarquia e a ancestralidade (Doeblin, 1940). Esta mostra-se especialmente valiosa para os estudos familiares em interação com essa modalidade esportiva, uma vez que a valorização da ancestralidade coloca em foco a família por ser esta vista como a raiz de toda a virtude, conhecimento moral e formação individual do ser humano.

O contexto esportivo apresenta com regularidade desafios aos seus praticantes, visando a sua evolução e progresso nas habilidades demandadas para a realização de uma prática satisfatória e dinâmica. A presente pesquisa supõe que a introdução dos subsistemas da unidade familiar ao universo esportivo do Karatê-Do Shotokan e a seus paradigmas pode gerar, ao longo da experiência da família, crise, tensões e perturbações que exijam esforço do grupo para uma reorganização ou retorno à homeostase da unidade sistêmica da qual fazem parte (Horta & Fernandes, 2018). As experiências dos subsistemas familiares frente aos ensinamentos e desafios apresentados ao grupo pelo Karatê se tornam aqui objeto deste estudo exploratório.

A pesquisa possui como objetivo explorar experiências de pessoas que praticam Karatê-Do Shotokan com seus familiares. O sistema familiar, como organismo vivo em constante troca de informações e inserido no universo do Karatê-Do Shotokan, suscita este interesse norteador.

É importante ressaltar que o presente estudo não possui pretensão de generalização estatística. A intenção desta pesquisa qualitativa é, a partir de um delineamento transversal de casos múltiplos, não-experimental e descritivo, explorar fenômenos singulares vivenciados a partir da individualidade de cada entrevistado. O Karatê-Do Shotokan foi escolhido, dentre outras modalidades de Karatê, por seus pressupostos de construção da personalidade do indivíduo através da prática física regular e disciplinada e do aprendizado marcial não-agressivo, bem como a valorização da ancestralidade e da família em suas influências culturais japonesas. Além disso, a familiaridade da presente pesquisadora com a prática funciona como condição facilitadora do delineamento de pesquisa. A modalidade possui construção histórica apoiada em regras, pressupostos e símbolos próprios registrados na obra de seu fundador Gichin Funakoshi (1994), que facilitam o entendimento de seus paradigmas como objeto de estudo. Além disso, a prática do esporte em questão proporciona vivências com potencial tensionador frente à organização de famílias que praticam a arte marcial em conjunto. Primeiro: a hierarquia do sistema de faixas, que indica o progresso de cada praticante dentro do dojo (local onde se treinam artes marciais japonesas). No contexto marcial, os filhos podem possuir maior graduação, conhecimento e

habilidade no esporte do que seus pais, invertendo a relação hierárquica normativa que existe entre os indivíduos fora do contexto esportivo, ao tornar o filho mais experiente do que o pai. Situações como essa podem contrariar a dinâmica esperada de interação e hierarquia entre pais e filhos fora do ambiente esportivo, que, com grande recorrência, não é uma relação democrática e reflete relações de poder e autoridade dos pais para com os filhos (Bruscagin, 2010). Segundo: existe a possibilidade de que, em algum momento da prática avançada, pais e filhos ou cônjuges encontrem-se também em situação de combate físico entre si. Desafiam-se, assim, fronteiras e papéis familiares pré-estabelecidos, uma vez que atividades que propõem a corporeidade em ação podem trazer à tona padrões emocionais, afetivos e subjetivos entre indivíduos (CFP, 2018) e colocam em cheque regras tradicionais: os filhos, de acordo com o contexto cultural vigente, não deveriam engajar-se em situações de embate físico com seus pais. O mesmo vale para cônjuges, acerca dos quais situações de embate físico são uma temática delicada e causam estranhamento pela possibilidade de uma situação de potencial violência conjugal (atravessada também por questões de gênero).

Tendo em vista tais situações possíveis, são também considerados os seguintes questionamentos derivados da proposta central de pesquisa: como o indivíduo pertencente à unidade familiar percebe sua relação com outro membro da família, ao engajarem-se juntos em um embate físico de Karatê? Como o restante da família reage a essa situação de embate físico esportivo? Como são percebidas pelo sistema familiar situações em que filhos possuem maior graduação no sistema de faixas que os pais, exercendo no ambiente de arte marcial maior autoridade hierárquica? Como os membros dessa família percebem as repercussões mútuas da prática do Karatê nas relações familiares?

A presente pesquisa propõe-se a ouvir sobre a maneira como cada indivíduo da família vivencia os fenômenos citados e outras situações possíveis de nota a respeito da atividade esportiva. Dessa maneira, visa oferecer espaços para que sejam discutidos os desdobramentos da vivência esportiva nas interações familiares dentro e fora do ambiente de luta do Karatê, a partir dos

desconfortos provocados por situações tensionadoras propostas pelo treinador (Horta & Fernandes, 2018).

Objetivos

Foi objetivo central deste estudo explorar experiências de pessoas que praticam Karatê-Do Shotokan com seus familiares. Através da abordagem sistêmica estrutural proposta por Salvador Minuchin (2003), foram investigadas as percepções subjetivas da experiência de famílias que praticam Karatê-Dô Shotokan juntas. Portanto, constituiu-se como interesse de pesquisa coletar relatos individuais de familiares acerca de momentos críticos e tensionadores durante a prática do Karatê. Foram considerados aqui como momentos críticos contextos de graduações na arte marcial que invertem a lógica de hierarquia familiar do grupo investigado (em que filhos possuem maior conhecimento e técnica do que os pais), ou embates físicos entre o subsistema parental e filial ou no subsistema conjugal. A pesquisa buscou, portanto, relatos de praticantes a respeito dos desdobramentos percebidos na interação familiar em suas hierarquias, interações e fronteiras após a inserção no contexto esportivo da arte marcial.

Método

Delineamento

O delineamento eleito para a condução do presente estudo foi o de estudo de caso coletivo (Stake, 1995). Com o objetivo de investigar fenômenos complexos, tais como as experiências subjetivas apreendidas a partir de uma determinada vivência, optou-se pelo estudo de caso coletivo uma vez que este permite a exploração de relatos variados e singulares.

Participantes e Procedimento

Foram entrevistadas sete pessoas, membros de quatro famílias distintas que praticam Karatê-Do Shotokan. Para a realização da pesquisa, foi imprescindível que os entrevistados possuíssem mais de 16 anos de idade e que frequentassem a mesma academia (ou que a tenham

frequentado antes da pandemia da COVID-19), visto que compartilhar o mesmo espaço de prática é um pré-requisito para vivenciar em conjunto situações desafiadoras e tensionadoras durante o treino. Finalmente, não foi necessário que os entrevistados atuassem como atletas profissionais, bastando que compartilhassem a prática esportiva de Karatê com um ou mais parentes na mesma academia e que demonstrassem interesse em participar da pesquisa. O grupo de participantes foi selecionado por conveniência, a partir do compartilhamento via redes sociais da divulgação sobre a pesquisa ou da rede de contatos da pesquisadora, utilizando-se a técnica snowball ou “cadeia de informantes”. Quando os participantes entravam em contato via aplicativo de mensagens manifestando o interesse em participar da pesquisa, havia uma conversa prévia para verificar se atendiam aos critérios de inclusão do estudo.

Os participantes que se enquadraram nos critérios de inclusão receberam via e-mail o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o Termo de Autorização para Utilização de Imagem e Som de Voz para fins de pesquisa e o Termo de Assentimento (para participantes menores de idade), e os enviaram de volta assinados eletronicamente para a pesquisadora. Os participantes que assinaram os termos enviados puderam responder às entrevistas em sala virtual *online* de videoconferência, em plataforma criptografada de ponta a ponta reservada para a coleta. As entrevistas foram feitas de forma exclusivamente *online*, respeitando os princípios do distanciamento social para a maior segurança dos participantes e da pesquisadora. De acordo com as recomendações da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS/OMS, 2020) e tendo em vista a então inexistência de uma vacina para combater a COVID-19 na época em que o estudo foi conduzido, o distanciamento social se comprovou como eficaz medida de prevenção do contágio pelo novo coronavírus por minimizar a exposição a pessoas contaminadas pela doença.

Durante as entrevistas, houveram dois momentos distintos do procedimento, cada um conduzido por um diferente instrumento de avaliação. Em um primeiro momento, o instrumento denominado Entrevista Familiar Estruturada (Féres-Carneiro, 1997) foi aplicado com todo o subsistema participante do estudo presente, para que pudessem discutir em conjunto as respostas a

cada item. Na segunda parte da coleta, foi realizada a entrevista semiestruturada, aplicada de maneira individual como forma de preservar a privacidade de cada participante e buscar diminuir uma possível interferência dos relatos de experiência devido à presença de membros da família. As entrevistas foram conduzidas pela autora do estudo e transcritas com o auxílio de estudante estagiária do Instituto de Psicologia matriculada em Pesquisa em Terapia Conjugal e Familiar.

Instrumentos

Dentre os dois instrumentos de avaliação selecionados para a presente pesquisa, foi utilizada primeiramente a Entrevista Familiar Estruturada (EFE; Féres-Carneiro, 1997) (conferir em Anexo 3) com os participantes que apareceram acompanhados de seus familiares para a pesquisa. A EFE é um instrumento desenvolvido e validado no Brasil, aprovado pelo Conselho Federal de Psicologia, e é respondido em uma entrevista com toda a família ou subsistema reunido. Em sua estrutura, o instrumento solicita às pessoas participantes que dêem individualmente respostas simples a nível verbal ou não-verbal, de modo a avaliar padrões básicos de funcionamento das relações familiares e identificar fronteiras dentro do sistema, bem como a natureza dessas fronteiras (rígidas, nítidas ou difusas). A EFE foi acrescida a este estudo como uma tentativa de melhor conhecer as pessoas participantes e compreender a estrutura das famílias entrevistadas. A EFE foi também selecionada como o instrumento a ser aplicado primeiro, buscando diminuir a probabilidade de interferência nas respostas dadas pelos participantes caso a respondessem após a entrevista semiestruturada relatada a seguir, em uma tentativa de confirmar os relatos anteriores nas respostas à EFE. No presente estudo, a EFE não foi analisada conforme os critérios de avaliação do instrumento propostos pela autora (Féres-Carneiro, 1997), mas sim como estímulo disparador para discussão e posterior análise qualitativa dos temas abordados nas perguntas.

Foi utilizada em seguida a entrevista semiestruturada como instrumento de acesso às experiências dos participantes, buscando abordar aspectos diversificados da experiência de se praticar Karatê com um membro da própria família (Anexo 4). A entrevista qualitativa é um

instrumento que segue roteiro flexível na fase de preparação para a coleta de dados, permitindo que o entrevistador lance mão dos questionamentos centrais planejados e questões derivadas adicionais de acordo com o andamento da entrevista (Lima et al., 1999). As perguntas selecionadas como questionamentos centrais objetivam alcançar uma visão mais aprofundada das experiências de cada indivíduo, com foco nas situações que envolvam hierarquias consideradas paradoxais pelo consenso normativo e combate físico, bem como suas possíveis repercussões síntonas e assíntonas para a unidade familiar. Porém, a maneira como serão colocadas durante o momento de entrevista irá variar de acordo com a forma do vínculo estabelecido com cada participante, de maneira conversacional. Foram acrescentados também questionamentos referentes às repercussões da atual pandemia nos sistemas familiares entrevistados, bem como seus possíveis impactos na prática do esporte, tendo em vista a necessidade de distanciamento social e o fechamento temporário das academias de artes marciais.

Cuidados Éticos

Acredita-se que esta pesquisa tenha oferecido risco mínimo aos participantes. Os riscos previstos foram definidos como possíveis desconfortos emocionais devido à discussão de temas conjugais e familiares. Caso houvessem sido identificados por parte dos participantes ou da pesquisadora qualquer tipo de sofrimento ou desconforto provocado pela pesquisa, teria sido realizado acolhimento imediato por parte da profissional pesquisadora (psicóloga com registro ativo no Conselho Regional de Psicologia) . Em seguida, teria sido disponibilizado o contato de atendimento do Centro de Atendimento e Estudos Psicológicos (CAEP) da Universidade de Brasília, bem como de instituições que prestassem serviço semelhante no Distrito Federal, sendo garantida a assistência psicológica a qualquer participante que dela necessitasse em decorrência da participação no estudo. Uma vez que os riscos fossem identificados, a participação na pesquisa poderia ser interrompida a qualquer momento pelo participante e/ou pesquisadora. Ao longo da realização de toda a coleta de dados, não foi identificada necessidade de realização dos

procedimentos de acolhimento supracitados, não havendo registro de estresse emocional ou desconforto por parte dos participantes.

Acredita-se que esta pesquisa tenha oferecido benefícios específicos a cada participante, ao abrir espaço de diálogo para que fossem trazidas reflexões a respeito do impacto da prática de artes marciais na dinâmica individual da família. Dessa maneira, possibilita-se aos indivíduos a oportunidade de maior autoconhecimento e compreensão do próprio sistema familiar. Espera-se que o estudo também ofereça benefícios ao ampliar o escopo de pesquisas acadêmicas a respeito de famílias no ambiente esportivo, tema com muitas possibilidades ainda a serem exploradas tanto na Psicologia Sistêmica quanto na Psicologia do Esporte. Foi também garantido o sigilo absoluto ao participante, com todas as informações recebidas ao longo do processo de pesquisa.

A amostra foi constituída por pessoas pertencentes aos subsistemas de quatro famílias diferentes, totalizando sete pessoas entrevistadas. Todos os nomes mencionados no estudo são fictícios, escolhidos para proteger a identidade dos participantes. Outros detalhes que foram considerados passíveis de permitir qualquer tipo de identificação (nomes de instituições, bairros e demais dados) foram omitidos da presente análise.

Análise de dados

A análise de dados advinda da coleta das respostas à EFE e à entrevista semiestruturada foi conduzida a partir do aporte teórico da análise qualitativa de conteúdo (Laville & Dionne, 1999). Segundo os autores, quando estamos diante de uma documentação bruta (tal como entrevistas transcritas), é possível dissecar o conteúdo apresentado e agrupar os principais temas abordados. A partir de um estudo minucioso e atento das palavras, termos e frases utilizadas pelas pessoas entrevistadas, chega-se mais perto de selecionar o conteúdo de importância para análise e dali extrair suas principais significações.

Seguindo portanto a metodologia de Laville & Dionne (1999), primeiramente, as entrevistas foram transcritas em sua completude e lidas uma a uma na íntegra. Ao longo do processo de leitura,

tópicos abordados pelos participantes que foram considerados relevantes em cada uma das entrevistas foram destacados e agrupados em diferentes categorias reduzidas, para facilitar a avaliação de seus conteúdos. Entende-se que, nas circunstâncias do presente estudo, a definição das categorias analíticas foi realizada utilizando o modelo misto de análise (Laville et al., 1999), tanto respondendo a perguntas feitas antes da leitura das transcrições quanto criando novas categorias de avaliação à medida em que a análise seguiu seu curso. Tais categorias foram definidas de acordo com a pertinência ao tema estudado, como por exemplo: “A Filosofia do Karatê-Do Shotokan”; “A interação familiar diante de alegrias e desafios na prática de Karatê”; “O Karatê como proporcionador do estreitamento do vínculo”; “O embate físico enquanto mãe e filha/pai e filho/casal”; “Quando alguém mais jovem possui uma graduação de faixa maior do que a sua”; “Percepções sobre repercussões da prática esportiva no subsistema fraterno”; “O incentivo familiar para a permanência na arte marcial”, dentre outros temas julgados pertinentes para destaque ao longo da análise qualitativa.

Na discussão final do estudo dois, após o destaque das categorias de relevância em cada entrevista, os destaques de todas as entrevistas foram comparados e agrupados entre si, traçando também eixos temáticos em comum entre as falas de todas as pessoas entrevistadas.

Resultados e Discussão

Apresentação dos Subsistemas

Subsistema 1 - Isidoro e Iago (Pai e Filho)

Isidoro possui em torno de 50 anos e é pai de Iago, que possui 16 anos de idade. Ambos são homens cisgêneros e brancos. O pai possui pós-graduação completa e o filho possui ensino médio incompleto. Isidoro relata ter se unido à prática de Karatê há dois anos, por influência do filho, que já pratica a arte marcial há oito anos e é um atleta competitivo de alto rendimento. Portanto, Iago

possui uma graduação de faixa superior a Isidoro, sendo assim então *senpai* (termo utilizado para denominar uma pessoa mais experiente) de seu pai no dojo.

Tanto Isidoro quanto Iago afirmaram em suas entrevistas individuais serem mais do que pai e filho, compartilhando uma relação de amizade. Após Iago incentivar o pai a praticar Karatê, Isidoro relata ter insistido ao sensei do filho que abrisse uma turma de adolescentes e adultos para que pudesse treinar em conjunto com Iago, uma vez que o foco do professor era no momento apenas dar aula a adolescentes e crianças. Isidoro relata que, se não fosse pelo filho, o Karatê não seria sua primeira escolha esportiva, mas que acabou se encantando pelo esporte e por sua filosofia.

Categoria 1 - A Filosofia do Karatê-Do Shotokan.

Isidoro relata que, quando entrou em contato com o Karatê, uma das coisas que mais lhe chamou a atenção na prática foi a filosofia propagada pela modalidade Shotokan, guiada por uma lista de preceitos-base denominada “Dojo Kun”. O Dojo Kun contém, em sua estrutura, a filosofia que pautará a prática a ser realizada. São eles: esforçar-se para a formação do caráter; fidelidade ao verdadeiro caminho da razão; criar o intuito de esforço; respeito acima de tudo; conter o espírito de agressão.

Uma das coisas que me chamou bastante atenção no Shotokan é o Dojo Kun, que são os lemas do Karatê Shotokan. Eu acho isso bacana demais, ver a filosofia da arte marcial de uma forma que eu particularmente não vejo, por exemplo, no jiu-jitsu. Eu respeito muito o jiu-jitsu pela a defesa pessoal [...], mas a filosofia marcial que o Karatê te propõe é um meio de viver em paz consigo e com o próximo. Se você praticar um pouquinho do que está no Dojo Kun, o Karatê realmente te agrega muito.
(Isidoro)

O princípio da não-violência é algo congruente com os valores familiares expressados por pai e filho na EFE. Quando indagados sobre como reagiriam a uma situação hipotética em que alguém empurrasse outra pessoa no ambiente familiar, ambos reagiram afirmando que não aceitariam um empurrão de alguém da família, e que caso isso ocorresse, ambos tentariam descobrir o que havia acontecido de errado e tentariam resolver a situação. Adicionalmente, quando questionados sobre as características que mais gostam em si mesmos, ambos se descreveram como pessoas com temperamento calmo, confiante e avesso à violência.

Eu não sou uma pessoa muito explosiva, claro, todo mundo tem os momentos de nervoso, mas no contexto geral eu me considero calmo, equilibrado e eu costumo ponderar muito as situações para poder analisar as questões de vários ângulos. Eu não sou muito intempestivo. (Isidoro)

Eu acho que eu sou uma pessoa amigável. Eu sou uma pessoa que ajuda as outras quando elas precisam e eu sou muito confiante também nas coisas que eu faço.
(Iago)

Além disso, Isidoro também comentou a respeito do que percebe enquanto benefício da prática de atividade física. O bem-estar na saúde física, na saúde mental e as repercussões da prática esportiva nas relações familiares são apontados pelo participante como grandes influenciadores de sua decisão de permanecer no esporte.

Treino, qualquer treino, arte marcial, crossfit, caminhada, te ajuda a botar para fora um acúmulo de energia ou a pensar em um problema ou até na solução de algo.

Pensando em uma questão familiar, se você está bem, está treinando, se sente feliz com que você está fazendo, você com certeza vai ter uma vida mais zen, vai ser mais

calmo, você vai agregar mais para todo mundo que vive do seu lado porque uma pessoa que volta de um treino feliz. Seja porque suou ou porque aprendeu, ou porque se superou ou porque entendeu que perdeu algo no treino, mas que agregou valor pessoal, vai chegar em casa leve. [...] Então, a arte marcial tem esse propósito de transformação e é uma transformação interna. Eu expressei arte marcial porque estamos falando principalmente do Karatê, se você realmente entende que o Karatê, ele modifica seu corpo, mas acima de tudo a sua mente por uma proposta filosófica, você se torna uma pessoa muito mais equilibrada e capaz de entender que arte marcial ela é uma defesa pessoal, mas também uma defesa interna. Se você está bem consigo, você também vai saber como reagir ou não a determinada situação, você tem sob controle se reage fisicamente ou não a uma agressão a partir do momento que você entendeu a filosofia da arte marcial. Então, é importante porque aí você está trazendo para sua vida pessoal e familiar o momento de equilíbrio que você entendeu através da arte marcial. Então, ela transforma vidas, mas é preciso que a pessoa entenda a proposta. (Isidoro)

Categoria 2 - A Interação Familiar Diante de Alegrias e Desafios na Prática de

Karatê.

O Karatê-Do Shotokan, enquanto prática esportiva, apresenta diversos elementos para aprendizado. Sejam eles os katas ou as modalidades de combate esportivo, Isidoro relata ter se sentido desafiado desde o primeiro momento em que se propôs a aprender a arte marcial.

Então, no kata eu demorei para conseguir, para entender o que eu preciso fazer e acredito que essa questão de lateralidade também vem da idade. A mente da criança é muito ágil e eles respondem bem ao entendimento logo nos primeiros comandos. Já um adulto possui uma limitação física, porque já a maioria de nós aí na faixa de 50

anos não é um atleta ou mantém uma vida ativa física, né. A gente tem essa questão de condicionamento e isso dá uma limitação, mas justamente essa questão para mim é um desafio porque o Karatê propõe que você se supere. Não é a questão de você precisar ser melhor que alguém, mas ser melhor que você mesmo em todos os treinos porque cada treino é um desafio, um aprendizado, onde você vai tendo disciplina, tendo persistência, vai superando a si mesmo. Então, para mim é uma mudança de vida radical. (Isidoro)

Já Iago relata que, quando se sente desafiado a aprender novas técnicas, seu pai faz o que está dentro do próprio alcance para ajudar a buscar a solução, mesmo estando diversas graduações de faixa abaixo dele.

Ele (Isidoro) sempre tenta me ajudar com o que ele consegue, né. Ele fala para o meu professor que estou com dificuldade, ele tenta me ajudar de qualquer forma que ele consegue mesmo. Ele conversa com o professor, vê algum vídeo no YouTube que possa ajudar. (Iago)

a) Quando seu Pai é Alguém que Erra e que Sente Vergonha.

Isidoro conta em sua entrevista perceber dentro do dojo uma mudança na homeostase dos papéis esperados no subsistema parental. Ao longo da prática, ao perceber as próprias dificuldades, conta se sentir despido do papel de herói que ocupava frente ao filho fora do ambiente de artes marciais.

O Iago vê o pai com limitações, o pai que não é mais o “heroizão” que ele via. No Karatê é o mesmo pai, que se esforça, mas tem hora que o pai está com preguiça ou o pai não dá conta. O pai que talvez faz um movimento errado e que olha para o filho

pensando “pô, que vergonha”. Mas eu acredito que no final tudo agrega, tudo traz para próximo, dentro de casa ou no ambiente do Karatê. (Isidoro)

b) Quando Pai e Filho se Veem Progredindo no Esporte.

Apesar das dificuldades que por vezes pode enfrentar, Isidoro relata uma visão positiva sobre o ambiente desafiador das artes marciais e sobre o fato de ser um pai buscando estar ao lado do filho no esporte. Conta que, quando se percebe progredindo no esporte, sente que o filho se orgulha dele.

Eu tenho certeza absoluta que ele sente muito orgulho, que ele olha para mim de uma forma especial, diferenciada, justamente porque eu sou até esse momento o único pai de aluno que treina no nosso dojo. Então, eu se fosse meu filho, ficaria muito orgulhoso do meu pai ou sentiria orgulho de ver um senhor de 50 e tantos anos, de cabelo branco, calvo, treinando comigo e treinando Karatê e evoluindo. Um golpe mais rápido, um chute que saiu certo e acertou, uma mudança de faixa merecida, uma medalha, um símbolo de participação por ter ido. Eu acho, assim, que causa um orgulho muito grande. (Isidoro)

Quando observa Iago evoluindo no Karatê, Isidoro relata sentir muita confiança no potencial de desenvolvimento do filho.

O Iago, não só nós como pai e mãe dele, mas também o professor, nós olhamos e vemos o Iago como um atleta diferenciado, com grande potencial. O Iago tem tudo para deslanchar no Karatê porque ele é muito competitivo, muito bom. (Isidoro)

Já Iago, quando se sente progredindo no esporte, conta sentir que o pai está feliz por ele.

Ah, eu me sinto feliz porque ele está feliz por mim, entendeu? Isso me motiva a continuar treinando porque eu vejo que eu estou progredindo e se eu estou progredindo... ele fica feliz, eu acho. (Iago)

Iago conta que, quando observa Isidoro e percebe que o pai está progredindo, acha o processo “legal” e também lembra de si mesmo quando ainda estava aprendendo o Karatê desde o início.

Ah, muito legal, né, porque eu já tive, eu já fui faixa branca, né. Então, já tive as mesmas dificuldades que ele já teve, as mesmas..., as mesmas tudo que ele já teve. Então, eu posso ajudar ele com qualquer coisa que ele tiver. (Iago)

Categoria 3 - O Karatê Como Proporcionador do Estreitamento do Vínculo.

Tanto pai quanto filho relataram em suas falas a sensação compartilhada de que a prática da arte marcial é algo que os deixa mais unidos. As experiências proporcionadas pelo esporte, discutir alguma técnica de prática juntos, ir assistir Iago em campeonatos e o próprio deslocamento para a prática esportiva em si são considerados por ambos como fatores catalisadores de experiências de aproximação.

Depois que a gente começou a fazer Karatê, querendo ou não, a gente ficou mais próximo. Sempre que meu pai tinha alguma dúvida no kata, ele sempre me chamava, né, para que eu pudesse ajudar ele, e isso deixou a gente mais próximo, querendo ou não. (Iago)

Nós começamos a estreitar mais o nosso vínculo de Karatekas em treinamento quando eu comecei a treinar também no horário que o Iago podia. O vínculo se estreita mais ainda entre pai e filho. Eu acho, eu acho não, isso agrega um valor de

cumplicidade, de proximidade, quando você tem algo em comum com o filho, com a esposa ou com marido e você tem parcerias, gostos parecidos, isso cria um vínculo, uma proximidade muito maior. [...] O Karatê, não só o Karatê, mas qualquer atividade física, principalmente, que você faz com familiar, e ela é de forma rotineira e prazerosa para todos, isso aproxima. (Isidoro)

a) A Torcida Pelo Filho.

Isidoro relata se considerar um aliado nas conquistas do filho, desejando estar ao lado dele em suas competições e torcer por suas vitórias. Conta considerar muito importante para si mesmo estar no papel de incentivador.

E, eu sempre fui um pai muito ativo na comemoração, até que eu me tornei Karateka e aprendi a ter um posicionamento mais comedido, por uma questão ética de não atrapalhar o ambiente. Mas eu vibro muito, eu sou muito empolgado e incentivo muito, né. Então, eu me considero um grande parceiro e amigo do meu filho.
(Isidoro)

b) A Oportunidade de Passarem Mais Tempo Juntos.

Isidoro narra em sua entrevista também experiências com a caminhada enquanto atividade física, que realizava com a esposa e com a filha. Além disso, também comenta sobre a experiência do ritual para assistir Iago em alguma competição regional ou fora do estado.

Há alguns anos eu, minha esposa e minha filha criamos um hábito de fazer caminhada todos os dias com o propósito específico de emagrecer, de entrar em forma, porque nós tínhamos uma viagem e cada um de nós queria estar bem com seu corpo, com seu interior. Isso aproximava muita a gente. Chegava a hora da

caminhada e tinha aquela preparação, de se arrumar, de escolher a roupa, de subir para o calçadão. Isso aproxima muito. No Karatê não poderia ser diferente. A gente se aproximou muito, até porque nós viajamos muito, como eu disse anteriormente. Então, toda competição que o Iago participa hoje só vai eu e ele, mas no início ia minha esposa, ia minha filha. Então, tem aquela hora de preparar o lanche, de estar concentrado ali. Isso aproxima muito. (Isidoro)

Categoria 4 - O Embate Físico Enquanto Pai e Filho.

Dentro do ambiente de artes marciais, Isidoro e Iago experimentaram a sensação de estarem em combate físico, um sendo o adversário do outro. Abaixo, é possível ler o relato de experiência de ambos a respeito da prática. É interessante notar o estranhamento que ocorre devido à quebra de expectativas culturais sobre como pai e filho deveriam se portar um à frente do outro. Dar um soco no seu pai ou chutar seu filho adolescente fora do ambiente de artes marciais é uma violência, mas dentro do dojo, sob os preceitos e sob a filosofia do esporte, é desejado que adversários se engajem no combate proposto em prol do aprendizado esportivo. A respeito da necessidade de se despir das hierarquias de pai e filho dentro do ambiente de arte marcial, Isidoro e Iago relatam:

Treinar Karatê com o Iago é bom para mim, porque ele é um Karateka muito ágil por ser de alto rendimento, é um atleta muito competitivo. Então, para mim, exige que eu tenha uma concentração maior para poder fazer com que o treino dele também renda. Do outro lado tem o lado negativo, justamente por ser pai e filho, precisa ainda mais a gente entender que no Karatê nós não somos pais e filhos naquele momento. Isso faz com que o golpe segure mais, aquele medo de “pô, acertei meu pai”, “acertei meu filho”, isso trava um pouco a gente. Eu acredito, da minha parte, eu sinto que trava. [...] Dentro da proposta do Shotokan, a gente sabe que precisa ajudar o nosso parceiro para que numa competição ele possa estar preparado, e você só se prepara

para uma competição com bons parceiros de treino. É por isso que, mesmo com você precisando controlar a intensidade dos seus golpes, você precisa fazer isso de uma forma muito próxima do que o seu parceiro vai encontrar com o adversário. O adversário em uma competição, mesmo sabendo que ele precisa respeitar a regra de não machucar o oponente, ele tem que mostrar que ele está lá para ganhar. Com isso, os golpes são muito mais intensos do que com o parceiro de treino, isso é evidente. Então, eu procuro mesmo sabendo que é meu filho, que é um adolescente, eu procuro fazer com que seja o mais próximo de uma competição para que ele possa realmente entender que ali está agregando valor ao treino. Se eu como pai ficar muito preocupado em controlar demais, aí não vou encostar, eu não estou ajudando, eu estou atrapalhando meu filho, porque na realidade ele não vai estar pondo no treino o que ele precisa para na competição ele estar pronto. Então, assim, a gente precisa realmente treinar com vontade, mas ao mesmo tempo controlando a intensidade. Como pai e filho, como eu falei anteriormente, tenho um pouco de preocupação de não machucar, mas a gente entende que precisa ser um treino forte para que possa dar resultado para ele, que é um atleta de competição. (Isidoro)

No Karatê a gente está treinando. Então, a gente não pode pensar coisas como “ah, ele é meu pai, então vou ter que levar esse golpe”. Não, não tem isso, a gente é como se fosse alguém diferente lá. Quando termina, ele vira meu pai de novo, alguém superior a mim, essas coisas. [...] Mas por ser meu pai já aconteceu de ser estranho. Às vezes, tipo, a gente se distrai um pouco, né, às vezes faz uma brincadeirinha e tal e sempre tem aquele medo, tipo, de eu bater no meu pai. Fica estranha a sensação um pouco, mas eu me acostumei já. Acho que demorou cerca de uns quatro treinos pra eu me acostumar, porque agora eu já percebi que ele é meu pai em casa e lá no dojo ele é meu amigo, né. Perceber isso foi importante para mim porque eu tive que

separar as coisas. Se eu levar ele como meu pai no Karatê eu não vou progredir, porque vou ficar com medo, né, de bater nele, essas coisas, dele me bater. (Iago)

Categoria 5 - Quando Seu Filho Possui Uma Graduação de Faixa Maior do que a Sua.

Quando paramos para pensar na hierarquia socialmente esperada relativa ao subsistema parental, percebemos que muitas das vezes é esperado que o pai e a mãe sejam mais experientes do que seus filhos em temáticas diversas. Porém, como por vezes pode ocorrer, pai e mãe ingressam na prática por influência dos filhos e adentram um ambiente como novatos, enquanto seus filhos ali são mais experientes. Isidoro e Iago falam em suas entrevistas sobre a experiência de inverter essa expectativa e de estarem em hierarquias invertidas de conhecimento dentro do dojo, uma vez que Iago possui uma graduação de faixa maior do que a de seu pai por ter ingressado seis anos antes na prática.

Lá no dojo, ele é meu senpai. Eu me sinto muito orgulhoso. Eu vejo ali o merecimento. Por eu ser bem integrado à filosofia marcial, eu entendo que mesmo que o Iago fosse um menino de 8 anos eu respeitaria ele como meu senpai porque lá no dojo é outro ambiente. Então, a filosofia marcial do dojo tem que estar presente. Então, precisa realmente entender que ali, adentrou o dojo, vestiu o kimono com sua faixa, a hierarquia tem que ser respeitada independente da idade e do grau de parentesco que tenha lá fora. A gente tem autoridade normal paterna e filial, mas eu respeito bastante a filosofia do esporte. (Isidoro)

Eu conheço outros filhos que têm uma faixa maior do que a mãe ou do pai no Karatê. Nos campeonatos pra onde eu já viajei, vendo alguns colegas também, e sempre tem, né, porque o pai começou por causa dos filhos e o filho já era uma faixa maior. Mas para mim lá no dojo, eu não me sinto muito ninguém porque eu também já fui faixa

branca. Então, eu tenho que dar exemplo para os outros, por ser alguém com uma faixa superior. Então, não posso me mostrar superior, assim. Então, eu vejo ele como alguém do meu nível mesmo. (Iago)

a) Percepções do Filho em Ser Mais Experiente do que o Pai na Arte Marcial.

Iago conta se sentir feliz em ver a si mesmo em uma posição em que pode ensinar algo ao pai e retribuir tudo que lhe foi ensinado.

É muito legal estar no lugar de poder ensinar algo ao meu pai, porque ele sempre me ensinou coisas sobre a vida, sobre tudo, e agora eu estou ensinando para ele. Então, é uma sensação bem legal. (Iago)

Categoria 6 - Percepções do Pai Sobre Repercussões da Prática Esportiva do Filho no Subsistema Fraternal.

Uma vez que o subsistema está inserido dentro da unidade familiar, considerou-se importante na entrevista investigar também as repercussões percebidas na família após o investimento do pai e do filho no Karatê. Quando olhamos para as peculiaridades de ter como irmão alguém que é talentoso no esporte (Blazo et al., 2014), percebemos a importância de incluir essa temática na pesquisa para explorar as opiniões de ambos a respeito de como a família reage à prática de pai e filho. Isidoro relata tentar fazer o possível para que os outros dois filhos não se sintam desprestigiados diante do investimento na carreira esportiva de Iago.

Ao ver o Iago ser campeão em uma competição, a família ficou tão empolgada, e parentes financiaram a viagem dele para uma competição internacional no ano seguinte. A gente foi, só eu e ele. Foi muito caro, viagem internacional, nos ajudaram com dinheiro e a gente também juntou. Com isso, minha filha ficou de fora e eu

fiquei chateado porque eu gostaria que minha esposa tivesse ido, minha filha tivesse ido. Isso realmente causa um problema. Assim, precisa trabalhar isso. Eu mostrei para minha filha “olha, se você fosse Karateka você iria para competição, você não viaja para competição porque você não é Karateka, se você tivesse algo que você gostasse de fazer e se empenhasse e precisasse viajar para isso, você também teria essa possibilidade”. Realmente dentro do ambiente familiar tem o lado positivo, mas pode acontecer de alguém ficar um pouco de lado, um filho se sentir desprestigiado, menos importante do que o outro que tem esse apoio. Então, em vários momentos o Iago foi estrela. “Ah, o Iago competiu, mostra sua medalha, vamos ver a luta, nossa...” e, quem não faz fica de escanteio. Então, você precisa estar atento, ter um olhar direcionado também para quem não está envolvido para que essa pessoa também possa se sentir acolhida. Senão daqui a pouco cria uma explosão familiar que não é bacana.

Enquanto isso, Iago demonstra uma percepção mais positiva da opinião familiar a respeito da prática entre pai e filho.

Na minha opinião eu acho que eles ficaram felizes, né, por ver meu pai junto treinando. Acho que ficaram felizes. (Iago)

Categoria 7 - O Incentivo Familiar Para a Permanência na Arte Marcial.

Iago e Isidoro contam em suas entrevistas que sentem que a presença um do outro é um incentivo para continuar no treino.

Eu acho que, principalmente, para a criança ver que o pai está treinando junto ou a mãe está treinando ou não treina, mas estão presentes, incentiva. E é muito comum,

que não só para o adolescente mas para o adulto também, chega um momento de cansaço onde a repetição é maçante. Os movimentos, o kata, do kihon ou do kumite, isso vai causando uma tendência de que o Karateka acaba querendo desistir. Nessa hora é importante que o pai, que a mãe possa entender o momento e saber incentivar o filho a persistir, mostrando “olha, você chegou até aqui, você já é faixa tal. Não desiste. Quer faltar hoje, falta. Na próxima aula vai”. Mas também é preciso entender que há momentos também, para quem chegou numa faixa marrom, que é o momento do basta de “cansei, não quero”. Então, o pai, principalmente, que geralmente é o mais envolvido na arte marcial, não que a mãe não seja, mas estamos falando que culturalmente o pai é que gosta mais de luta, né, geralmente é assim, né, é.... chegar e entender que o filho não quer mais. É falar “tá bom, se você chegou no seu limite, não quer treinar mais então para, mas que pena você está deixando...”. A gente fala muito com o Iago “olha, Iago, tenha como objetivo da sua vida chegar ao menos na faixa preta, tenha essa missão de vida para que lá no futuro quando você tiver adulto, você não olhe para trás com lamento de não ter alcançado esse grau tão importante que é a faixa preta, que é o sonho de todos que praticam arte marcial.” Ninguém entra “ai eu quero ser verde”. Claro que no decorrer da caminhada muitas coisas acontecem, né, mas é isso. A gente tem que saber incentivar sim e na hora que for para parar, parar, se for o caso.

É muito, muito melhor treinar com meu pai, porque além de ser mais uma pessoa da minha família, é meu pai, né, e é mais incentivo para eu treinar, né. Eu acho isso muito importante. (Iago)

Discussão Subsistema 1

Isidoro e Iago consideram a si mesmos como pessoas amigáveis, calmas e não adeptas a comportamentos violentos. Ao longo do momento da entrevista conjunta, se abraçaram em uma

ocasião e ouviram atentamente um ao outro em seus relatos. Nas entrevistas individuais, fizeram observações que demonstravam orgulho do vínculo de afeto que cultivavam e das próprias trajetórias no Karatê, levando em conta as respectivas limitações e aptidões. Houve, na fala de Isidoro, o orgulho pela extensa experiência do filho e, na fala de Iago, a admiração pela perseverança e pelo apoio do pai. Quando se deparam com o momento desafiador do embate físico, buscam lembrar que a proposta esportiva de luta não é uma proposta de violência, e que realizar a prática com entrega e intenção é um fator essencial para o desenvolvimento técnico de ambos. Apesar disso, há um indício de que os papéis hierárquicos familiares ainda se mantêm no treino para esta família, uma vez que Isidoro se preocupa em proteger e preparar o filho para adversários que poderá encontrar e Iago relata em sua entrevista por vezes ainda sentir receio de atingir o pai, pela figura de autoridade e familiaridade que ele ocupa.

É interessante notar a disposição de Isidoro para praticar atividade física com o filho, pedindo ao sensei que abrisse uma turma de adultos e adolescentes. Após a abertura da turma e o ajuste de horários que permitiram a prática conjunta, tanto Isidoro quanto Iago relataram terem sentido seus laços estreitados, adaptando-se às novas circunstâncias e mudando com elas (Minuchin et al., 2009). Ao longo da vivência estabelecida pela prática, acompanhando o filho em competições, Isidoro relata, de maneira congruente com o estudo de Dorsch et al. (2015), observar a si mesmo de forma crítica quando torce pelo filho. Ao tentar não gritar muito para o filho e regular o próprio humor durante as competições para respeitar o decoro do ambiente de Karatê, o pai parece passar pelo processo de tentar não se tornar treinador do filho, mas um incentivador que consegue manifestar o seu apoio emocional pela presença e participação (Harwood et al., 2012).

Ao longo de todo o processo de entrevista, Isidoro apresenta uma perspectiva positiva acerca da prática do Karatê. Em determinado momento, afirma que os outros irmãos de Iago não aderiram à prática e por isso hoje em dia a família não tem a alegria de treinar em conjunto. Realizando esforços para ir na contramão de alguns relatos do artigo de Blazo et al. (2014), em que irmãos de atletas talentosos contavam sentir que os pais os deixavam de lado, Isidoro relata uma preocupação

em não deixar os irmãos de Iago desassistidos ou fora de foco. Conta evitar comparações e tentar estimular os filhos a encontrarem as próprias paixões e aptidões. Dessa maneira, há o cuidado da tentativa de que nenhum filho pense que Iago é o favorito. Apesar disso, a partir da entrevista, nota-se a existência de conversas com a filha sobre o investimento na carreira de Iago, podendo-se hipotetizar ainda assim a existência de uma chateação por parte dela com a atenção dada ao irmão.

Em geral, a entrevista de Isidoro e Iago foi pautada pela demonstração de admiração mútua. Seja Iago pelo alto rendimento no Karatê, seja Isidoro por sua perseverança em aprender a arte marcial através das limitações da idade, a prática conjunta é considerada positiva e enriquecedora dos laços do subsistema.

É importante ressaltar aqui a possibilidade da existência do aspecto de desejabilidade social ao longo desta e das próximas entrevistas. Os entrevistados podem ter respondido as perguntas enfatizando o caráter positivo da prática por às vezes pensar que a entrevistadora poderia conhecer alguém que fizesse parte do mesmo círculo social de prática, ou por querer contribuir de forma a incentivar a prática esportiva.

Além disso, quando observamos as respostas de ambos, é interessante notar o fato de que para Isidoro existe a percepção de um fator de gênero em seu relato. Por vezes sua fala carrega o pensamento de que por questões culturais as mulheres tendem a não gostar de artes marciais.

Com menina existe um tabu de que menina não pode, de que menina não quer. As meninas, infelizmente, é... tem isso na cabeça de “ah, eu não vou, vou me machucar”.; Então o pai, principalmente, que geralmente é o mais envolvido na arte marcial, não que a mãe não seja, mas estamos falando de culturalmente o pai é que gosta mais de luta, né, geralmente é assim... (Isidoro)

Levando-se em consideração que a teoria estrutural de Salvador Minuchin considera os sistemas enquanto delimitadores de funções familiares (Minuchin et al., 2009), há aqui a criação de

um novo subsistema na família de Isidoro e Iago, baseado em estereótipos de gênero. A função da prática conjunta de Karatê está então, nesta cultura familiar, reservada à aliança entre pai e filho pela crença de que mulheres não gostarão do esporte.

Devemos também levar em consideração o período do Ciclo de Vital Familiar (Carter & McGoldrick, 1995) da família em questão, que encontra-se no estágio de ser uma família com adolescentes. Nesta fase, é importante exercitar a prática de deixar que os adolescentes experimentem a própria independência, bem como permitir que os adultos (avós e pais) passem a mostrar a própria fragilidade e se permitam ser cuidados. No que tange à fragilidade e vulnerabilidade, nota-se que Isidoro se compromete com papéis onde não se porta mais como o herói familiar. No Karatê, mostra-se disposto a ser alguém que erra e que sente vergonha por às vezes não saber como fazer os exercícios propostos pelo sensei. Quanto a Iago, nota-se que exercita enquanto adolescente a própria construção de identidade, destacando-se como atleta de alto rendimento. Apesar disso, suscita-se o questionamento a respeito de quais seriam as repercussões em sua prática esportiva caso o pai não o acompanhasse nos treinos, incentivando o filho a exercitar a independência na prática diária no dojô.

Subsistema 2 - Cléo e Luísa (Mãe e Filha)

Cléo possui em torno de 50 anos de idade e é mãe de Luísa, que possui aproximadamente 30 anos. Ambas as participantes são mulheres cisgênero brancas. A mãe possui pós-graduação completa e a filha ensino superior completo. As duas, quando questionadas, caracterizaram sua relação entre si como boa e tranquila, apesar de divergências de personalidade que consideram como algo natural. Quando questionadas na EFE sobre como reagiriam a um empurrão de alguém da família, relataram sequer conseguir visualizar a situação por não vivenciarem qualquer violência física no ambiente familiar.

Luísa teve seu primeiro contato com o Karatê após começar a levar o irmão mais novo às atividades da arte marcial. Conta não gostar de academia e ter visto no Karatê uma oportunidade de

praticar uma atividade física diferente. Desde então, pratica Karatê há quatro anos. Cléo conta que, ao ver os benefícios da atividade física na saúde dos filhos, se interessou e decidiu entrar também na mesma academia de artes marciais, um semestre depois da filha. Conta: “Meu filho entrou no Karatê, e depois a Luísa entrou, entendeu? Percebi todo mundo ficando em forma, e aí eu pensei “opa, também quero”!”

Relata que, após algum tempo, o filho mais novo saiu do Karatê e que há três anos e seis meses, vem praticando de forma contínua com a filha . Luísa atualmente é uma faixa mais graduada do que a mãe e o irmão.

Categoria 1 - A Filosofia do Karatê-Do Shotokan.

Enquanto Cléo relata que a sua motivação para a prática foi, em sua maioria, pela saúde física, Luísa conta que, enquanto acompanhava o irmão, notou que o Karatê não se resumia apenas à parte da luta. Havia ali a luta, mas também uma filosofia e um estilo de vida.

Eu levava meu irmão aos treinos, e às vezes eu ficava pra assistir. Foi sempre uma coisa que eu achei interessante, e me despertou o interesse de fazer também. Eu não sou muito fã de academia, de ir lá na academia e malhar, de atividade física, e o Karatê é uma atividade física, mas tem toda uma filosofia. Então acho que é uma coisa que eu achei muito válida, me conquistou mais, sabe? Porque não é só ir lá e sair socando, sair chutando e acabou, entendeu? Então isso é uma coisa que me encantou. (Luísa)

Categoria 2 - A Interação Familiar Diante de Alegrias e Desafios na Prática de Karatê.

Quando vivenciam juntas o dia a dia da arte marcial, Cléo e Luísa encaram momentos de desafios e de vitórias, e observam uma à outra em suas trajetórias. Ao refletirem sobre esses momentos, ambas contam que, às vezes, têm dificuldade em se despir do papel de mãe e filha.

a) Quando Mãe e Filha Corrigem Uma à Outra em Suas Técnicas.

Luísa relata em sua entrevista ainda achar desafiador entender que quem está ali no dojo não deve ser a sua mãe, mas a sua colega de prática. Conta também, além da dificuldade de sair do papel de filha, sentir que a mãe, às vezes, deixa de ser Karateka para também ocupar o papel de mãe de novo. Logo, ambas possuem dificuldade em se despir de seus papéis no subsistema familiar durante o esporte. Essa dificuldade é sentida com mais intensidade quando ambas possuem dificuldade no treino e são corrigidas uma pela outra.

É difícil, porque às vezes a gente não aceita tão bem as críticas, mesmo que sejam construtivas. [...] Eu acho que com a minha mãe eu tenho um pouquinho de dificuldade, às vezes, de aceitar o que ela fala, até por ser minha mãe. Às vezes ela fala, às vezes eu não gosto. Então me incomoda, eu fico meio chateada. Ela fala com a postura de mãe, não como de Karateka, sabe? Eu acho que é coisa minha, mas eu acho que me chateia. Eu penso: “você não é minha mãe aqui dentro. Você não precisa falar comigo assim, sabe?” Então tem esses momentos, mas eu acho que é normal. Mas assim, minha postura com a minha mãe melhorou muito ao longo dos anos, muito mesmo. Mas eu acho que às vezes eu ainda fico meio assim “Aff, não vou ouvir”, entendeu? (Luísa)

Cléo conta que, além da dificuldade que ela e a filha têm de deixarem de se ver enquanto mãe e filha dentro do dojo, por vezes, ela também não se sente compreendida pelos filhos no que tange às suas limitações físicas causadas pela idade.

Quando eles erram alguma coisa e eu dou uma olhada pra eles na hora, o sensei briga comigo, porque ali eu não sou mãe de ninguém (risos). Tem que se policiar. Agora, quando eu vejo que eles estão tendo algum tipo de dificuldade, eu tento falar com eles em casa, entendeu? Mas, quando eles veem que eu tô tendo dificuldade, eles não me poupam não. Na hora eles gritam na lata “eei!”. Mãe não é poupada não. Porque as nossas fases são diferentes, certo? Você ter 50 anos é muito diferente de você ter vinte e tantos ou menos. E coisas que eles acham que eu não faço direito, “ah, é porque você tá com preguiça”, não, eu não consigo! É bem diferente, entendeu? Não tenho aquela habilidade, e, se eles têm alguma dificuldade hoje em dia pra melhorar, a minha dificuldade é dobrada. É difícil você aprender alguma coisa velha. Eu tenho essa carinha linda, maravilhosa, mas é diferente. É bem diferente! Eu tento mostrar pra eles, mas eles não me poupam não, não querem saber não. “Não, tem que se esforçar”, mas eu me esforço! (Cléo)

b) Quando Mãe e Filha se Veem Melhorando no Karatê.

Apesar das dificuldades em momentos desafiadores de aprendizado, Cléo e Luísa contam sentir orgulho quando percebem o progresso uma da outra.

Eu fico muito feliz e orgulhosa quando a minha mãe melhora, eu acho muito irado a minha mãe de 50 e poucos anos se dispor a fazer isso, entendeu? Ela é mais velha, começou mais velha. Então assim, “ah, eu comecei atrasado né?”, fica esse pensamento. Mas eu acho legal isso dela se dispor a fazer e a tentar melhorar. Eu

sinto orgulho de ver ela crescendo. E, cara, às vezes tem coisa que ela não consegue fazer porque ela tem uma restrição do corpo dela mesmo, sabe? Ela bem ou mal tem 20 e tantos anos a mais do que eu, entendeu? Pode ser que normalmente ela tenha dificuldade com um monte de coisa. Ela não consegue transmitir aquela informação pro corpo dela, o corpo dela é mais velho que o nosso, então, às vezes, a agilidade que a gente tem eles não têm. Então ela se dispôr a fazer, a aprender, a melhorar, poxa, ter a humildade de aprender... é bem legal. (Luísa)

Luísa conta também sentir que a mãe fica feliz por ela quando a vê progredir também, e diz acreditar nisso por observar o comportamento dela em seus exames de faixa.

Eu acho que ela também gosta de me ver melhorando. Ela fica feliz. Antes dela treinar, eu ia fazer exame de faixa e ela ficava toda boba lá, adorando, tirava foto, me apertava, não sei o que, depois do exame de faixa. Então eu acho que, pra uma mãe né, considerando, eu acho que deve ser legal de ver. (Luísa)

Já Cléo relata considerar a si mesma e às pessoas da família como muito competitivas. Logo, isso faz com que os progressos entre eles sejam muito apreciados e que exista uma comparação entre eles e pessoas de fora do sistema familiar.

Então, aqui a gente é bem competitivo, sabe? Todo mundo é muito competitivo. A gente gosta quando estamos desempenhando bem as atividades. Quando os meninos veem outra pessoa praticando e não acham legal, eles me falam: “mãe, você não é ruim daquele jeito não” (risos). (Cléo)

Categoria 3 - O Karatê Como Proporcionador do Estreitamento do Vínculo.

Cléo relata ver o Karatê como um “interesse comum” que criou com os filhos. Conta sentir que já se davam bem, mas que o vínculo parece ter se enriquecido após a prática conjunta.

A gente já se dava bem, a gente sempre se deu bem. A gente é uma família bem unida, sabe? Mas é bem legal, porque, por exemplo, alguém fica com preguiça, os outros incentivam a ir. Eu acho bem legal, é um tempo que a gente tem pra gente. É um tempo focado no Karatê, é um interesse comum que se cria. (Cléo)

Luísa apresenta uma visão semelhante à da mãe, relatando acreditar que o Karatê as ajuda a serem mais companheiras e a interagir mais e melhor.

Eu acho que o Karatê ajudou a gente a interagir melhor, sabe? Porque a gente tá fazendo aquilo junto, gera um companheirismo maior. “A gente vai treinar junto, hoje tem treino, ah vamos treinar?” “Vamos!” Se eu fosse treinar sem ninguém, eu não ia treinar. A presença dela soma muito, pra tudo, no dia-a-dia. (Luísa)

Categoria 4 - O Embate Físico Enquanto Mãe e Filha.

Sobre a temática do embate físico entre mãe e filha no Karatê, Luísa traz à tona a perspectiva de que a situação como um todo às vezes possui um toque cômico que pode atrapalhar a sua concentração.

Em alguns momentos a gente tinha dificuldade para se concentrar, ainda mais quando tinha luta frente a frente. Acaba sendo engraçado, às vezes, a gente não consegue manter a seriedade. Mas a prática ajudou a gente a melhorar a forma dos

movimentos, tentar se concentrar, tentar manter uma cara de seriedade, levar mais a sério. (Luísa)

Sobre o embate físico em si, Luísa conta observar não apenas as próprias percepções, mas também a reação externa à situação. Apesar do estranhamento inicial, conta sentir que por vezes é até mais fácil lutar com a mãe e com o irmão, por se sentir mais confortável com a presença deles.

Claro que é difícil se adaptar. Tem aquelas confusões, estamos lutando e vem o povo “ah, você machucou sua mãe” e tal, “você machucou seu irmão”. Acho que é um processo, né, acho que aceitar a experiência ajuda a gente a crescer no Karatê, a concentrar, a focar. Acho até que às vezes eu me solto mais. Eu conheço minha família, né? A gente sabe mais ou menos o que esperar. Não que as outras pessoas do dojo me deem medo ou algo do tipo, eu confio em todo mundo, gosto de todo mundo, sempre confiei em todo mundo. Mas eu acho que é uma coisa do subconsciente, você sabe que tipo assim, “ah, eu tô com o meu irmão, tô com a minha mãe, se eu errar alguma coisa ela não vai ficar chateada, se eu machucar sem querer vai ser tranquilo” e tudo mais. Eu acho que, quando eu luto com a minha mãe e com o meu irmão, o subconsciente ajuda a dar uma relaxada, às vezes dou uma risadinha, acho que fica mais leve, sabe? (Luísa)

Cléo relatou em sua entrevista que acha o treino de luta desconfortável independente de quem seja seu oponente, seja ele de sua família ou não. Conta se sentir muito mais confortável com as outras práticas do Karatê, como o kata. Logo, considera que estar frente a frente com alguém da família é tão desconfortável quanto estar frente a frente com outra pessoa.

Eu acho que pra mim não faz diferença lutar com alguém da família ou não. É ruim de qualquer jeito. Eu detesto treino de luta. Aí toda vez que tem treino de luta é um esforço. Eu já tô fazendo alguma coisa contrariada. Porque eu sou do kata, faria kata três horas seguidas, mas não faria meia hora de luta. Mas independente se eu tô feliz ou triste, quando o sensei diz que hoje tem treino de luta eu penso “ai, que droga”.

(Cléo)

Além disso, mãe e filha contam nunca terem utilizado o combate físico como pretexto para descontarem uma na outra frustrações familiares que ocorreram fora do dojo. As repercussões que se notam quando há algum desentendimento ou insatisfação ocorrendo são a distração, no caso de Luísa, e a falta de motivação, no caso de Cléo.

Nunca chegou ao ponto de um dia eu estar chateada e a gente treinar, e eu ver que eu tava muito chateada com ela e descontei isso no Karatê. Eu nunca vivenciei isso. Mas eu acho que alguma briga com ela, já me atrapalhou no Karatê, no dojo, entende? Meu treino não foi tão bom quanto deveria, às vezes. (Luísa)

Quando você tá feliz, fica tudo muito mais leve. Até aquele treino duro do sensei fica mais leve. Quando a gente fica com raiva é o contrário. Ele começa lá com aquele treino árduo, e você começa a tipo “ah, que saco, não queria estar aqui”. (Cléo)

Categoria 5 - Quando Seu Filho Possui Uma Graduação de Faixa Maior do Que a Sua.

Cléo, quando perguntada sobre o que acha da filha possuir uma graduação de faixa maior do que a dela e sobre o filho estar na mesma faixa que ela, disse considerar a dinâmica de dojo

interessante e desafiadora. Segundo ela, essa dinâmica a motiva a correr atrás para tentar chegar em um nível mais próximo ao do filho.

Eu acho interessante, de vez em quando a Luísa me bate! (risos) Ela tem uma faixa maior que a minha e eu e o meu filho temos a mesma faixa. Só que o Karatê do meu filho é bem melhor do que o meu, nem se compara, né? Então é desafiador, sabe? É desafiador e eu tenho que correr atrás, pra pelo menos estar no mesmo nível dele. Idade influencia, idade influencia muito. Você começar uma coisa velha é bem diferente de você começar uma coisa mais nova. (Cléo)

Luísa traz uma abordagem diferente em seu relato, comentando sobre a ilusão da graduação de faixas. Segundo comenta, a faixa pode ser apenas um adereço e não simbolizar necessariamente maior técnica e experiência.

Apesar de eu ser mais graduada que a minha mãe e meu irmão, por exemplo, minha mãe é mais velha que eu e meu irmão treina desde novinho, antes de decidir parar. Então direto eu pergunto coisas pra ele, apesar de eu ser mais graduada que ele, “O que você acha disso? Tô fazendo certo? Olha, me ajuda” Eu acho que, igual o sensei fala, “faixa é só pra amarrar o kimono”. Quando a gente treina com faixa branca eles ensinam coisas para a gente também: a gente tem que aprender a controlar a mão, a controlar a distância, se controlar e ainda a ensinar eles também. Então eu acho que, de qualquer forma, a gente cresce muito, sabe, independente da graduação de faixa. (Luísa)

Discussão Subsistema 2.

A entrevista de Cléo e Luísa foi marcada por um tom cômico e divertido, reflexo do senso de humor de ambas para responder às perguntas. Tal senso de humor transparece no relato de Luísa, quando conta que no embate físico com a mãe tende a se divertir e a ter por vezes dificuldades de concentração. É possível hipotetizar que o senso de humor, tanto nesta família quanto em outras, pode ser utilizado como estratégia amenizadora de situações conflitantes, novas ou desafiadoras. Além da diversão, Luísa conta se sentir mais à vontade em lutar com a mãe, por sentir que possuem maior intimidade. Tal colocação também nos suscita o seguinte questionamento: por que por vezes pode parecer mais fácil bater em quem temos mais intimidade? Segundo Luísa, a intimidade é um fator que traz previsibilidade, conforto e expectativa de que uma será compreensiva com a outra caso se machuquem sem querer.

Já para Cléo, há a percepção de que o combate físico não é diferente por ser com a filha ou com outras pessoas com quem não compartilha um parentesco, por ser uma experiência ruim de todas as maneiras. Cléo afirma não gostar de lutar de forma alguma, preferindo os treinos de kata. Além disso, a mãe sente que os filhos por vezes não entendem as limitações físicas que possui por conta da idade, se sentindo cobrada por eles a desempenhar uma força e agilidade maior do que ela acredita conseguir ter. Essa sensação que Cléo possui, de transparecer fragilidade devido às limitações físicas, pode também ser referenciada na teoria do Ciclo Vital Familiar, na etapa onde se lança os filhos para a vida e se segue em frente (Carter & McGoldrick, 1995). Aqui, quando os filhos já são adultos e os pais mais velhos, lida-se com as dificuldades concretas dos pais em realizar tarefas que exigem determinadas habilidades físicas e cognitivas. Percebe-se no relato a frustração de Cléo, por não se sentir compreendida em sua experiência no determinado ciclo vital familiar.

O interessante desta seção da entrevista é que Luísa, em contrapartida, utilizou alguns minutos do próprio relato para afirmar a admiração que tinha pela mãe, justamente por contar observar e empatizar com as limitações físicas e cognitivas impostas pela idade para Cléo. É curiosa

a falta de comunicação que ocorre em relação a este tópico, uma vez que mãe e filha apresentam posicionamentos divergentes a respeito de compreender ou não as limitações que Cléo sente no Karatê em decorrência da idade.

É importante notar também a dificuldade que ambas relatam em se despir de seus papéis de mãe e filha no dojô. Luísa conta por vezes se ressentir com as críticas da mãe à sua técnica, e Cléo conta às vezes ser repreendida pelo Sensei e ter que ser lembrada de que ali ela não é mãe de ninguém. Nota-se que, no aspecto de críticas e correções das técnicas entre mãe e filha, há uma resistência em desvencilhar-se da relação hierárquica do subsistema parental, com as funções clássicas de mãe crítica e filha incomodada com as críticas da mãe ainda preservadas. Apesar disso, há da parte de ambas uma disposição em perceber a si mesmas em suas dificuldades relacionais no treino e descobrir novas possibilidades de interação. Ambas parecem tentar buscar e cocriar alternativas para o comportamento incômodo (Minuchin et al., 2009), ao tentarem identificar o que há no passado que influencia o presente e ao tentarem ouvir mais uma à outra de forma aberta, manifestando o desejo de prosseguir com a prática conjunta.

Além disso, nota-se nesta entrevista e em outras realizadas ao longo do estudo falas dos filhos relacionadas a como a graduação de faixa pouco importa dentro do dojô na prática. Pode-se hipotetizar que tais falas dos filhos são uma estratégia para preservar a hierarquia familiar. Por outro lado, é possível supor que o exercício da humildade e do respeito sejam características da própria filosofia do Karatê posta em prática, orientados pelo lemas da prática que estão inscritos no Dojo Kun elaborado por Gichin Funakoshi, o fundador da modalidade Karatê-Do Shotokan.

Para mãe e filha, o treino de Karatê apareceu enquanto uma ferramenta de promoção de saúde física e mental. Seja no controle da ansiedade e na qualidade do sono de Luísa, ou na manutenção da saúde de Cléo, os benefícios da prática foram ressaltados por ambas.

Subsistema 3 - Dafne e Rodolfo (Casal)

Dafne é uma mulher cisgênero de cerca de quarenta anos, branca e com pós-graduação completa. Ela é casada com Rodolfo, um homem cisgênero de cerca de trinta e cinco anos, branco, com ensino superior completo. Ambos avaliam a relação entre si como muito boa. O casal pratica Karatê em conjunto há dois meses. Os cônjuges iniciaram a prática após se interessarem vendo a modalidade de arte marcial na série Cobra Kai. Os dois são faixa branca, o estágio mais inicial no aprendizado do Karatê. Como começaram durante a pandemia, não têm a experiência de treinar com o contato físico que existia antes da implementação das medidas de segurança para contenção do coronavírus. Apesar da experiência diferente, ambos possuem avaliações positivas a respeito da prática.

Eu me senti incentivada a fazer Karatê pela série Cobra Kai. Eu e o Rodolfo tentamos fazer uma aula experimental e por ser um ambiente fora de academia me estimulou muito porque eu não gosto do ambiente de academia e eu apaixonei, eu amei, eu estou adorando a atividade e não quero parar nunca mais (risos). (Dafne)

Estávamos assistindo a série Cobra Kai, aí minha esposa se animou bastante de ir. Eu falei: “ah, vamos”. Se ela anima uma coisa, eu topo. Falei assim: “bora, vamos tentar, se for bom a gente continua”. A experiência de fazer Karatê com a minha esposa está sendo muito boa. Muito legal. A gente vai evoluindo junto, tirando as dúvidas junto, aí uma hora ela entende uma coisa e eu não aí eu peço opinião para ela ou, ao contrário, ela pede opinião para mim. Eu avalio como muito legal. (Rodolfo)

Categoria 1 - O Karatê como Proporcionador do Estreitamento do Vínculo.

Para Dafne e Rodolfo, ter um assunto em comum e uma prática de esporte para realizarem juntos foi algo que enriqueceu o vínculo conjugal, melhorando para ambos uma relação que já sentiam ser muito boa.

É super legal porque a gente, mesmo em casa, compartilha os novos conhecimentos. Para a gente que está começando agora, um tira dúvida com outro, está sendo bem legal. Eu acho que é muito legal a gente ter mais uma coisa em comum na nossa atividade cotidiana, né, porque muitas vezes fica ele no mundo dele e eu no meu mundo sem ter uma coisa, assim, uma atividade bacana em comum. Foi muito agradável, e eu acho que proveitoso para nossa relação, a gente ter esse ponto de interesse em comum, que nós dois estamos gostando muito. (Dafne)

Ah, ficou uma coisa assim, digamos, mais um hobby em comum, que a gente tem. Foi uma coisa que deu um “*up*” no relacionamento. Ficou um relacionamento melhor. Não que fosse ruim, mas melhor do que já era, e isso é uma coisa a mais que a gente gosta. (Rodolfo)

Categoria 2 - A Interação Conjugal Diante de Alegrias e Desafios na Prática de Karatê.

a) Quando Marido e Esposa se Veem Melhorando no Karatê.

Ao serem questionados sobre como se sentem ao serem observados um pelo outro em seu progresso no Karatê, Dafne respondeu ser algo indiferente pois entrou na prática com o objetivo de fazer algo por si mesma.

Na verdade, para mim é um pouco indiferente. É..., eu não estou ali para mostrar para ele o meu progresso nem para os outros, eu estou ali para mostrar para mim que eu consigo fazer melhor, cada dia melhor, progredir para cuidar da minha saúde. Eu estou ali por mim. (Dafne)

Rodolfo conta que se sente bem sendo observado pela esposa no próprio progresso, ao mesmo tempo em que se preocupa com o progresso de Dafne pois quer que ambos evoluam juntos.

Ah, eu... me sinto bem porque, assim, eu acho que eu consigo pegar as coisas fácil. E eu me preocupo se ela está pegando as coisas também. Eu sempre estou olhando, assim, para ver se está tudo certinho com ela. [...] Quando ela não está conseguindo fazer alguma coisa, eu fico meio assim “poxa, espero que ela consiga”, digamos assim, meio querendo que ela consiga, faça certo. Às vezes, ela faz até melhor do que eu, aí eu pergunto para ela e tudo. Mas, assim, sou doido para a gente conseguir evoluir juntos, pegar as coisas todas juntos, mudar de faixa juntos, essas coisas. (Rodolfo)

Quando questionada sobre o que sente quando vê o marido melhorando na prática do Karatê, Dafne comenta:

Eu acho lindo ver ele melhorando. Eu estou doida para ver ele usando uma faixa preta (risos) daqui a muitos anos, mas estou super ansiosa por isso e, com certeza, vou ficar muito orgulhosa quando acontecer. (Dafne)

b) Quando Marido e Esposa se Veem com Dificuldades.

Quando questionado sobre como se sente ao ser visto pela esposa enquanto tem dificuldades na prática, Rodolfo respondeu que se sente envergonhado mas que procura exercitar a humildade para aprender melhor o exercício proposto.

Quando eu não consigo eu fico meio envergonhado, assim, eu tento consertar e tudo, mas sou humilde. Quando eu não consigo mesmo eu falo “não, não estou conseguindo”, “vou pedir uma orientação para o professor ou vou perguntar para um colega mais graduado”. (Rodolfo)

Ao responder o mesmo questionamento, sobre como se sente ao ser observada por Rodolfo quando está tendo dificuldades, Dafne conta entender a importância de respeitar o próprio tempo e as próprias limitações individuais.

Olha eu entendo que com certeza eu vou ter mais dificuldades que ele, até porque ele tem um estilo físico muito diferente do meu. Então, assim, é uma sensação de compreensão de que ele provavelmente vai se desenvolver muito mais rápido que eu. Ele entende, ele capta algumas coisas mais rápido que eu e eu tenho compreensão de que isso provavelmente vai acontecer naturalmente mas..., é por aí, sinto orgulho por ele conseguir fazer as coisas e perseverança no meu caso para tentar conseguir e tentar fazer tudo certinho. (Dafne)

Categoria 3 - O Embate Físico Enquanto Casal.

Dafne, quando questionada sobre o que acharia sobre experimentar uma prática de combate físico com o marido, diz acreditar que seria uma experiência divertida. Por terem começado Karatê após a pandemia, não tiveram ainda a oportunidade de experimentar um combate físico no dojo.

Porém, na simulação de luta à distância que fizeram, Dafne relatou ter se sentido mais à vontade de se imaginar golpeando o marido por conta da intimidade que possuem.

Ah, eu acho que seria super divertido (risos). Na verdade, inclusive nesse dia que teve o treino de simulação de luta, eu me senti muito mais a vontade simulando socar ele do que simulando socar um outro aluno qualquer (risos). eu acho que por causa da intimidade, né. Não que eu quisesse machucar ele (risos). Lógico que não. Mas, por uma questão da própria intimidade, saber até onde eu posso ir ou não posso ir. Com uma outra pessoa seria meio estranho e invasivo, eu iria socar uma pessoa que eu nunca vi na vida. Já com meu marido, eu posso dar um soco nele. (Dafne)

Já Rodolfo conta que, para ele, a experiência traria algum nível de apreensão pelo receio de machucar a esposa.

Acho que seria legal (risos), divertido, mas com muito receio, né, de acontecer alguma coisa. Então, com certeza eu colocaria, assim, só uns 2% da força (risos), do engajamento que eu teria, digamos assim. (Rodolfo)

Categoria 4 - O Incentivo Conjugal para o Permanecimento na Arte Marcial.

Quando questionados sobre sentirem ou não que a prática de Karatê recebe influências externas do estresse ou das alegrias do cotidiano, ambos expressaram opiniões semelhantes. Dafne e Rodolfo acreditam que o Karatê na realidade ajuda a aliviar o estresse, e que um motiva o outro para irem ao treino por entenderem os benefícios da prática.

Então, na verdade eu acho que é meio ao contrário. Eu acho que o Karatê é que está aliviando todo o resto do cotidiano. É bem ao contrário porque às vezes a gente

chega lá tão estressado, tão pilhado, pelas as coisas do dia a dia a ponto de: “hoje eu não quero treinar”, “hoje eu não tô no clima” e saio de lá tão bem, tão leve, assim, sabe? É incrível. Eu nunca imaginaria que eu ia encontrar uma coisa que tivesse esse efeito. Agora, o dia a dia no Karatê, eu ainda não vi influenciar, mas o Karatê no dia a dia, com certeza. (Dafne)

Eu acho que seria o contrário (risos), digamos assim. Quando tem estresse, alguma coisa assim, a gente está cansado, tem até dias que a gente pensa “ah, não vamos no treino não, e tal”, só que “não, vamos treinar sim, vamos lá, que é legal” e chega lá muda totalmente. A gente sai pensando “ah, não, que pena que acabou, poderia ter mais e tal, já quero voltar”. Então, eu acho que é o contrário (risos) do que você me perguntou aí. Eu acho que o Karatê influencia a gente a ficar melhor, digamos assim, naquela atividade lá. (Rodolfo)

Discussão Subsistema 3

A entrevista de Dafne e Rodolfo, por ser uma entrevista de casal, traz uma perspectiva pouco vislumbrada ao escopo de trabalhos sobre famílias e esporte. Na revisão integrativa de literatura realizada no *Estudo 1*, apenas 2 de 19 estudos relataram de alguma maneira as repercussões do esporte na vida do subsistema conjugal. São eles os estudos de Joncheray et al. (2019) e Mazerolle et al. (2008), que tratam a respeito da experiência de ser um treinador de alta performance esportiva e tentar preservar a sua vida familiar, buscando evitar os impactos do conflito família/trabalho. Ambos os estudos são internacionais, com o primeiro tendo sido publicado na França e o segundo nos Estados Unidos. Nenhum destes trata a respeito da vivência de casais que praticam atividade física em conjunto, como é o caso de Dafne e Rodolfo.

O casal possui também uma experiência singular dentro do contexto do Karatê, por ter iniciado a prática da arte marcial já durante as restrições da pandemia. No que tange ao combate

físico, experimentaram uma “simulação de combate” feita com distanciamento social e máscara, onde o oponente fingia desferir golpes no outro à distância. O casal expressou ao longo de seu relato altas expectativas para treinar Karatê sem tantas limitações de contato físico.

Na experiência de simulação de combate, Dafne e Rodolfo contaram ter achado divertida a ideia de lutar um com o outro. Dafne deixou claro que não é porque deseja que o marido se machuque, mas sim que a dinâmica parece interessante e que se sente à vontade com ele por terem intimidade. Novamente, coloca-se o questionamento do porquê ser mais fácil se imaginar batendo em uma pessoa com quem se tem maior intimidade. Seria o conforto pela expectativa de ser compreendido quando alguém se machuca sem querer, como trouxe Luísa? Seria a intimidade um fator importante para a redução da timidez e aderência à proposta? Apesar da declaração de Dafne, Rodolfo se colocou mais reticente à ideia de lutar com a esposa, contando que tem receio de que ela se machuque. Segundo relata, tenderia a usar menos força e engajamento do que se fosse com outro colega de prática. Hipotetiza-se que a diferença entre as respostas de ambos se deve a uma diferença de socialização devido ao gênero, onde por questões estruturais e culturais a ideia de bater em uma mulher (mesmo em contexto esportivo) seja desconfortável para o homem, por considerá-la mais frágil e suscetível a riscos. Além disso, a ideia de ser um “homem que bate em mulher” é algo que, mesmo no ambiente do esporte, pode ser socialmente associado à covardia e a uma situação de desvantagem de força.

Quando questionados a respeito de como se sentem ao serem observados um pelo outro em suas práticas de Karatê, há uma divergência entre as respostas. Dafne responde que a opinião de Rodolfo é indiferente, uma vez que está ali por si mesma, enquanto Rodolfo traz a noção de que estão treinando para passarem mais tempo juntos. Apesar de dizer que a opinião do marido sobre ela é indiferente, Dafne afirma achar lindo vê-lo progredir no Karatê, o que é uma resposta que gera curiosidade por sua incompatibilidade entre ser vista por ele e vê-lo. Aqui, levanta-se também a hipótese da desejabilidade social para uma das respostas: a entrevistada pode ter acreditado que a entrevistadora esperava que ela se comportasse de forma emocionalmente independente em relação

ao marido, ou que expressasse uma opinião positiva em relação à prática do marido. Em contrapartida, pode ser que a declaração de Dafne expresse de fato como se sente, realizando por motivos individuais a separação da sensação que têm a respeito de si mesma e da forma como se sente em relação ao marido.

Seja como for, ambos concordam em seus relatos com a sensação de que o Karatê enriqueceu o vínculo conjugal, por ser um tema que os une e que faz com que passem tempo juntos. Ambos contam ter o objetivo de aprenderem mais e de aumentarem as graduações de faixa em conjunto. Féres-Carneiro (1998) discute sobre a importância da existência de uma zona comum de interação conjugal, lugar onde o casal pode compartilhar interesses e celebrar a própria união, sendo essa zona comum de interação algo de importância tão ímpar quanto o exercício da individualidade.

Subsistema 4 - Pedro (Filho)

Pedro é um homem cisgênero de cerca de vinte e cinco anos, branco e com ensino superior completo. Pratica Karatê com o pai há quatro anos e ambos iniciaram juntos (com dois meses de diferença), tendo a mesma graduação de faixa. Compareceu à entrevista sozinho, pois o pai não manifestou interesse em participar da pesquisa. Pedro afirma que a relação com o pai é boa e que convivem bem.

Pedro conta que quis iniciar em uma arte marcial na companhia do pai, com o intuito principal de evoluir o condicionamento físico no futebol. Quando buscou uma arte marcial, o pai sugeriu que fizessem Karatê.

Eu senti que eu ia evoluir futebol com a prática do Karatê. Um jogador de futebol que é faixa preta em taekwondo faz uns gols diferentes, eu acho legal. Primeiramente a motivação foi essa. Só que eu não fui para o taekwondo porque meu pai queria ir para o Karatê, então eu fui com ele. Eu queria treinar junto com ele, mas a ideia inicial era taekwondo. E, fui para o Karatê porque ele queria mais o Karatê e eu acabei gostando bastante também.

Categoria 1 - O Karatê Como Proporcionador do Estreitamento do Vínculo.

Pedro relata em sua entrevista ter decidido buscar uma atividade com o pai por perceber que havia no pai também uma vontade de que fizessem algo juntos.

Ele tinha vontade de fazer algo comigo, dava para ver. Aí pensei “ah, vou agradar ele e fazer as coisas junto com ele”, até porque a gente faz pouca coisa junto.

Pedro conta que as experiências proporcionadas pela prática esportiva, como o deslocamento para a academia de Karatê e o compartilhamento de um tema em comum era algo que gerava a sensação de aproximação e incentivo à prática.

Eu acho legal. A gente sai junto, vai de carro, chega. Conversamos sobre Karatê. É... acontece da gente sair para treinar ou então ele fazer um kata e pedir para eu corrigir ou vice-versa, aí essas coisas.

Pedro compartilha o fato de ter sentido, inclusive, que o Karatê o ajudou a ver a figura do pai como algo menos distante, flexibilizando a fronteira rígida entre o subsistema parental.

Mudou, talvez tenha mudado, a figura do pai. Essa é uma figura um pouco mais distante, às vezes, de você se sentir sempre mandado por ele, né. Como um soldado e um general, eu sou soldado e ele o general. Tem essa distância e é difícil aproximar. Aí quando a gente tá no Karatê a gente tá em igualdade, assim, a gente começa a ver o outro com outros olhos. Aí eu acho que fez diferença sim. O respeito continua igual, mas ficou uma figura menos distante... por aí.

Categoria 2 - A interação Familiar Diante de Alegrias e Desafios na Prática de

Karatê.

Pedro conta que quando vê o pai observando seu progresso no Karatê, sente que está agradando quem o criou, e que esse sentimento é semelhante ao de quando alcança outras conquistas.

É uma sensação muito parecida com o resto da relação do pai com o filho. Você passa na faculdade ele gosta, você faz alguma coisa no Karatê melhor que os outros ele gosta. Eu acho que a sensação é bem parecida. Eu sinto que eu estou agradando quem me criou.

Pedro relata também que, quando vê o pai melhorando as próprias habilidades no Karatê, torce por ele como se estivesse torcendo por um amigo em situação de igualdade, sendo diferente de uma sensação motivada pela hierarquia cultural entre pai e filho. Além disso, se mostra preocupado com a evolução do pai.

Eu fico preocupado com a melhora da técnica dele. Fico preocupado também, por exemplo, dele ser reprovado em alguma coisa. Então, quando eu vejo que ele está acertando alguma coisa que não acertava antes, ah é um progresso, é uma felicidade. Uma felicidade mais, talvez, como de amigo, sei lá. Se eu tivesse com um amigo seria a mesma coisa, porque eu vou tentar ajudar, torcer para ele evoluir.

O entrevistado conta também que se considera habilidoso no Karatê e que é raro que o pai precise corrigi-lo. Porém, por vezes, o pai o orienta em coisas que acredita que podem ser melhoradas no que se refere à técnica e vice-versa. Pedro relata que, entre eles, ser corrigido não é algo acompanhado de uma reação emocional marcante.

É que eu tenho um pouco mais de facilidade que ele no caso, né. Ele também já me corrigiu. Ele só fala “faz isso”, às vezes, “está certo”... ele só quer corrigir mesmo, não sei, não tem muito sentimento envolvido nisso. Sobre ele, eu tento ver geralmente o que ele faz de errado no treinamento, o que ele está fazendo de automático.

Categoria 3 - O Embate Físico Enquanto Pai e Filho.

Quando o assunto é o embate físico com o pai no dojo, Pedro reflete a respeito das hierarquias existentes no subsistema parental e como sente que no ambiente de Karatê isso muda.

Na primeira academia que eu estive tinha um pai e um filho, mas eles tinham a mesma graduação também. Eu não vi nenhuma autoridade de um com outro na relação deles, eram dois alunos normais. Aí, quando os dois saíram do dojo um dia, o pai pediu pro filho botar o casaco, alguma coisa assim. Mas durante a luta, durante o treino, não tinha diferença.

Sobre lutar contra o próprio pai, Pedro conta que não gosta de bater em ninguém, por sentir pena das pessoas. Porém, relata que quando está com o pai, busca se esforçar um pouco mais por imaginar que o pai queira ver ele se superando e evoluindo. Por isso, com o pai, conta tentar se esforçar para atingi-lo mais.

A gente lutou muito pouco, né. Na nossa academia o foco em luta é menor, é mais em kihon e kata, a gente luta muito pouco. Então quando a gente luta, a gente não tá tão acostumado. Eu sempre tenho medo de acertar as pessoas, qualquer pessoa, então eu bato um negócio assim, trisco, se bater um pouquinho mais eu já fico... já fico, já peço desculpa. Então, como já sou assim com todo mundo, não tem muita diferença

com meu pai . Eu não aprendi ainda a não ter medo de bater, ainda não me acostumei a lutar. Mas, com meu pai eu tenho mais vontade de ganhar, não sei. Eu acho que ele deve querer que o filho supere, então eu me esforço.

Categoria 4 - As Repercussões da Prática de Karatê Entre Pai e Filho no Sistema Familiar.

Pedro conta que a mãe, quando soube que marido e filho iriam praticar Karatê juntos, se posicionou contra a parte de luta por acreditar que seria uma situação violenta. Pedro atribui o sentimento da mãe a uma falta de conhecimento sobre a arte marcial em si, uma vez que o Karatê não é sobre pancadaria e violência.

Ela praticamente proíbe a gente de lutar junto, né. A mãe tem aquele instinto materno, vai achar que eu sou mais frágil que o normal. Então, ela vai ver o pai lutando com o filho, ela vai achar até meio assim covardia. Na cabeça dela. Ela não queria mesmo, ela fala “se pedir para lutar, não luta”. O Karatê não tem pancadaria de verdade. Mas, tem mãe que se preocupa um pouco mais, né, como ela também nunca fez esporte, então ela não compreende exatamente o que a gente compreende. Ela nunca praticou. Então, eu vejo que a pessoa que nunca praticou acha uma barbaridade. A pessoa que pratica acha normal. Eu levo um soquinho aqui, continuo sem nem sentir nada, mas se a minha mãe ver um negócio desse, ela vai achar que eu estou, não sei... um negócio assustador.

Categoria 5 - Quando Seu Pai e Você Possuem a Mesma Graduação de Faixa.

Pedro comenta que estar em uma posição de dizer ao seu pai a melhor maneira de executar determinada técnica não é algo que se vê com muita frequência no dia-a-dia.

Dizer para o seu pai “não, treina dessa outra forma”, ou então dar um conselho, dica de técnica, são coisas que no dia a dia é mais difícil de ver. Um filho falando “não, essa aqui que é é a forma certa de fazer” é uma coisa que só se vê no Karatê, talvez.

O entrevistado também complementa contando acreditar, no contexto do Karatê, que se pai e filho possuem respeito um pelo outro, torna-se mais fácil compreender a proposta de crescimento conjunto do esporte.

Eu acho que se o pai e o filho se respeitam bastante, se tem respeito mútuo, né, não vai ter nenhuma dificuldade do outro entender “eu não acho que o meu filho tá mandando em mim porque ele tá me ensinando isso, ele só tá me passando conhecimento”. Se os dois entenderem isso, acho tranquilo. Agora se achar superior ao que tá com a faixa mais baixa, aí no caso eu não concordo em nenhuma situação, nem se for pai e filho. A faixa não significa que a pessoa sabe mais que a outra, é só o tempo em que ela está no dojo.

Categoria 6 - O Incentivo Familiar Para o Permanecimento na Arte Marcial.

Pedro acredita que treinar com o pai cria uma dinâmica interessante de prática, em que um não deixa o outro desistir. Assim, há um incentivo familiar mútuo para que o treino aconteça.

O filho não pode faltar, não pode dar “migué” na frente do pai. Talvez um estimule o outro. Talvez o pai também, às vezes o pai está com a maior vontade de dar “migué”, não é o caso do meu pai, mas às vezes o pai está com a maior vontade de dar migué mas não dá porque na frente do filho se ele fizer isso seria feio. Talvez os dois se puxem para cima por causa disso.

Discussão Subsistema 4

Pedro comenta não sentir emoções muito fortes no que tange ao processo de lutar com o pai ou de corrigi-lo e ser corrigido por ele. Conta acreditar que o combate físico, a luta e o compartilhamento de experiências fazem parte do processo de praticar Karatê.

A mãe de Pedro é descrita por ele como avessa à arte marcial, imaginando que é algo intrínseco à violência e fazendo tentativas de proibir Pedro e o pai de lutarem entre si. Pedro acredita que ela se sente dessa maneira por não entender a proposta filosófica da arte marcial, que fala a respeito de resolução de conflitos, controle corporal e aversão à violência. Segundo o entrevistado, o embate físico de fato ocorre, mas não é com a intenção de machucar o oponente e exige controle dos movimentos.

Pedro conta, inclusive, não gostar necessariamente da parte da luta, uma vez que considera sentir “pena” de todo mundo e não querer bater em ninguém. Porém, relata haver uma diferença entre lutar com o pai e com outras pessoas. Segundo Pedro, há um esforço maior no combate físico contra o pai, por sentir que ao conseguir acertá-lo mostra que está evoluindo no esporte e o deixa orgulhoso. A perspectiva que Pedro apresenta é interessante por aparentemente trazer o inverso da expectativa hierárquica, mas na realidade reforça-la. Por se esforçar mais para bater no pai, pode parecer a quem ouve que há uma significativa flexibilização da função hierárquica do subsistema entre pai e filho, uma vez que Pedro conta sentir maior liberdade em atingir o pai com golpes no Karatê. Porém, quando observamos a motivação e a função comportamental, nota-se que o filho o faz para tentar orgulhar o pai, mantendo as funções esperadas deste subsistema entre pai e filho (Minuchin et al., 2009).

Pedro também conta sentir que antes da prática de Karatê com o pai, a relação cultural do subsistema parental era constituída pelo pai no papel de “general” e pelo filho no papel de “soldado”. É uma fala interessante que nos evoca a utilidade do uso de metáforas quando descrevemos situações desafiadoras ou delicadas, tema abordado por Salvador Minuchin em seu

livro *Famílias e Casais: do Sintoma ao Sistema* (2009). Minuchin relata em seu livro, inclusive, metáfora semelhante (e ampliada): “pais são carcereiros, que são prisioneiros - e filhos são prisioneiros, que são carcereiros” (2009, p.23). Minuchin utilizava as metáforas em sua prática em uma tentativa de trazer à tona as dinâmicas estruturais das famílias, que por vezes precisam ser apontadas como geradoras de possíveis problemas e serem destacadas enquanto passíveis de observação e reflexão. A metáfora possui, então, a função de descrever dinâmicas estruturais sem trazer à tona um peso que deixe as pessoas impressionadas ou se sentindo ofendidas. Quando Pedro descreve a relação de pai e filho enquanto “general” e “soldado”, há uma indicativa do conhecimento da existência de uma hierarquia clara na própria cultura familiar, onde o pai possui mais autoridade do que o filho.

Quanto à hierarquia existente no subsistema parental, Pedro relata que iniciar a prática esportiva junto ao pai o fez sentir a aproximação dessa figura, antes distante em sua função de ocupar uma fronteira rígida (Minuchin, 1974). A fronteira entre pai e filho se transforma, então, de rígida a mais nítida, permitindo uma sensação de maior proximidade para o filho. Como o pai de Pedro optou por não participar da entrevista, levanta-se o questionamento da percepção dele. Compartilharia o pai da mesma opinião, de que a partir da prática conjunta de Karatê o filho deixou de ser o seu “soldado” e ambos estão mais próximos?

Discussão Geral

Dentre as pessoas entrevistadas, pudemos acompanhar relatos acerca da percepção de que o Karatê-Do Shotokan é uma modalidade de artes marciais que transcende a idéia do combate físico. Nas entrevistas, foi citado por Isidoro o Dojo Kun, preceito que dita a estrutura e a filosofia da arte marcial abordada. Tal estrutura consiste na importância da formação íntegra do caráter, na valorização do esforço, no respeito acima de tudo e na contenção do espírito de agressão. Luísa, Pedro, Dafne e Rodolfo também trazem em suas entrevistas terem percebido em algum momento de sua trajetória no Karatê sobre a importância da filosofia do esporte enquanto estilo de vida.

Pedro e Dafne, no que tange à percepção do Karatê como esporte e como estilo de vida, trouxeram em suas experiências o contato com membros da família que não praticavam a arte marcial. Nas famílias de ambos, existiam pessoas que nutriam preconceito pelo Karatê por associar a prática à violência. Tanto Pedro quanto Dafne alegaram sentir que, no caso de seus familiares, o preconceito se devia à falta de conhecimento sobre a filosofia do esporte e sobre o benefício da prática de atividade física por meio da arte marcial.

Todos os subsistemas entrevistados relataram sentir que praticar Karatê juntamente a outros membros da própria família foi e vêm sendo uma experiência que estreitou vínculos e laços afetivos. Segundo eles, ter o Karatê como um tema em comum de conversas, se deslocar em conjunto para as práticas, auxiliar uns aos outros em momentos desafiadores, torcer e acompanhar vitórias são experiências que geram uma sensação de aproximação familiar. Além do estreitamento do vínculo, a percepção de que o pai é humano, passível de sentir dor, vergonha e de ser o seu colega de treino foi algo presente nas entrevistas de Isidoro, Iago e Pedro. Estes entrevistados comentaram sobre o fator de aproximação e humanização da figura do pai, ao serem vistos ou de observarem seus respectivos pais em situações de tentativa e erro no dojo. Os três comentaram observar essa dinâmica inusitada com interesse, se sentindo mais próximos de seus pais (Pedro e Iago) ou de forma mais humanizada perante o filho (Isidoro). Os participantes relatam perceber que, tradicionalmente, pode existir uma fronteira rígida que permeia a figura do pai e que o torna distante na percepção dos filhos na convivência familiar.

No que tange ao combate físico entre membros da família, é interessante notar as diferenças relatadas a partir da experiência individual de cada pessoa e subsistema. Isidoro e Iago, em sua dinâmica de pai e filho em situação de combate físico, relataram uma sensação de estranhamento e contenção no início de suas práticas conjuntas, por receio de machucar um ao outro. Apesar disso, contam ter entendido de maneira gradativa a importância de ao mesmo tempo ser e de se ter um parceiro de luta que leva o treino a sério, para uma evolução consistente de ambos enquanto Karatekas (com Isidoro expressando especial preocupação com o progresso de Iago, atleta de alto

rendimento). Já Pedro, quando luta com o pai na academia de artes marciais que frequentam juntos, conta se sentir contido com outros colegas mas se esforçar quando está com o pai, tentando acertá-lo com golpes com mais frequência. Relata fazer isso em uma tentativa de demonstrar para o pai a melhora da própria técnica de luta, por acreditar que é isso que o pai deseja dele e pela vontade que sente de orgulhá-lo.

Há também uma perspectiva cômica do combate físico com pessoas da família, trazida à tona por Luísa e Dafne. Ambas relataram que, em experiências de luta com a mãe (Luísa) e em simulações de combate com o marido (Dafne), a principal sensação foi a de divertimento e de relaxamento pela existência de uma intimidade dentro da dinâmica do subsistema. É possível que o divertimento demonstrado pelas mulheres entrevistadas seja uma tentativa de amenizar situações possivelmente desconfortáveis, seja pelo combate físico entre pessoas da própria família ou pelo estranhamento de estar em um ambiente de artes marciais, local que apenas de forma mais recente vem sendo mais ocupado por mulheres.

É interessante notar a importância dada pelos entrevistados (Isidoro, Iago, Luísa, Cléo e Pedro) ao fato de que, quando se está no dojo, os papéis familiares devem ser deixados à porta. Quando vestidos com seus kimonos, pai, filho e mãe e filha devem se tornar colegas de treino e nada mais. Pedro comenta ter observado tal dinâmica em uma outra família matriculada em uma academia onde já praticou Karatê com o pai. Observando esse outro pai e esse outro filho, Pedro conta ter percebido que dentro do dojo os dois se comportavam como colegas, mas fora dali havia comportamentos sutis que sinalizavam a retomada da hierarquia (como o pai na saída do treino pedindo ao filho que colocasse o casaco, pois estava frio). Cléo, em sua entrevista, conta ser inclusive repreendida pelo sensei quando tenta corrigir a filha Luísa de forma demasiadamente autoritária, sendo lembrada pelo professor que ali no dojo ela não é mãe de ninguém. De fato, na proposta do ambiente de artes marciais, os papéis pré-estabelecidos para os subsistemas familiares de nada servem.

Em relação a receber dicas e críticas em suas técnicas de Karatê, nota-se também uma diversidade de percepções. Diferente de Luísa, Pedro relata não sentir nada marcante ao ser corrigido pelo pai em sua prática de Karatê. No dojo, Luísa conta sentir por vezes dificuldade de sair do papel de filha e notar a mãe ainda se comportando enquanto sua mãe, fator que atribui (junto à sua relatada dificuldade em aceitar críticas alheias em geral) como elemento dificultador do processo de troca de conhecimento em conjunto com Cléo. Já Dafne, Rodolfo, Isidoro e Iago contam estarem atentos à importância da experiência esportiva de troca de conhecimento e aprendizado conjunto, uma vez que todos possuem algo a ensinar uns aos outros. Luísa, em determinado momento de sua entrevista, afirma que até mesmo os faixa-branca têm coisas a ensinar aos mais graduados, como a contenção de força frente a alguém que ainda não possui a mesma técnica, além do treino da habilidade de ensinar alguém que acabou de chegar no dojo.

Todos os entrevistados relataram encarar com naturalidade o fato de filhos serem da mesma graduação de faixa ou de graduação maior do que a dos pais ou de outras pessoas mais velhas. Isso se deve ao fato de que, para alguns dos entrevistados (Luísa e Pedro), a faixa significa apenas um “enfeite”, não simbolizando a real experiência das pessoas ali presentes e não podendo ser em nenhuma hipótese um elemento para que sejam realizados comportamentos intimidatórios ou ostensivos. Para ambos os Karatekas, a humildade perante colegas de treino foi citada como uma das características mais valorizadas no ambiente das artes marciais. Iago também menciona em sua entrevista outra característica interessante advinda do fato de ser mais graduado que seu pai, contando sentir que agora pode retribuir ao pai os diversos ensinamentos que recebeu dele ao longo da vida e sobre a vida. Levanta-se aqui o questionamento de se a postura dos filhos em minimizar o peso da graduação de faixa seria uma tentativa de preservar a hierarquia parental ou se seria o pensamento reflexo dos princípios de humildade e respeito estabelecidos pelo Dojo Kun.

Os relatos de Isidoro, Cléo, Iago, Pedro e Luísa trazem sentimentos de incômodo em situações de combate físico dentro do subsistema parental, vontade de agradar os pais ou ensinar os filhos e dificuldade em aceitar críticas do familiar. Isso pode nos levar a pensar que as fronteiras

rígidas do papel de ser pai e mãe possivelmente ainda permanecem com a mudança de contexto, com o subsistema parental preservando suas funções nessas famílias mesmo no ambiente de treino (Minuchin et al., 2009). Acredita-se que isso ocorre porque o Karatê por si só não dissolve as estruturas familiares como em um passe de mágica, uma vez que oferece a proposta de flexibilização de fronteiras a uma gama infinita de possibilidades familiares, que reagirão à proposta de maneira igualmente singular e inédita. Caso a família possua uma tendência à homeostase sistêmica (Bertalanffy, 2014), tenderá a buscar o equilíbrio conhecido, preservando a função de hierarquia e autoridade parental. Famílias cujo sistema permite uma abertura maior à morfogênese poderão demonstrar uma maior adaptabilidade à mudança e à proposta do Karatê. A partir dos relatos das pessoas entrevistadas, é inegável que é percebida por todas a existência do incentivo da prática para que tais distâncias sejam reduzidas e que pais e filhos não se vejam no dojô enquanto familiares e suas hierarquias tradicionais, mas sim como colegas de prática que podem aprender uns com os outros de maneira horizontal.

Considerações Finais

A presente dissertação, orientada a partir da perspectiva teórica da Terapia Sistêmica Estrutural, foi construída em duas etapas, categorizadas enquanto Estudo 1 e Estudo 2. O Estudo 1 buscou, por meio de revisão integrativa de literatura, realizar um levantamento da produção científica nacional e internacional a respeito das repercussões da prática esportiva em sistemas familiares nas últimas duas décadas. Foram estabelecidos como critérios de inclusão as seguintes características para os estudos encontrados: estudos publicados entre 2000 e 2021 com delineamento qualitativo, quantitativo e multimétodos, que estivessem em inglês, espanhol ou português. A partir da busca nas bases de dados selecionadas, sendo elas APA Psycinfo, Oasis e BVSalud, foram encontrados 19 estudos adequados aos critérios de inclusão. Outros 15 estudos, que também abordavam a interseção entre famílias e esporte, foram excluídos por abordarem de maneira unilateral apenas as influências das interações familiares na vivência esportiva.

Os 19 estudos incluídos abordaram de forma exclusiva ou parcial as repercussões da vivência esportiva nas relações familiares, explorando uma variedade de contextos e vivências esportivas possíveis. Como consequência, em nossa revisão integrativa de literatura os temas encontrados foram separados em duas diferentes seções, sendo elas “Repercussões da prática esportiva nas relações familiares” e “As mútuas influências entre a vivência esportiva e as relações familiares”. Cada uma destas duas seções foi dividida em diferentes subseções, a partir do agrupamento dos estudos por interesse de exploração.

Nos estudos categorizados enquanto “Repercussões da prática esportiva nas relações familiares”, abordando exclusivamente a forma como a prática esportiva repercute nas interações e dinâmicas familiares, foram encontrados os seguintes interesses temáticos: treinadores esportivos e a negociação entre trabalho e família; as repercussões da prática esportiva no subsistema fraterno; esportes para jovens e as repercussões nas relações familiares; lazer familiar e paternidade.

Já nos estudos categorizados enquanto “As mútuas influências entre a vivência esportiva e as relações familiares”, abordando tanto as influências da vivência esportiva nas relações familiares quanto as repercussões das interações familiares na prática esportiva, foram encontrados os seguintes interesses: a família como motivo de escolha, permanência e desistência de uma modalidade esportiva; quando seu pai é o seu treinador; o papel familiar na formação do atleta e o papel do esporte e da família no desenvolvimento de valores sociais.

A respeito dos 19 estudos encontrados, 78,9% estavam disponíveis na plataforma internacional APA Psycinfo, trazendo à tona a forte representação internacional das pesquisas que abordam famílias e esportes enquanto tema de interesse. Da totalidade dos estudos incluídos, apenas três foram publicados no Brasil e mais da metade (52,6%) nos Estados Unidos. De 19, apenas 2 estudos trataram a respeito do subsistema conjugal enquanto dinâmica de interesse de investigação, não sendo nenhum publicado nacionalmente.

Ao realizar-se a presente revisão integrativa de literatura, foi possível notar ainda a pequena quantidade de estudos disponibilizados a respeito do tema de interesse. No estágio inicial de

procura pelos estudos nas plataformas de bases de dados, foram encontrados a princípio um total de 226 resultados, a partir dos descritores “family relations” AND “sports” e “relações familiares” AND “esportes”. Desse total, apenas 19 estudos foram considerados como adequados aos critérios de inclusão estabelecidos para análise (estudos publicados entre 2000 e 2021 com delineamento qualitativo, quantitativo e multimétodos, em inglês, espanhol ou português, abordando de forma exclusiva ou parcial as repercussões da prática esportiva nas relações familiares). Nota-se ter maior popularidade de pesquisa a exploração de como a família interfere no desempenho esportivo dos atletas, contribuindo para a sua formação, permanência ou desistência na modalidade esportiva. No cenário internacional e no âmbito nacional de forma ainda mais acentuada, é incipiente o interesse de pesquisa pelas repercussões provocadas pela vivência esportiva nos sistemas familiares. A forma como as famílias e casais percebem que participar de um esporte em conjunto (ou ter um membro da família enquanto atleta) os afeta em suas rotinas, vínculos e interações ainda é uma dinâmica pouco explorada e com grande potencial para pesquisas futuras.

A segunda parte da presente dissertação, denominada Estudo 2, teve como objetivo explorar experiências de pessoas que praticam Karatê-Do Shotokan com seus familiares. Nas entrevistas, realizadas com sete pessoas pertencentes a quatro sistemas familiares distintos, foram exploradas as mútuas repercussões percebidas pelos participantes entre a prática esportiva e a relação com o familiar colega de prática. Nas entrevistas, foram obtidos relatos sobre experiências diversas da prática esportiva conjunta, como o combate físico esportivo no subsistema conjugal e parental e a diferença de hierarquia de faixas entre filhos mais experientes do que os pais.

Dentre as declarações oferecidas pelas pessoas entrevistadas, pudemos observar a percepção de que o Karatê-Do Shotokan não se trata somente da prática de atividade física, mas de uma proposta de conduta moldada pelo Dojo Kun, pressupostos do Karatê Shotokan estabelecidos por Gichin Funakoshi (1868-1957), seu fundador: esforçar-se para a formação do caráter, fidelidade para com o verdadeiro caminho da razão, criar o intuito de esforço, respeito acima de tudo e conter

o espírito de agressão. Alguns dos participantes comentaram a respeito do preconceito que algumas pessoas da família possuem com a arte marcial, por não ter contato direto com a prática.

É possível também percebermos interessantes divergências de comunicação ao longo da entrevista entre os entrevistados de um mesmo subsistema. Enquanto o marido afirma que está na prática para passar mais tempo com a esposa, sua esposa afirma estar praticando Karatê apenas por si mesma. Em outra entrevista, é possível notar que a mãe não se sente compreendida por sua filha quanto às limitações de saúde que possui e que dão outro ritmo à sua prática física, enquanto a filha toma um tempo da própria entrevista para dizer o quanto admira a mãe por buscar se superar nas limitações impostas pela idade. Por vezes, padrões de comunicação (ou da falta dela) existentes ao longo da vida em uma família irão também se manifestar nos diversos contextos nos quais a família se propõe a estar.

Apesar das divergências de comunicação e da opinião externa sobre a prática de artes marciais dos subsistemas, todos os participantes da entrevista contaram sentir que praticar Karatê em conjunto com familiares é uma experiência proporcionadora do estreitamento de vínculos. Ter um tema de interesse em comum para se conversar, irem juntos aos locais de prática de Karatê, realizarem a prática em conjunto e aprenderem juntos a evoluir nas técnicas da arte marcial foram apontadas como experiências que geram uma sensação de aproximação de fronteiras anteriormente percebidas enquanto rígidas (Minuchin, 1974).

O ambiente de artes marciais do Karatê-Do Shotokan foi descrito por todos os participantes como um local que propõe que as estruturas familiares e conjugais, bem como as hierarquias de autoridades do subsistema parental, sejam deixadas de lado. Porém, é importante notar que apenas estar em um ambiente com determinados pressupostos não significa imediatamente aderir a eles. Nota-se nos relatos que existem episódios onde, de maneira esporádica ou frequente, participantes sentem dentro do dojo algum incômodo por serem corrigidos pelos pais ou filhos em suas técnicas. Além disso, pai e mãe sentem vontade de preparar e corrigir seus filhos em determinadas situações, e filhos e pais sentem-se contidos ao entrarem em combate físico. Isso nos indica que os papéis

familiares podem permanecer preservados mesmo em ambientes desafiadores, e depende da disposição familiar a busca por se aventurar ou não na proposta de morfogênese (Bertalanffy, 2014) e experimentação do papel de ser colega de seu parente.

Acredita-se que a presente dissertação possui limitações em sua construção, relacionadas ao fato da interseção entre famílias e esporte ser ainda um tema em construção enquanto interesse de estudo no Brasil. Na revisão integrativa da literatura, foram encontrados apenas três estudos publicados nacionalmente, e ao todo apenas 19 estudos incluídos para análise nas três plataformas de busca escolhidas. Além da baixa quantidade de estudos disponíveis, a exploração da conjugalidade no esporte apareceu em apenas dois desses estudos, e em nenhum deles a nível nacional. No que tange ao estudo de caso coletivo, nota-se a falta de diversidade étnica, econômica e de identidade e orientação sexual. Todas as pessoas entrevistadas eram brancas, cisgêneras, com renda declarada equivalente à classe média e todas as relações conjugais endereçadas nas entrevistas possuíram natureza heterossexual. Além disso, não foi possível acessar pela entrevista outras possibilidades de subsistemas familiares, como o fraterno. Fazem-se necessários mais estudos a respeito da temática e que abranjam uma maior diversidade populacional, para que suas experiências singulares também tenham voz. Sugere-se aqui ainda estudos que investiguem outras modalidades esportivas que envolvam maior contato físico, combate ou outros modelos de cooperação e desafio.

Esta dissertação foi construída com o desejo de contribuir com o escopo de pesquisas acerca da temática familiar e esportiva, bem como trazer a perspectiva de um casal que realiza a prática conjunta de uma modalidade esportiva. Como terapeuta sistêmica, acredito na importância de nos lembrarmos que a família continua existindo fora da própria casa e do consultório de terapia de família. É preciso dar voz a outros contextos familiares, e o esporte representa um rico ambiente de interação e de exploração de experiências.

Referências

Bertalanffy, L. (2014). *Teoria Geral dos Sistemas* (8ª ed.). Editora Vozes.

Bitencourt, M. & Bezerra, M. (2011). *Sociologia*. Paraná: © INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA - PARANÁ - EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, pp.48

Blazo, J., Czech, D., Carson, S. & Dees, W. (2014) A Qualitative Investigation of the Sibling Sport Achievement Experience. *The Sport Psychologist*. Volume 28: Issue 1, 36-47.
<https://doi.org/10.1123/tsp.2012-0089>

Bruscagin, C. (2010). Terapia Familiar Sistêmica. *Revista Psicoterapias*, 36-65.

Carter, B. & McGoldrick, M. (1995) *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Coakley, J. (2006). The Good Father: Parental Expectations and Youth Sports. *Leisure Studies*, 25:2, 153-163, DOI: 10.1080/02614360500467735

Conselho Federal de Psicologia (2018). *Psicologia do Esporte: o corpo em movimento*. Revista Diálogos. Ano 14, No 9.

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. (2001). [Coleção Saraiva de Legislação]. (21ª ed.). São Paulo: Saraiva.

Dorsch, T. & Smith, A. (2015). Early Socialization of Parents Through Organized Youth Sport. *Sport, Exercise, and Performance Psychology*. Vol. 4, No. 1, 3-18.
<http://dx.doi.org/10.1037/spy0000021>

Féres-Carneiro, T. (1997). Entrevista Familiar Estruturada -EFE: Um método de avaliação das relações familiares. *Temas em Psicologia*, 63-94.

Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia Reflexão e Crítica* 11 (2).
<https://doi.org/10.1590/S0102-79721998000200014>

Folle, A., Nascimento, J., Salles, W., Maciel, L. & Dallegrave, E. (2018) Family Involvement in the Process of Women 's Basketball Sports Development. *J. Phys. Educ*, 29, 2018.
<https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v29i1.2914>

Funakoshi, G. (1994). *Karatê-Dô: O meu Modo de Vida*. São Paulo: Ed.Cultrix.

Harrington, M. (2006). Sport and Leisure as Contexts for Fathering in Australian Families. *Leisure Studies*. Vol. 25, No. 2, 165-183. DOI: 10.1080/02614360500503265

Harwood, C., Douglas, J. & Minniti, A.. (2012). Talent Development: The Role of the Family. *Oxford Handbooks Online*. DOI: 10.1093/oxfordhb/9780199731763.013.0025

Hellstedt, J. (2005) Invisible players: a family systems model. *Clinics in Sports Medicine*. Volume 24, issue 4, pp. 899-928. <https://doi.org/10.1016/j.csm.2005.06.001>

Horta, A. & Fernandes, H. (2018) Family and crisis: contributions of systems thinking for family care. *Rev Bras Enferm* [Internet];71(2):234-5. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2018710201>

Jacomim, L., Ito, I., Fernandes, R. & Christofaro, D. (2013). Estudos sobre arte marcial e lutas na literatura brasileira: revisão sistemática. *Colloquium Vitae*, 5(2), 149-157.

Joncheray, H., Burlot, F. & Julla-Marcy, M. (2019). Is the game lost in advance? Being a high-performance coach and preserving family life. *International Journal of Sports Science & Coaching*. Vol 14, Issue 4, 2019. <https://doi.org/10.1177/1747954119860223>

Laville, C., & Dionne, J. (1999). Das Informações à Conclusão. *A construção do saber* (1a ed., pp. 197–231). Penso.

Lee, S., Nihiser, A., Strouse, D., Das, B., Michael, S. & Huhman, M. (2010) Correlates of Children and Parents Being Physically Active Together. *Journal of Physical Activity and Health*. Volume 7, issue 6. Pages 776-783. <https://doi.org/10.1123/jpah.7.6.776>

Lima, M., Almeida, M. & Lima, C. (1999) A utilização da observação participante e da entrevista

semi-estruturada na pesquisa de enfermagem. *Revista Gaúcha de Enfermagem*. V. 20, n. esp., p. 130-142.

Mazerolle, S., Bruening, J. & Casa, D. (2008) Work-Family Conflict, Part I: Antecedents of Work-Family Conflict in National Collegiate Athletic Association Division I-A Certified Athletic Trainers. *J Athl Train* 43 (5): 505–512. <https://doi.org/10.4085/1062-6050-43.5.505>

Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e Tratamento*. Editora Artes Médicas.

Minuchin, S. (1974). *Families and Family Therapy*. Harvard University Press.

Minuchin, S., Nichols, M. & Lee, W. (2009). *Famílias e Casais: do Sintoma ao Sistema*. Artmed.

Moon, E. W. (2003) *Flow: Family Dynamics and Adolescent Experiences in Soccer*. Dissertation, Faculty of the Virginia Polytechnic Institute and State University, Blacksburg, Virginia, United States.

Moura, T. (2010) *Interferência familiar na prática esportiva dos filhos: análises de histórias de vida*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual Paulista, São Paulo, Brasil.
<http://hdl.handle.net/11449/120114>

Newhouse-Bailey, M. (2012) *Understanding the impact of youth participation in organized sport on*

family functioning. Thesis, The University of Texas at Austin, United States.

<http://hdl.handle.net/2152/ETD-UT-2012-05-5864>

Organização Pan-Americana de Saúde, 2020. Considerações sobre ajustes às medidas de distanciamento social e relativas a viagens relacionadas à pandemia de COVID-19.

Recuperado em 01 de dezembro de 2020:

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6171:consideracoes-sobre-ajustes-as-medidas-de-distanciamento-social-e-relativas-a-viagens-relacionadas-a-pandemia-de-covid-19&Itemid=812

Osai, K., Dorsch, T., & Whiteman, S. (2020) To Be, or Not to Be, That Is the Question”: Modeling and Differentiation Among Siblings Participating in Organized Youth Sport. *Journal of Sport and Exercise Psychology*. Volume 42: Issue 6, 500-510.

<https://doi.org/10.1123/jsep.2019-0279>

Ríos -González, J. A. (Coord.) (2003). *Vocabulario básico de orientación y terapia familiar*.

Madrid: Editorial CCS.

Rubio, K. (2007). Da Psicologia do Esporte que temos à Psicologia do Esporte que queremos.

Revista Brasileira de Psicologia do Esporte, vol.1, no1.

Sandall, J. (2010). JYU KUMITE vs SHIAI KUMITE. *Karate JKA*, recuperado em 04 de janeiro de

2022: <http://Karatêjka.blogspot.com/2010/01/jyu-kumite-vs-shiai-kumite.html>

Scheibling, C. & Marsiglio, W. (2020). #HealthyDads: “Fit Fathering” Discourse and Digital Health Promotion in Dad Blogs. *Journal of Marriage and Family*. Volume 83, Issue 4 p. 1227-1242. <https://doi.org/10.1111/jomf.12743>

Schiavon, L. & Soares, D. (2016). Parental support in sports development of Brazilian gymnasts participants in the Olympic Games (1980-2004). *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. 30 (1). Jan-Mar 2016. <https://doi.org/10.1590/1807-55092016000100109>

Schmid, O., Bernstein, M., Shannon, V. & Griffith, C. (2015). “It’s Not Just Your Dad, It’s Not Just Your Coach...” The Dual-Relationship in Female Tennis Players. *The Sport Psychologist*, 2015, 29, 224 -236 <http://dx.doi.org/10.1123/tsp.2014-0049>

Souza, M., Silva, M. & Carvalho, R. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*. 2010; 8(1 Pt 1):102-6. <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>

Stake, R. E. (1995). The art of the case study research. *Thousand Oaks*: Sage Publications.

Teixeira, E., Medeiros, H. P., Pinheiros, M. H. M., Silva, B. A. C. e, & Rodrigues, C. (2013). Integrative literature review step-by-step & convergences with other methods of

review. *Revista de Enfermagem Da UFPI*, 2, 3–7. DOI: <https://doi.org/10.26694/reufpi.v2i5.1457>

Trussel, D. E. (2009). Organized Youth Sport, Parenthood Ideologies and Gender Relations: Parents' and Children's Experiences and the Construction of "Team Family". Thesis, University of Waterloo, Waterloo, Ontario, Canada.

Valdemoros, M. Ángeles, Ponce de León, A., Ramos, R., & Sanz, E. (2011). Pedagogía de la convivencia y educación no formal: un estudio desde el ocio físico-deportivo, los valores y la familia. *European Journal of Education and Psychology*, 4(1), 33-49.
<https://doi.org/10.30552/ejep.v4i1.65>

Vieira, L., Vissoci, J., Oliveira, L. & Vieira, J. (2010). Psicologia do Esporte: uma área emergente da Psicologia. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 15, n. 2, p. 391-399, abr./jun. 2010

Wagner, A., Tronco, C. & Armani, A. (2011). Os desafios da Família Contemporânea - Revisando Conceitos. Em A. e. Wagner, *Desafios Psicossociais da Família Contemporânea* (pp. 19-35). Artmed.

Anexos

Anexo 1: Parecer Consubstanciado do CEP

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Exploração de experiências de sistemas familiares inseridos na prática de Karatê-Do Shotokan

Pesquisador: JULIA GOUVEIA DE MATTOS LEME

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 29140020.6.0000.5540

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UNB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.475.783

Apresentação do Projeto:

Trata-se do projeto de mestrado do Instituto de Psicologia (IP/UnB), da linha "Psicologia clínica e cultura", intitulado Exploração de experiências de sistemas familiares inseridos na prática de Karatê-Do Shotokan, de autoria da pesquisadora Júlia Gouveia de Mattos Leme, sob a co-orientação das Doutoradas Isabela Machado da Silva e Regina Lúcia Sucupira Pedroza, com financiamento próprio.

Objetivo da Pesquisa:

A pesquisadora formulou o seguinte objetivo primário: - descrever as experiências de pessoas de uma mesma família que pratiquem em conjunto o Karatê-Do Shotokan, com a finalidade específica de explorar os possíveis benefícios, tensionamentos e conflitos experimentados na prática esportiva em família.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo a pesquisadora, a pesquisa oferece um risco mínimo aos participantes. Os riscos previstos são possíveis gastos financeiros para deslocamento até a Universidade de Brasília, bem como possível incômodo emocional devido à discussão de temas familiares. É importante ressaltar que nossas resoluções nacionais preveem a possibilidade de ressarcimento em caso de gastos financeiros para participação em pesquisas. É preciso explicitar no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a garantia de ressarcimento e como serão cobertas as despesas tidas pelos

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

Página 01 de 04

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 4.475.783

participantes da pesquisa e dela decorrentes. No caso de identificação por parte dos participantes ou da pesquisadora de qualquer tipo de sofrimento ou desconforto provocados pela pesquisa, será realizado, segundo a pesquisadora, acolhimento imediato por parte da profissional, psicóloga com registro no CRP, disponível para ser acionada pelo estagiário condutor da entrevista durante todo o período de coleta de

dados. Em seguida, será disponibilizado o contato de atendimento do serviço do Centro de Atendimento e Estudos Psicológicos (CAEP) da Universidade de Brasília, bem como de instituições que prestem serviço semelhante no Distrito Federal. Na hipótese de ocorrência, os procedimentos de coleta serão interrompidos imediatamente, sendo garantida a assistência psicológica aos participantes. Quanto aos benefícios, o principal deles é abrir um espaço de diálogo para que sejam trazidas reflexões a respeito do impacto da prática de artes marciais na dinâmica individual da família, possibilitando, assim, aos indivíduos oportunidade de maior autoconhecimento e compreensão do sistema familiar.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisadora pretende utilizar da técnica da entrevista (com os membros de cada unidade familiar que praticam o Karatê-Do Shotokan), com uma análise dos dados qualitativos por intermédio da transcrição das entrevistas pela Análise Temática de Dados, proposta por Braun e Clarke (2006). A metodologia eleita para a realização da análise permite identificar, analisar, interpretar e descrever detalhadamente os padrões existentes nos relatos dos participantes entrevistados, com foco específico na modalidade reflexiva, que permite o engajamento e o aprofundamento na singularidade das informações. A pesquisadora fez uma previsão de 20 (vinte) participantes da pesquisa, escolhidos por conveniência, a partir do compartilhamento via redes sociais de imagem de divulgação sobre a pesquisa e pela técnica snowball ou “cadeia de informantes”. Também, designou uma sala na UnB para as entrevistas e apontou os seguintes critérios de participação, a saber: a) Critério de Inclusão: Será imprescindível que o sistema familiar ou o subsistema frequente a mesma academia de Karatê-Do Shotokan, visto que compartilhar o mesmo espaço de prática é um pré-requisito para vivenciar em conjunto situações desafiadoras e tensionadoras durante o treino. Os participantes devem também possuir mais de 16 anos de idade e possuírem interesse em participar da pesquisa; b) Critério de Exclusão: Serão excluídos participantes que possuam deficiência física ou intelectual, uma vez que análises aprofundadas a respeito da temática não fazem parte da proposta do estudo em questão.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisadora postou os seguintes documentos: - Lattes de pesquisadora e das Co-orientadoras; informações básicas e projeto completo; Carta de Revisão Ética; Carta de Encaminhamento;

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

Página 02 de 04

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 4.475.783

justificativa para não apresentação de aceite institucional (amostra por conveniência e rede de informantes, com entrevistas realizadas na UnB); instrumento de pesquisa (roteiro de entrevista semiestruturada); novo orçamento e cronograma atualizado, com previsão da coleta de dados prevista para iniciar em 04/02/2021; novo TCLE, completo e detalhado com termo de assentimento para menores; e uma emenda à versão 1, com acréscimo de protocolos e procedimentos para o desenvolvimento da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, considerando que a pesquisadora complementou a versão 1 com uma emenda de protocolos e procedimentos para a pesquisa, além da atualização e apresentação de novo cronograma, TCLE e termo de assentimento, entende-se que atendeu às exigências do CEP/CHS e o presente parecer é favorável à aprovação do projeto.

Considerações Finais a critério do CEP:

Segundo a pesquisadora, "a pandemia de Covid-19 demanda que os pesquisadores desenvolvam novas formas de coleta que preservem a saúde de seus participantes. Dessa forma, propomos a substituição de entrevistas presenciais por entrevistas on-line realizadas por meio de plataformas de videoconferência, além de solicitarmos a inclusão de um novo instrumento, que contribuirá para a triangulação dos dados". O CEP/CHS avaliou a nova documentação enviada. Por meio de novo parecer, reitera a aprovação do projeto de pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1674699_E1.pdf	04/12/2020 21:59:07		Aceito
Orçamento	Orcamentoj.pdf	04/12/2020 21:56:59	Isabela Machado da Silva	Aceito
Cronograma	CronogramaJ.pdf	04/12/2020 21:56:47	Isabela Machado da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_e_termo_assentimento.docx	04/12/2020 21:56:08	Isabela Machado da Silva	Aceito
Outros	Emendaj.docx	04/12/2020 21:55:21	Isabela Machado da Silva	Aceito
Outros	Lattes_Regina_Lucia_Sucupira_Pedroza.pdf	13/02/2020 23:41:08	JULIA GOUVEIA DE MATTOS LEME	Aceito
Outros	Lattes_Isabela_Machado_da_Silva.pdf	13/02/2020	JULIA GOUVEIA DE	Aceito

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 4.475.783

Outros	Lattes_Isabela_Machado_da_Silva.pdf	23:40:37	MATTOS LEME	Aceito
Outros	Lattes_Julia_Gouveia_de_Mattos_Leme.pdf	13/02/2020 23:40:17	JULIA GOUVEIA DE MATTOS LEME	Aceito
Outros	carta_encaminhamento.pdf	13/02/2020 23:37:32	JULIA GOUVEIA DE MATTOS LEME	Aceito
Outros	carta_revisao_etica.pdf	13/02/2020 23:37:07	JULIA GOUVEIA DE MATTOS LEME	Aceito
Outros	Justificativa_nao_inclusao_Aceite_Institucional.pdf	13/02/2020 23:35:38	JULIA GOUVEIA DE MATTOS LEME	Aceito
Outros	Instrumento_Entrevista_Semiestruturada.pdf	13/02/2020 23:33:57	JULIA GOUVEIA DE MATTOS LEME	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_detalhado.pdf	13/02/2020 23:24:50	JULIA GOUVEIA DE MATTOS LEME	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_assinada.pdf	13/02/2020 23:20:59	JULIA GOUVEIA DE MATTOS LEME	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 18 de Dezembro de 2020

Assinado por:
Érica Quinaglia Silva
(Coordenador(a))

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

Anexo 2: Formulário de avaliação para os artigos pré-selecionados:

1. Em qual plataforma o estudo foi coletado?
2. Qual o nome do estudo?
3. Qual o tipo de estudo (artigos publicados/literatura cinzenta)?
4. Qual o link de acesso ao estudo?
5. Qual o DOI do estudo?
6. Quem são os autores do estudo?
7. Qual o ano de publicação do estudo?
8. Qual o país de publicação do estudo?
9. Qual o tipo de análise de dados do estudo (qualitativo, quantitativo, multimétodos)?
10. Qual o método de avaliação utilizado no estudo (questionário, entrevista, diário, observação, outro)?
11. Qual o foco de estudo do artigo (influência da prática esportiva nas relações familiares/influência das relações familiares na prática esportiva/ambos/outro)?
12. Qual o objetivo do estudo?
13. Quais foram as variáveis observadas no estudo?
14. Qual o grau de parentesco dos participantes do estudo?
15. Os familiares apontados compartilham o ambiente de atividade física em questão?
16. Qual foi a população que participou do estudo (características da amostra)?
17. Qual a faixa etária das pessoas que participaram do estudo?
18. Qual o grau de escolaridade das pessoas que participaram do estudo?
19. Quais os principais resultados encontrados no estudo?
20. Quais foram as conclusões do estudo, e como essas conclusões foram explicadas?
21. O estudo propõe algum tipo de intervenção?

22. Caso exista alguma outra informação relevante citada no estudo e que não foi abordada no formulário, descreva-a.
23. Após a leitura integral desse estudo, ele continua atendendo aos critérios de inclusão da revisão integrativa de literatura (a influência da vivência esportiva nas relações familiares)?
24. Quais foram os critérios de inclusão ou de exclusão do estudo?

Anexo 3: Entrevista Familiar Estruturada

Tarefa 1: "Vamos imaginar que vocês teriam de mudar-se da casa onde moram no prazo máximo de um mês. Gostaria que vocês planejassem agora, em conjunto, como seria a mudança. "

O objetivo desta tarefa é verificar como a família funciona quando necessita fazer, em conjunto, algo que lhe é solicitado com certa pressão externa. A escolha do tema mudança e a estipulação do prazo de um mês visam conseguir maior envolvimento dos membros da família com a tarefa, tendo em vista que qualquer família poderia ver-se um dia, pelos mais diferentes motivos, diante dessa situação.

Mais importante que o conteúdo das respostas dadas ao estímulo apresentado é a forma como a família lida com a proposta que lhe é feita, ou seja, como a família atua como grupo. Podemos observar, a partir da dinâmica estabelecida, de que maneira se processa a comunicação na família, como cada membro assume seu papel familiar, como são as regras familiares sobre semelhanças e diferenças, como a família lida com o conflito quando este surge, se surgem e como surgem as lideranças e em que medida a integração grupai é capaz de levar o grupo familiar a ser produtivo e chegar a conclusões conjuntas, respeitando a individualização de cada membro.

Tarefa 2: "Quando você está fazendo uma coisa qualquer, mas fica difícil terminar essa tarefa sozinho, o que você faz? "

Essa tarefa pretende avaliar em que medida os membros da família são capazes de buscar ajuda sem desmerecer seus próprios recursos e, a partir daí, fornecer dados sobre a auto-estima de cada membro. Indivíduos autodesvalorizados podem ter dificuldade em pedir ajuda e, quando o fazem, podem não conseguir explicitar claramente seu pedido, que nem chega a ser entendido pelo outro. Pode ocorrer também que indivíduos muito autovalorizados não peçam ajuda por serem auto-suficientes. O importante, nessa tarefa, não é investigar apenas se os membros da família pedem ou não pedem ajuda, mas sobretudo verificar em que postura o fazem - quando, como e a quem dirigem seu pedido de ajuda - e, se não o fazem, por quê.

Além de especificamente obtermos dados sobre a auto-estima de cada membro da família, através dessa proposta poderemos observar também, de maneira geral, como são as regras familiares sobre auto-valorização, como os membros da família interagem para resolver os seus problemas, como são desempenhados os papéis familiares, sobretudo os papéis de pai e mãe.

Tarefa 3: "Diga de que coisas você mais gosta em você. "

Essa é uma das seis tarefas utilizadas por Ford e Herrick (1971) na "Entrevista de Avaliação Familiar Via Video Tape". Segundo esses autores, ela se constitui numa forma de descobrir que coisas boas se permite a alguém dizer a respeito de si mesmo e, inferencialmente, o que cada pessoa se permite dizer de acordo com seu superego; é também uma forma de descobrir o que é permitido pela família e pelas regras pessoais.

Ao propormos a mesma tarefa na EFE, pretendemos obter indicações sobre a auto-estima dos membros da família, na medida em que cada um conseguir, ou não, ver coisas boas em si mesmo, ou seja, gostar, ou não, de si mesmo. Estamos interessados não apenas na dimensão individual da auto-estima, mas, principalmente, em avaliar em que medida a dinâmica familiar - a

partir, sobretudo, de como os pais se auto-valorizam - permite e facilita a formação e a explicitação de sentimentos de valor positivo nos membros da família.

Tarefa 4: "Como é um dia de feriado na família? "

Um dos objetivos específicos dessa tarefa é fazer uma avaliação da relação conjugal. Caso não surja espontaneamente, nas respostas da família, nada de específico sobre o casal, o entrevistador pergunta explicitamente sobre as atividades do mesmo. Pretende-se verificar com essa tarefa se os membros do casal interagem como marido e mulher, ou seja, se o subsistema conjugal está presente na família, se nesse subsistema os membros do casal se individualizam e se funcionam como modelo de uma relação homem-mulher gratificante.

Essa tarefa permite-nos também obter dados importantes sobre as regras familiares relacionadas ao lazer e à tomada de decisões, sobre o manejo das semelhanças e diferenças, sobre a maneira como os membros da família se agrupam e se individualizam.

Tarefa 5: "Imagine que você está em sua casa, discutindo com uma pessoa qualquer de sua família, e alguém bate à porta. Quando você vai atender, a pessoa com quem você estava discutindo lhe dá um empurrão. O que você faz? "

Nessa situação, podemos observar se as regras familiares permitem a expressão de sentimentos agressivos e se a agressão pode ser livremente expressa em relação a qualquer membro da família. É importante verificar se há espaços na família para que seus membros possam vivenciar sentimentos de raiva, sem a ameaça da destruição, e possam usar sua agressividade de forma construtiva.

Além disso, essa tarefa possibilita uma avaliação de interação conjugal e da interação do grupo familiar, através do fornecimento de dados importantes relacionados ao manejo das discordâncias e dos conflitos, e às regras sobre autoridade e poder familiar.

Tarefa 6: "Cada um de vocês vai escolher uma ou várias pessoas da família, pode ser qualquer pessoa, e vai fazer alguma coisa para mostrar a essa pessoa que gosta dela, sem dizer nenhuma palavra. "

Essa tarefa, na medida em que impede que a palavra seja utilizada, pretende verificar principalmente se as regras familiares permitem o contato físico como manifestação da afeição. É importante observar se ocorrem, e como ocorrem, os contatos físicos entre os membros do casal, entre os pais e os filhos, e entre os irmãos.

Ao mesmo tempo em que essa tarefa possibilita uma avaliação sobre as trocas afetivas entre os membros da família, fornece também dados significativos sobre a comunicação não-verbal e sobre os processos de individualização e integração no grupo familiar.

Anexo 4: Entrevista Semiestruturada - Exploração de Experiências em Participação

Esportiva Junto a Familiares

Questionamentos para a entrevista semiestruturada:

1. Nome
2. Data de Nascimento
3. Sexo
4. Renda
5. Escolaridade
6. Profissão
7. Estado Civil
8. Grau de parentesco com o(s) familiar(es) colegas de prática
9. Como você avalia a sua relação com o(s) seu(s) familiar(es) em questão?
10. Há quanto tempo você pratica Karatê?
11. O que o(a) levou a praticar Karatê?
12. Algum membro da família já praticava Karatê ou outra arte marcial antes?
13. Em que momento você começou a praticar Karatê com seu familiar?
14. Como você avaliaria a sua experiência em praticar Karatê com o(s) seu(s) parente(s)?
15. Em sua opinião, como o restante da sua família percebe a prática esportiva conjunta de vocês?
16. Como é para você se engajar em uma situação esportiva de combate físico com o(s) seu(s) familiar(es)?
17. Você já presenciou situações onde filhos possuem maior graduação no sistema de faixas que os pais, exercendo no ambiente de arte marcial maior autoridade hierárquica?

a. Isso acontece com você? Se sim, como você se sente?

b. Se não, o que você pensa a respeito desse tipo de situação?

18. Quais as repercussões que você observou na sua relação com este(s) familiar(es) após passarem a realizar a atividade esportiva juntos?

19. Como você avalia as repercussões das vivências no Karatê fora do dojo na relação com os seu(s) parente(s)?

20. Na sua opinião, você acredita que as vivências familiares que ocorrem fora do dojo influenciam na prática do Karatê?

21. Como você se sente ao ser observado(a) pelo(s) seu(s) parente(s) em seu próprio progresso na prática da arte marcial?

22. Como você se sente ao ser observado(a) pelo(s) seu(s) parente(s) em suas próprias dificuldades na prática da arte marcial?

23. Como você se sente ao observar o progresso de seu(s) parente(s) na prática da arte marcial?

24. Como você se sente ao observar as dificuldades de seu(s) parente(s) na prática da arte marcial?

25. Quais vantagens você percebe em realizar Karatê em conjunto com membros de sua família?

26. Quais desvantagens você percebe em realizar Karatê em conjunto com membros de sua família?

27. Como você sente que a pandemia da COVID-19 influenciou a dinâmica familiar de vocês?

28. Vocês aderiram ao isolamento social? Em caso afirmativo, realizaram práticas *online* de Karatê?

29. Que repercussões a interrupção da prática presencial de Karatê e o fechamento temporário das academias de artes marciais tiveram em sua família?

30. Vocês continuaram com os treinos em conjunto? Como foi a decisão de continuar ou não a prática?

Anexo 5: Termo de Autorização para Utilização de Imagem e Som de Voz para Fins de Pesquisa

**Termo de autorização para utilização de imagem e som de voz
para fins de pesquisa**

Eu, _____, autorizo a utilização de meu som de voz, na qualidade de participante/entrevistado/a no projeto de pesquisa intitulado *“Explorações de experiências de sistemas familiares inseridos na prática de Karatê-Do Shotokan”*, sob responsabilidade de *Júlia Gouveia de Mattos Leme* vinculada ao *programa de pós-graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília*.

Meu som de voz pode ser utilizado apenas para *análise por parte da equipe de pesquisa, apresentações em conferências profissionais e/ou acadêmicas e atividades educacionais*.

Tenho ciência de que não haverá registro de minha imagem ao longo da condução do estudo ou divulgação de meu som de voz por qualquer meio de comunicação, sejam eles televisão, rádio ou internet, exceto nas atividades vinculadas ao ensino e à pesquisa explicitadas acima. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às entrevistas audiogravadas são de responsabilidade do/da pesquisador/a responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, de meu som de voz registrado via aparelho gravador de áudio.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o/a pesquisador/a responsável pela pesquisa e a outra com o participante.

Assinatura do participante

Assinatura da pesquisadora

Brasília, ____ de _____ de _____

Anexo 6: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa *“Exploração de Experiências de Sistemas Familiares Inseridos na Prática de Karatê-Do Shotokan”*, de responsabilidade de *Júlia Gouveia de Mattos Leme (pesquisadora)*, estudante de *mestrado* da *Universidade de Brasília*. O objetivo desta pesquisa é *conhecer mais a fundo as experiências individuais de pessoas que praticam Karatê-Do Shotokan junto com pessoas da própria família*. Assim, gostaria de consultá-lo/a sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo/a. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como entrevistas e fitas de gravação ficarão sob a guarda da pesquisadora responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de *entrevista com duração média de 35 (trinta e cinco) a 40 (quarenta) minutos*. *A entrevista possui em sua primeira etapa 7 (sete) perguntas de caráter sociodemográfico, seguida de 19 (dezenove) questionamentos exploratórios acerca da experiência individual do entrevistado a respeito da prática de Karatê-Do Shotokan junto ao(s) familiar(es)*. *A entrevista será registrada por meio de gravador de voz e os dados serão posteriormente transcritos para análise*. É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. *Acredita-se que esta pesquisa ofereça risco mínimo aos participantes. Os riscos previstos são possíveis gastos financeiros para deslocamento até a Universidade de Brasília, bem como possível incômodo emocional devido à discussão de temas familiares. Caso sejam identificados por parte dos participantes ou da pesquisadora qualquer tipo de sofrimento ou desconforto provocados pela pesquisa, será realizado acolhimento imediato por parte da profissional, psicóloga com registro no CRP, disponível para ser acionada pelo estagiário condutor da entrevista durante todo o tempo da coleta de dados. Em seguida, será disponibilizado o contato de atendimento do serviço do Centro de Atendimento e Estudos Psicológicos (CAEP) da Universidade de Brasília, bem como de instituições que prestem serviço semelhante no Distrito Federal, sendo garantida a assistência psicológica a qualquer participante que dela necessite em decorrência da participação no estudo. Uma vez que os riscos sejam identificados, a participação na pesquisa poderá ser interrompida a qualquer momento pelo participante e/ou pesquisadora.*

Espera-se com esta pesquisa *abrir espaço de diálogo para que sejam trazidas reflexões a respeito do impacto da prática de artes marciais na dinâmica individual da família, possibilitando aos indivíduos oportunidade de maior autoconhecimento e compreensão do sistema familiar dentro e fora do ambiente esportivo*. Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone *(61) 98191-0111* ou pelo e-mail juliagouveiaunb@gmail.com.

A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de *etapa devolutiva após a análise das informações coletadas na entrevista, onde serão apresentados individualmente a cada participante os resultados gerais derivados do respectivo encontro realizado. Durante a devolutiva, será*

verificado se você concorda com a análise realizada a respeito de sua própria fala, se autoriza a publicação de todos os tópicos abordados e se acrescentaria algo ao projeto. Haverá também o envio do projeto concluído aos participantes que possuem interesse, podendo este projeto ser publicado posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep_chs@unb.br ou pelo telefone: (61) 3107 1592.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o/a pesquisador/a responsável pela pesquisa e a outra com você.

Assinatura do/da participante

Assinatura do/da pesquisador/a

Brasília, ____ de _____ de _____

Anexo 7: Termo de Assentimento

Termo de Assentimento

Você está sendo convidado para a nossa pesquisa, chamada “*Exploração de Experiências de Sistemas Familiares Inseridos na Prática de Karatê-Do Shotokan*”. Essa pesquisa é de responsabilidade de *Júlia Gouveia de Mattos Leme (pesquisadora)*, estudante de *mestrado* da *Universidade de Brasília*. Com esse estudo, o nosso objetivo é saber um pouco mais sobre como é para as pessoas praticarem Karatê junto com outras pessoas da própria família. A sua participação é completamente voluntária e você pode interromper a pesquisa a qualquer momento caso não queira mais participar.

Você irá receber todas as explicações necessárias antes, durante e após a entrevista, podendo sempre tirar qualquer dúvida que tiver a qualquer momento. O seu nome, os seus dados pessoais e qualquer outra informação que possa identificar você serão completamente retirados de qualquer análise e divulgação da pesquisa, e os dados de gravação de voz feitas na entrevista ficarão guardados sob responsabilidade da pesquisadora. A entrevista irá durar entre 35 (trinta e cinco) e 40 (quarenta) minutos aproximadamente, com um total de 26 (vinte e seis) perguntas. Dessas perguntas, 7 (sete) são sobre dados sociodemográficos e 19 (dezenove) são sobre a prática de Karatê junto com seu(s) familiar(es). As suas respostas serão registradas por meio de gravador de voz e depois transcritas para análise.

Acredita-se que a presente pesquisa apresenta risco mínimo aos participantes, podendo ocasionar eventuais desconfortos pelo tema da entrevista (interações familiares) e pelo deslocamento até o local da pesquisa (trânsito e despesas financeiras). Caso você sinta que a pesquisa te causou qualquer desconforto, é garantido a você acolhimento imediato pela responsável por essa pesquisa (psicóloga com registro profissional), disponível para ser chamada a qualquer momento pelo estagiário condutor da entrevista. Em seguida, será disponibilizado a você o contato de atendimento do serviço do Centro de Atendimento e Estudos Psicológicos (CAEP) da Universidade de Brasília, bem como de instituições que prestem serviço semelhante no Distrito Federal, sendo garantida a assistência psicológica a qualquer participante que dela necessite em decorrência da participação no estudo. Uma vez que os riscos sejam identificados, a participação na pesquisa poderá ser interrompida a qualquer momento pelo participante e/ou pesquisadora.

Esperamos com essa pesquisa dar oportunidades para que os participantes dialoguem e reflitam a respeito de como praticar artes marciais em conjunto influencia na dinâmica da família, possibilitando aos participantes espaços para o estímulo ao autoconhecimento e a reflexão a respeito de sua própria família dentro e fora do ambiente de esporte. Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar nenhum prejuízo a você.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode entrar em contato comigo através do telefone (61) 98209-4111 ou pelo e-mail juliagouveiaunb@gmail.com.

A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos a você por meio de etapa devolutiva após a análise das informações coletadas na entrevista, onde serão apresentados individualmente a cada participante os resultados gerais derivados do respectivo encontro realizado. Durante a devolutiva, será verificado se você concorda com a análise realizada a respeito de sua própria fala, se autoriza a publicação de todos os tópicos abordados e se acrescentaria algo ao projeto. Haverá também o envio do projeto concluído aos participantes que possuírem interesse, podendo este projeto ser publicado posteriormente na comunidade científica.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep_chs@unb.br ou pelo telefone: (61) 3107 1592.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o/a pesquisador/a responsável pela pesquisa e a outra com você.

Ao assinar, você concorda que compreendeu que a pesquisa é um estudo exploratório a respeito das experiências individuais de quem pratica Karatê junto com membros da própria família, e que passará por entrevista com duração de 35 (trinta e cinco) a 40 (quarenta) minutos com questões sociodemográficas e questões sobre a sua experiência esportiva junto com seu(s) parente(s). O seu anonimato é garantido, e após a análise entraremos em contato com você para mostrarmos os resultados de nossa entrevista. Nessa etapa, será verificado se você concorda com a análise realizada a respeito de sua própria fala, se autoriza a publicação de todos os tópicos abordados e se acrescentaria algo ao projeto, que poderá ser publicado posteriormente em revistas científicas.

Assinatura da criança/adolescente: _____

Assinatura dos pais/responsáveis: _____

Ass. Pesquisador: _____

Dia/mês/ano/local: _____